

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Marianne Novaes Falleiro Chaves de Figueiredo

**MODERNIDADE NA CHINA: IDENTIDADE, NACIONALISMO E
GLOBALIZAÇÃO.**

ORIENTADOR: Prof. Dr. Williams da Silva Gonçalves

RIO DE JANEIRO

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Marianne Novaes Falleiro Chaves de Figueiredo

**MODERNIDADE NA CHINA: IDENTIDADE, NACIONALISMO E
GLOBALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: História das Relações Internacionais

Orientador: Prof. Dr. Williams da Silva Gonçalves

RIO DE JANEIRO

2007

Catálogo na fonte

UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

Marianne Novaes Falleiro Chaves de Figueiredo

**MODERNIDADE NA CHINA: IDENTIDADE, NACIONALISMO E
GLOBALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Política, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: História das Relações Internacionais

Aprovada em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Williams da Silva Gonçalves

Doutor em Sociologia

Universidade de São Paulo – USP

Prof. Dr. Orlando de Barros

Doutor em História Social

Universidade de São Paulo – USP

Prof. Dr. Severino Bezerra Cabral Filho

Doutor em Sociologia

Universidade de São Paulo – USP

RIO DE JANEIRO

2007

“A história é marcada por movimentos alternados através de uma linha imaginária que separa o Leste do Oeste na Eurásia.”

Heródoto 485 – 430 A.C. (In: *História*)

“**Oriente:** [Do lat. *Oriente*] **S.m.** 1. A parte onde nasce o sol; nascente, leste, este, levante. (...) **3.** A Ásia. **4.** *P. ext.* Os povos da Ásia; os orientais. **5.** O lado direito (do ponto de vista do observador) de uma carta geográfica. **Extremo Oriente.** Designação ampla dada pelos ocidentais à região da Ásia que compreende os países do Leste asiático (China, Japão, Coréia, Mongólia, Manchúria e a parte oriental da Sibéria), e que inclui, por vezes, os países do Sul e do Sudeste do continente e os arquipélagos das Filipinas e da Indonésia.” (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 2004)

“Estamos num ponto do tempo em que uma era de 400 anos está morrendo e outra está lutando para nascer – uma mudança de cultura, ciência, sociedade e instituições muito maior do que qualquer outra que o mundo já tenha experimentado. Temos à frente a possibilidade de regeneração da individualidade, da liberdade, da comunidade e da ética como o mundo nunca conheceu, e de uma harmonia com a natureza, com os outros e com a inteligência divina como o mundo jamais sonhou.”

Dee Hock (In: *O Nascimento da Era Caórdica*)

“Alice: Pode me dizer, por favor, por que caminho devo ir?

Gato: Isso tem a ver com o lugar onde queres chegar.

Alice: Qualquer lugar.

Gato: Neste caso qualquer caminho serve.”

Lewis Carroll (In: *Alice no País das Maravilhas*)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas que tenho encontrado no meu caminho.
Pelos quatro cantos do mundo sempre vejo a mesma inquietação nos olhos.
Fazem-me entender que nossos anseios são os mesmos.
Mas escolhemos formas diferentes de alcançá-los.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais ao professor Williams Gonçalves, meu orientador que suportou minha distância geográfica e me apoiou nos caminhos de pesquisa que segui. Debateu minhas idéias e, definitivamente, sem ele não teria encontrado apoio intelectual para esta tarefa.

Aos meus pais, pelas estórias do mundo enquanto crescia e pelo carinho sempre delegado. Apoio eterno de meus planos.

Aos meus avós paternos, por serem duplamente pais, mesmo tendo tantos netos.

À minha avó materna Clélia e minha madrinha e tia Jane, sem vocês não teria tido a oportunidade de ir à China e, principalmente, agradeço-as por tê-las como exemplo de perseverança, carinho sem medidas e paixão por tudo que temos por aprender nesta vida.

Ao meu melhor amigo e companheiro, João Bonatto. Sempre comigo até mesmo no extremo oriente. Através de seus olhos compreendi muito. Sem você, muito perderia sentido.

Aos meus irmãos, Vanius e Marisa. Obrigada pelo apoio e por me deixar amá-los.

Aos amigos feitos pelos lugares que passei nos últimos anos. Em todos aprendi muito e espero ter deixado algo de útil.

À minha tia Valéria, orientadora metodológica e sempre disposta a mais um conselho acadêmico essencial.

À Vanessa, do Departamento de História da UERJ, pelo apoio e pelas conversas agradáveis durante o curso. Obrigada pela amizade dedicada mesmo quando eu estava longe.

Ao Departamento de História da UERJ, por acreditar no meu projeto e me oferecer as ferramentas necessárias para realizá-lo.

Ao Caio, eterno companheiro. Felino dengoso que quando ninguém mais estava presente, ainda assim preferia minha silenciosa companhia. Mesmo depois de abandoná-lo para ir à China, me aceitou de volta e me presenteia com seu carinho sincero.

RESUMO

As transformações pelas quais a China passou nos últimos 150 anos de sua história são profundas. A modernização de sua sociedade, economia e cultura foi impulsionada pela crescente interdependência das Nações e medo de assimilação. O período comunista-maoísta (1949-1976) e o período da Reforma Econômica, começado em 1979, foram essenciais para a implantação dos preceitos modernos. Seguindo a esta sistemática transformação de identidade surgiu um questionamento social antagônico em relação às mudanças que ocorriam no país. Como resultado, um debate intelectual buscou, na década de 90, compreender as contradições internas chinesas. Nacionalismo, globalização, reforma econômica neoliberal e ideologia socialista foram temas deste debate. Ao final, esta busca por autoconhecimento capacitou aos chineses interpretar melhor o mundo a sua volta e o mundo exterior. Hoje o conceito de *chineseness* permeia o imaginário coletivo chinês na Terra-Mãe e os chineses de Além-Mar. Ambos, em conjunto com os estudiosos de outras nacionalidades dedicados ao mundo Sino, trabalham lado a lado na formação da *Chineseness* moderna. A globalização não só traz idéias do Ocidente para a China, mas também traz a China para mais perto de nós. Neste momento, compreender a identidade e o sentimento de nacionalismo chinês em face destas transformações de interdependência global se faz necessário e é o objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: China, modernidade, globalização.

ABSTRACT

The inner changes that China has gone through for the past 150 years of its history are deep. The modernization of its society, economy and culture was pushed by the world's nations growing interdependence and the fear of assimilation. The maoist-communist period (1949-1976) and the Reform period which began in 1979 were essential to implement the modern precepts. Following this systematic identity transformation, arose a social antagonistic questioning regarding the changes taking place in the country. As a result, an intellectual debate meant, in the 90's, to find the Chinese internal contradictions. Nationalism, globalization, neoliberal economic reform and socialist ideology were the main subjects of the debate. In the end, this quest for self-understanding, enabled them to better comprehend the world around and external to them. Today the Chineseness concept is part of the Chinese's collective imaginary in the Mainland and also for the Overseas Chinese. Together, along with interested people from other nations dedicated to the Chinese world, they build up this modern concept of Chineseness. Globalization not only brings them Western ideas, but also brings us China closer. At this very moment, understanding the Chinese identity and the nationalism feeling towards the global interdependence deep changes, proves itself necessary and is the main purpose of the present study.

Keywords: China, modernity, globalization.

Sumário

01. Introdução.....	11
02. Nacionalismo e Identidade.	20
02.1. <i>Chineseness</i> e os três universos da China Cultural;	20
02.2. Nacionalismo, aspectos históricos e balanço historiográfico;.....	24
02.3. Nacionalismo e Identidade nacional;.....	32
02.4. Tiananmen e o impasse ideológico;.....	39
02.5. Identidade Nacional e o Resto do Mundo;	44
03. Modernidade e Globalização.....	47
03.1. O debate.	48
03.2. Modernidade, nacionalismo e experiência Socialista;.....	55
03.3. China e o Resto do Mundo;	59
03.4. Modernidade e Globalização;	62
03.5. Os chineses da Diáspora;	66
04. Nova Revolução Cultural e Discurso Oficial.	71
04.1. Internet e a tecnologia da informação.....	71
04.2. Comportamento, Cultura e Cinema;	76
04.3. O Estado e a nova ideologia;	79
05. O Extremo Oriente (China) e o Extremo Ocidente (Brasil)	86
05.1. Brasil: elementos trazidos pela colonização portuguesa.	88
05.2. Pontos em comum no cenário mundial.....	90
05.3. A intimidade com o outro.	92
06. Considerações finais.....	93
07. Anexos.....	96
08. Referência Bibliográfica	103

01. Introdução

No extenso continente asiático, a oeste do Oceano Pacífico, está a República Popular da China¹. Grande país em dimensões geográficas (9.600.000 km²) e demográficas, mais de 1,3 bilhão de habitantes², equivalente a um sexto da população de nosso planeta.



Na história das civilizações humanas, a chinesa é representante antiga. Sua unidade data mais de 4 mil anos de história escrita; sua cultura milenar foi multiplicada nas gerações de seus filhos que hoje a carregam muito além do seu berço de nascimento às margens do Rio Amarelo (*Huang He*, 黄河)³. Debatida, questionada, temida ou encantadora, a China de nossos dias, sob forma da República Popular da China (RPC) traz muitas dúvidas e perguntas. Em franco crescimento sócio-econômico está em busca de seu espaço no mercado

¹ Ver mapa China anexo 1.

² Dados de SHI, Quin. **China**. Pequim: Nova Estrela, 1997.

³ Segundo maior rio da China com 4600 km, corre de Qinghai para o norte até a Mongólia Interior, e depois desce para o sul e leste, até o golfo do Bohai na província de Shandong. Rio Amarelo é *Huang He* 黄河 em mandarim; *Huang* 黄 significa amarelo e *He* 河, rio.

internacional e no Sistema-Mundo moderno de Nações. A distância geográfica nos separa fisicamente, ainda que as transformações nos meios de comunicação e transporte tenham sido extraordinárias. Brasil e China recentemente começaram esforço mútuo de conhecimento do outro. Para nós brasileiros, as expectativas são muitas. Para a *intelligentia* brasileira o desafio maior ainda.

Lucian Pye, sinólogo⁴, defende que a China não seria apenas mais um Estado-Nação na família de nações e sim uma civilização buscando ser um Estado Moderno. Numa analogia ao nosso histórico ocidental, Pye defende que seria como se a Europa do Império Romano tivesse durado até nossos dias e estivesse neste momento buscando funcionar como um único Estado-Nação (PYE 1990, p. 58). Tal analogia nos ajuda a ter melhor perspectiva da idade da cultura política chinesa e sua força de coesão como um povo. Contudo, trazer à nossa realidade a história de outros pode nos ajudar a iniciar o entendimento, mas não deve ser norte orientador de um trabalho que busque compreender a China.

A despeito de analogias ocidentais que facilitam aos povos do Oeste entender melhor o Oriente, elas são limitadas em explicações reais da problemática. Nos últimos anos a historiografia sobre China e Oriente desenvolveu-se consideravelmente e um afastamento da história eurocêntrica tem sido o caminho mais acertado para evitar mutações que ocorrem quando tentamos espelhar nossas experiências à de outros. Durante este trabalho será sempre levada em consideração a questão do orientalismo de Said para evitar tais deformações. De acordo com Said (1990) não há correspondência entre a realidade e a forma que ela é representada pelos intelectuais ocidentais, pois nestas representações estaria sempre embutido o ambiente e a linguagem do representador.

Dito isso, o trabalho que segue busca trazer uma visão endógena da Nação Moderna Chinesa em formação. Privilegia autores sinos, mas mesmo assim, sob a ótica dos Três

⁴ Nascido na China em 1921, de origem Euroamericana e educado nos EUA. Dedicou seu trabalho como acadêmico a estudar desenvolvimento político comparativo, construção da estrutura nacional e cultura política das Nações Asiáticas.

Universos⁵ que compõem a China Cultural, faz o uso de sinólogos que também seguem a filosofia de entender o país sob perspectivas chinesas, evitando as deformações orientalistas.

O fenômeno da opulência numérica do crescimento econômico chinês por mais de duas décadas, seu papel no tabuleiro das Relações Internacionais e proeminência no mercado econômico internacional cria crescente interesse público em se compreender este ator. Seja por motivos acadêmicos, econômicos, políticos ou meramente pessoal. Entretanto além de deformações orientalistas como as descritas, na maioria das vezes, os trabalhos recentes acessíveis em português se detêm meramente a descrições econômicas ou discursos políticos.

As transformações econômicas e a política chinesa são um resultado da história da formação deste ator como um Estado moderno. Esta transformação contém demandas, debates, pressões sociais que impulsionam o país ao posto que ocupa hoje. Uma retroalimentação que ilustra o caminho de seu povo, que a República Popular busca responder e orientar. O Estado é ativo na formação da China do século XXI, ele planeja sob suas teorias e responde ao mesmo tempo as demandas dos indivíduos que o compõem. Estes indivíduos, ao mesmo tempo – sob a influência do processo de globalização que esta orientação modernizante trouxe para seus dias – vêem suas vidas transformadas e respondem socialmente a esta transformação.

A *intelligentisia* chinesa também se transformou. No curso histórico chinês dos últimos 150 anos, a classe intelectual e formadora de opinião passou por muitas fases distintas; da tradicional posição elitista dos artistas e mandarins na antiga sociedade imperial, ao ostracismo e repúdio da revolução cultural; e nos dias de hoje ela se reinventa e repensa sua história e o curso da transformação econômica da década de 80 e 90.

Este debate intelectual será abordado neste trabalho e é a forma que utilizo para trazer ao leitor uma análise descritiva do questionamento e das pressões sociais em curso na

⁵ Explicação sobre os Três Universos da China Cultural no início do capítulo 2.

China. Ao abordar a questão do ressurgimento do sentimento nacionalista do país, o debate sobre modernidade e o impacto da globalização nestes processos, o trabalho trará à luz a RPC de nossos dias para a literatura em português e busca incitar maior discussão sobre o tema na agenda acadêmica brasileira.

Entender este país e conhecer melhor o porquê de suas decisões nos ajuda a fazer previsões mais acertadas e planejamentos estratégicos mais adequados. A China voltada para si mesma dos imperadores celestes do Império do Meio⁶ ou a República Popular de Mao Zedong⁷, só para chineses ou proletários, agora é muito mais que dragões vermelhos e lanternas.

Composta por 1.3 bilhão de integrantes na China continental e mais um grande número de chineses de Além-Mar, são reinventores de sua cultura e identidade espalhados pelo mundo e interagindo com ele, todos parte da China Cultural. Estes Chineses da diáspora, híbridos, pois muitas vezes são ocidentais por nascença e educação formal, porém orientais na identidade íntima familiar, também participam na construção do novo imaginário chinês e do pacto social dos últimos 15 anos com a Terra-Mãe. A compra do projeto modernizador, a inserção no mercado capitalista internacional e os conflitos ideológicos internos representados pelos eventos da Praça da Paz Celestial (*Tiananmen*), todos estes elementos fazem parte desta nova China. Nesta comunidade imaginada em formação, seus integrantes são tão cosmopolitas como qualquer nova-iorquino, londrino, paulistano ou japonês *high tech*. Esta China já moderna é o objeto de pesquisa deste trabalho.

Desta maneira, fica definido que o objetivo geral da dissertação é realizar uma análise descritiva da moderna sociedade contemporânea chinesa e sua identidade nacional.

⁶ De fato, China em chinês mandarim é *Zhong guó* que significa país (*guó*) do Meio/do Centro (*Zhong*).

⁷ Para a transcrição dos vocábulos chineses foi utilizado o sistema *pinyin*, oficialmente adotado em 1980 em substituição ao Wade-Giles, usado até então. No caso de algumas cidades (Cantão) e atores (KMT e Sun Yat-Sen) manteve-se a antiga transcrição, para que fosse melhor reconhecida pelo leitor.

Serão para tal abordados suas características sociais, caráter nacional, sentimento crescente de nacionalismo e debate interno intelectual chinês.

Os objetivos específicos são identificar atuais características sociais chinesas e contrapô-las aos modos tradicionais com a intenção de demonstrar transformação social; estudar o novo pacto social estabelecido pelos cidadãos chineses (residentes ou não na China continental) com seu Estado pós-Tiananmen e suas razões; analisar o novo nacionalismo chinês, suas raízes, seus catalisadores, e sua repercussão na nova identidade social da RPC e, por fim, trazer à luz o debate interno e o debate intelectual chinês sobre sua modernidade, seu nacionalismo e sua transformação social para apoiar a argumentação.

As hipóteses do trabalho são de que os quase 50 anos de aplicação dos fundamentos Modernos (principalmente através da experiência socialista) trouxeram transformações profundas à identidade chinesa como nação moderna, superando o culturalismo anterior que os conectava como um povo. Estes elementos de Modernidade e Industrialismo têm um papel importante nesta mudança. Também se tem como hipótese que um amadurecimento como Nação ocorreu por resultado da experiência socialista, da crescente interação com o Resto do Mundo e do processo de globalização que a Reforma trouxe à agenda chinesa. Defende-se que foi estabelecido um novo pacto social no país e com seus três universos da China Cultural. Este pacto tem bases distintas do anterior, estabelecido quando da formação da República Popular, em 1949, e responde ao crescente sentimento de nacionalismo tanto nas manifestações populares como no discurso teórico e oficial em desenvolvimento.

O foco de nacionalismo do trabalho, devido à natureza muito debatida e indefinida do conceito, será no nacionalismo como identidade de um Estado-Nação e seu impacto na percepção chinesa de sua realidade e seu posicionamento no Sistema-Mundo. O campo de análise é prioritariamente o universo interno chinês e sua reação a eventos internacionais de relevância, excluindo motivação dos eventos quando externa ao objeto do trabalho. Tal

escolha é feita por se tratar de uma dissertação de mestrado e para evitar desvios temáticos dos objetivos determinados. O domínio do trabalho é prioritariamente o cotidiano urbano. Um breve balanço historiográfico na questão da modernidade e do nacionalismo é instrumentalizado, mas com foco e orientado às questões do processo histórico chinês, não sendo um dos objetivos do trabalho debater estes conceitos e sim, simplesmente contribuir com novos exemplos à questão. Ao final, o trabalho deixará em aberto a questão instigando novos debates do tema na academia da língua portuguesa

O corte temporal inicial são as repercussões ideológicas dos eventos civis na Praça de Tiananmen em 1989. O choque do governo com os manifestantes, em maio daquele ano, deflagrou um movimento intelectual importante onde a “inocência” dos primeiros anos da reforma foi abandonada e se buscou as raízes da crise intelectual e ideológica na China. A crise também afetava a cultura popular e estava inscrita no movimento. O movimento de 89 continha em si mesmo forças de esquerda e direita, não era um movimento coeso e sim um retrato da ambigüidade das mudanças em curso e anseios que isso causava. Num mesmo movimento havia forças contra e pro reforma, foi um ápice da expressão social quanto à incerteza do futuro e do antagonismo de um governo que reformava a economia, criando um mercado. Todos os níveis sociais foram atingidos por estas transformações, ainda assim, o Estado mantinha a antiga ideologia socialista que falhava em trazer respostas e explicações à crescente desigualdade social que criava.

Sua repercussão social e seu fracasso como movimento organizado gerou quase uma década de repensamento ideológico pela *intelligentisia* chinesa. A busca por entendimento das novas pressões sociais tomou o país, foi um movimento por autoconhecimento. Repensaram várias linhas teóricas e repensaram o ocidentalismo na agenda acadêmica chinesa. Como caráter exemplificativo da argumentação é resgatada a raiz histórica do movimento. Contudo

o debate pós-Tiananmen é que realmente contém os elementos da delimitação temporal e temática do trabalho.

O corte temporal se estende até 1997. A partir deste ponto, com a crise econômica asiática, o debate é dado como terminado e seu foco se modifica com as repercussões econômicas mundiais de 97 e debates sobre neoliberalismo. O debate pós-Tiananmen contém muitos elementos da resposta chinesa à visão que o Resto do Mundo tem da China como ator internacional. A partir de 1997 o Sistema-Mundo transforma, de certa forma, sua concepção sobre o país e deixa um pouco de lado teorias como “A Ameaça Chinesa” ou “conter a China”. A atenção mundial está agora nos NICs⁸ e como superarão a crise internacional do momento. Em 1997 a China embarca em um novo estágio como nação com a volta de Hong Kong à sua soberania e a programada volta de Macau em 1999. Há um consenso entre os intelectuais chineses de que 1997 é o ano final do repensamento Chinês e que a partir de então o debate toma um novo rumo. De certa forma este também é um corte temporal de segurança, pois estendê-lo mais o aproximaria demasiadamente dos nossos dias e certo afastamento temporal é necessário para avaliarmos quais tendências e idéias realmente acabaram por ter relevância nesta análise descritiva da sociedade contemporânea chinesa e sua identidade nacional.

A proposta do trabalho tem relevância por se dedicar ao estudo de um ator internacional de peso. Quanto ao nosso entendimento teórico dele, ainda existem lacunas que podem levar a conceituações desvirtuadas.

Compreender o novo pacto social chinês, sua identidade cultural e sua influência na China é essencial para as análises mais realísticas do processo econômico em curso. São ferramentas para projeções e planejamento de outros Estados em como proceder com este país, por entender suas forças internas. Países não são somente números de balanças

⁸ NICs : *newly industrialized countries*. Ou Países recém-industrializados.

comerciais ou discurso oficial. Às nações ocidentais falta um reconhecimento claro da identidade e imagem interna da China, pois os estereótipos ou presunções ultrapassadas costumam vigorar.

Ao abordar a transformação do sistema social chinês através de novos instrumentos conceituais que buscam rompimento com a visão estritamente orientalista do processo, o trabalho se propõe a suprir parte desta lacuna e instigar novas pesquisas. É um caminho analítico ainda pouco explorado, mas que uma vez levado em consideração se prova relevante no universo das Relações Internacionais. A República Popular da China está constantemente presente em nossos dias. Historicamente suas decisões políticas influenciam o âmbito internacional, não só na Ásia, mas mundialmente. Estatisticamente estamos falando de mais de um bilhão e trezentos milhões de cidadãos e uma capacidade de produção industrial e consumo muito grande; temos hoje produtos e indivíduos chineses espalhados por todo o mundo e a China tem sido eleita um dos melhores parceiros econômicos da atualidade. Estudar este país continental que possui a maior população do mundo, agrega importância não apenas por sua potencialidade econômica e peso político-cultural, mas sobretudo porque é na atualidade um importante segmento para o entendimento da evolução do pensamento histórico-cultural do planeta.

No capítulo sobre nacionalismo e identidade, o leitor será apresentado aos três universos da China Cultural e a estrutura de seu nacionalismo. Nele, o impasse ideológico causado pelos eventos da Praça da Paz Celestial (*Tiananmen*) é resgatado e explicado para identificarmos sua influência no imaginário coletivo e nas implicações internas.

O comportamento internacional e as influências da globalização e da modernidade dentro das fronteiras chinesas é o tema do capítulo 3. Nele, o papel dos chineses que vivem fora da Terra-Mãe é identificado. A formação de sua identidade também é estudada para entendermos o que é ser chinês fora de sua terra e por que investem tanto na terra de origem.

A nova revolução cultural e o discurso oficial do Estado são tema do capítulo 4, onde Internet, tecnologia da informação, comportamento, cultura, cinema e educação patriótica buscam ilustrar as transformações sociais que ocorrem desde a implantação do *gaige kaifang* (Reforma econômica).

Por fim, o capítulo 5 trabalha as similaridades entre a sociedade brasileira e a sociedade chinesa para mostrar as afinidades históricas que compartilhamos e ajudar na aproximação benéfica que o relacionamento entre estes dois países pode oferecer para o desenvolvimento mútuo.

As considerações finais do trabalho deixam uma mensagem de incentivo à pesquisa deste ator e concluem o pensamento científico.

02. Nacionalismo e Identidade

“The conventional explanation of the origins of Chinese nationalism is set forth in the ‘from-culturalism-to-nationalism’ thesis, which argues that the Confucian image of China was a culturally defined community rather than an ethnically/politically defined nation-state.”⁹ (ZHAO, 2004, p. 12).

O nacionalismo chinês é um elemento importante para compreender a identidade da China contemporânea. Moderna e em franca inserção no Sistema-Mundo, este conceito combina noção territorial e social de autodeterminação, moral, ritos, e de proteção legítima contra os “outros” e faz parte do debate das idéias sobre a China na atualidade.

Várias posições diferentes dialogam neste debate. Causa, consequência e ramificações têm seus resultados no dia-a-dia. O propósito do capítulo que segue é oferecer uma análise da questão nacional na China. Seu caráter nacional, sua identidade e sentimento nacionalista são analisados para construir um quadro ilustrativo.

02.1. *Chineseness* e os três universos da China Cultural

“Definimos o caráter nacional, provisoriamente, como o complexo de características físicas e mentais que distinguem uma nação de outra; (...)

O caráter nacional é mutável. Os membros de uma nação ligam-se por uma comunhão do caráter num período definido; de modo algum a nação de nossa época está ligada a seus ancestrais de dois ou três milênios.” (BAUER, 1924, p. 46).

Entender a expressão do caráter nacional chinês de nossos tempos é necessário para se compreender a atual sociedade chinesa. Este conceito de *Chineseness*¹⁰ deve se desprender da versão tradicional do que seria ser chinês: pertencer a uma das etnias chinesas (linhagem

⁹ “a explicação convencional para o nacionalismo chinês é estabelecida na tese de ‘do-culturalismo-ao-nacionalismo’, que argumenta que a imagem Confuciana de China era definida culturalmente ao invés de ser um Estado-Nação definido étnico/politicamente.”(Tradução da autora)

¹⁰ Baseado no conceito de *Nation-ness* de Benedict Anderson, onde este seria o “valor mais universalmente legítimo na vida política da nossa era” (1989, p. 11).

biológica traçável até o Imperador Amarelo), falar mandarim ou uma das *Putonghua*¹¹, ter nascido no território do Império Celestial do Centro e viver sob a filosofia do código de ética Confuciano em prol da Terra-Mãe.

O conceito atual de *Chineseness* vai além destas características. É fluído e está em transformação. Sofre influências da Modernidade, do Progresso, do contato constante com o Resto do Mundo, por tantos anos tradicionalmente evitado. Interações com os chineses de além-mar deixam marcas profundas, e com as comunidades da Terra-Mãe se comunicam, trocando experiências e impressões do mundo exterior e íntimo, numa retro-alimentação profunda. A modernidade, a velocidade da globalização lhes pressiona.

Em “*The living tree: the changing meaning of being chinese today*” (A árvore viva: o significado mutante de ser chinês hoje), compilação editada pelo professor Tu Wei-Ming¹², no primeiro capítulo pergunta aos intelectuais e às pessoas comuns de seu país se seria necessário passarem por uma total transformação do que é ser chinês (*chineseness*) em prol da Modernização da China (TU, 1994, p. 5). Este questionamento, reativado em meados da década de 80, remete ao questionamento protonacionalista chinês de 4 de Maio, no começo do século XX, na época também impulsionado pela crescente interação do mundo chinês com o Resto do Mundo.

Em face da modernidade, dos preceitos de progresso, da globalização, da normatização dos ritos, ícones e objetivos se perguntam se seria necessário uma reação iconoclasta para atingir a modernização; se deixar de ser chinês e ocidentalizar-se, adotando o modo de vida euroamericano seria o caminho para não ser deixado para trás e alcançar o desenvolvimento moderno. O professor Tu rechaça a tendência linear de medir níveis de

¹¹ *Putonghua* 普通话: língua do povo, língua comum. Designação em chinês para os dialetos das etnias que compõem a comunidade imaginária chinesa. Exemplos: Mandarim, Cantonês, Tawianês, Wu, Yue. Todos de mesma escrita mas cada um com um código de pronúncia distinto.

¹² Intelectual confuciano, nascido em Kunming, na China continental, atualmente chefe do Instituto Harvard-Yenching para estudos de humanidades e ciências sociais do Extremo Oriente. Professor de História Chinesa e Filosofia *Harvard University*. Autor de diversos livros sobre o pensamento Confuciano e política.

modernização. Defende a existência de uma forma definitivamente moderna, distinguivelmente do oriente asiático, “Pós-Confuciana” ou do “Mundo Sino”. Este modelo é caracterizado socialmente por coesão familiar, baixas taxas de criminalidade e grande percentual de poupança, todos relativamente similares a outros estágios modernos das sociedades industrializadas. E assim nos questiona: “em suma, de que forma a emergência do Leste Asiático desafia nossas concepções de crescimento econômico, desenvolvimento político, transformação social e mudanças culturais mais profundamente enraizados?”¹³ (1994, p. 7).

Está em curso uma transformação do significado de ser chinês. A agenda é determinada por atores distintos do Universo Cultural Chinês, e sua importância neste palco também está em transformação.

Hoje o sentido real do caráter chinês e sua retroalimentação diária é formado e trabalhado no conjunto desta China Cultural (TU, 1994), nos três universos que a compõem e interagem constantemente entre si: o primeiro universo seria a China Continental (a Terra-Mãe), Taiwan, Hong Kong, Macau e Cingapura (sociedades compostas predominantemente pelas etnias chinesas), o segundo universo seria composto pelas comunidades Chinesas de além-mar ao redor do globo, principalmente as comunidades da Malásia, onde são 35%, e dos EEUU¹⁴, e por fim, o terceiro universo seria composto de indivíduos (homens e mulheres) estudiosos, profissionais, jornalistas, escritores, *traders*, empresários de distintas nacionalidades que se dedicam a entender intelectualmente a China e com isso levam seus entendimentos e conceitos para suas próprias comunidades lingüísticas.

Esse debate sobre o caráter chinês, sobre a "*Chineseness*", ao tratar da China Cultural, traça um quadro histórico da evolução da questão nacional chinesa e de sua

¹³ “*In short, how does the rise of East Asia challenge our deep-rooted conceptions of economic growth, political development, social transformation, and cultural change?*”

¹⁴ Estes chineses da diáspora, cerca de 60 milhões, se assentaram em comunidades chinesas espalhadas pelo mundo afora e, com exceção da Malásia, não passam de 3% da população dos países onde se encontram.

transformação. Nos últimos 60 anos a periferia da China Cultural, o terceiro e o segundo universos, foram os maiores responsáveis pela impressão mundial que desenvolvemos do que é a China e pelo estabelecimento da agenda de debate sobre o país. Estes dois universos continuam a jogar um importante papel no entendimento do caráter chinês atual pela quantidade de trabalhos de qualidade sobre o país e também pela atuação direta nos investimentos e influência em suas comunidades (no caso do segundo universo). Entretanto, com a reorientação intelectual pós-*Tiananmen* a comunidade do primeiro universo, principalmente a da China continental, saindo do entorpecimento em que se encontrava¹⁵, emerge como o principal ator na definição da agenda sobre o Caráter Chinês, do estudo sobre o Nacionalismo e sobre *Chineseness*. O terceiro universo de intelectuais sinólogos agora interage com eles neste trabalho, pois os intelectuais chineses não dispensam os trabalhos de qualidade, mas são eles agora que direcionam o pensamento, através de uma visão endógena e de pessoas que viveram o processo histórico chinês. Além disso, as universidades chinesas cada vez mais interagem com a comunidade acadêmica internacional. Assim, o conceito de centro cultural e periferia cultural passa a perder sentido, num momento em que se reconhece que a China Cultural é composta de três universos em interação.

A velocidade das mudanças culturais e sociais da China acaba dando certa vantagem aos intelectuais que se encontram no país para capturar todos os elementos e fatos pertinentes. A comunidade internacional acadêmica passa a dar uma voz maior aos intelectuais chineses e seus trabalhos, no mesmo momento em que estes requerem para si a função e, independente de esta lhe ser delegada, o fazem e conseguem seu espaço por si só.

O Primeiro Universo da China Cultural que seria o central interage com os dois universos periféricos de uma forma mais harmoniosa. Dentro deste universo, a própria China

¹⁵ devido a suas experiências anteriores do período de ostracismo intelectual de Mao Zedong e posterior *cultural fever* dos anos 80 que também os desviaram de uma produção mais independente de pré-conceituação. Hoje a produção intelectual da década de 80 é tida como ingênua e ocidentalizada, sem o cuidado de adaptar os conceitos à realidade chinesa.

Continental tem interagido melhor com seus outros integrantes, Hong Kong, Taiwan, Macau e Cingapura. O novo entendimento dos universos da China cultural, amplo e rico, faz mais clara a compreensão do que seria ser chinês nos dias de hoje. Concomitante a este florescimento científico cultural, no arranjo da cultura popular, os mesmos três universos interagem e da mesma forma passam por uma mudança como o científico. Anteriormente as comunidades fora da China Continental tinham uma expressão cultural mais diversa devido à liberdade de expressão que gozavam, agora, com a liberdade crescente de expressão na China, e liberdade financeira de consumo, a cultura popular de criar novos ícones, ídolos e gostos que são professados e reinventados por todos também dita a agenda cultural das comunidades dos outros universos.

Chineseness é a expressão chinesa de ser, os conecta como povo, usa seu culturalismo *Han* anterior como ponto de partida, mas traz consigo todas as outras etnias sob um novo grande ser. Identifica este grupo de pessoas pelo seu jeito de viver, maneira de olhar o mundo e hoje pelo crescimento acelerado rumo ao mundo do progresso. Os entes pertencentes à Nação Chinesa, defendem sua *chineseness*, lutam por ela e escolheram fazer parte do mundo global de forma atuante. Desta forma protegem sua identidade, se protegem da assimilação. Em sua força como um povo definido terminam por trazer à Comunidade das Nações sua *chineseness*, mais um ator da globalização cultural em curso.

02.2. Nacionalismo, aspectos históricos e balanço historiográfico

O surgimento do nacionalismo chinês deve ser compreendido em um contexto de três aspectos indispensáveis para o observador: em primeiro lugar deve-se levar em consideração, seu histórico e suas implicações sobre o que é ser chinês ontem e hoje, buscando se distanciar das distorções etnocêntricas que podem acontecer quando o ocidente busca entender o oriente,

referenciais que nos são por vezes muito familiares não têm equivalente na linha do tempo chinesa e devemos nos policiar para não recorrer em distorções estereotipadas e equivocadas; em segundo lugar, o passado de ideologia socialista da RPC¹⁶ tem seu papel ainda forte na formação da identidade oficial e íntima do Estado e de seus membros, não tendo desaparecido com o crescimento econômico e sim se transformado, criando uma forma híbrida ideológica que interage com o mundo exterior e forma uma nova proposta de gestão econômica; este legado é muitas vezes responsável pela orientação política do governo, direcionando o rumo da integração chinesa no sistema-mundo atual.

Por fim, não podemos esquecer a importante relação destes dois aspectos previamente apresentados com os ventos e pretensões de modernização, da busca por um conceito de modernidade que a nação chinesa como um todo, multi-étnica, governo e cidadãos, dizem perseguir. Este terceiro conceito e aspecto mescla os dois anteriores em si, pois envolve o que é ser moderno no tradicional e milenar mundo chinês, um mundo que não mais se volta apenas para si, (esta etapa já foi superada) muito pelo contrário, a pujante China, com seu passado dinástico e socialista, se abre para o mundo para levar o que é chinês, para se afirmar. Esta é a melhor imagem do nacionalismo chinês: auto-afirmativo, autodeterminante.

Estes três aspectos, em conjunto, formam o caráter nacional chinês e lhes conferem as ferramentas para se afirmarem perante si e perante o mundo exterior. Outrora, em concordância com o pensamento de Bauer (1924)¹⁷ sobre a interação do socialismo, modernidade e nacionalismo, se formou a República Popular da China. Hoje, estes três aspectos continuam em interação na constante reinvenção do nacionalismo chinês.

¹⁶ República Popular da China.

¹⁷ As matrizes européias do nacionalismo são usadas para dar forma ao balanço historiográfico, como uma ajuda para nos aproximar do processo deles através de nossos referenciais.

Perspectiva Histórica

“Na Europa Oriental e na Ásia, a época das revoluções democráticas burguesas não começou até 1905. As revoluções da Rússia, Pérsia, Turquia e China, as guerras dos Bálcãs: esta é a cadeia de acontecimentos mundiais ocorridos em *nossa* época no nosso ‘Oriente’. E nesta cadeia de acontecimentos somente um cego pode não ver o despertar de toda uma série de movimentos nacionais democráticos burgueses, de tendência a criar Estados independentes e unidos no aspecto nacional. Exatamente e exclusivamente porque Rússia e seus países vizinhos atravessavam por essa época precisamos de um programa para entendimento sobre o Direito das Nações a Autodeterminação.”(LENIN, 1979, p. 513).

Foi a chegada do mundo moderno impositivamente em território chinês no século XIX que alavancou o desenvolvimento de seu sentimento de nação, tendo na ótica do socialismo sua maior expressão e representatividade dentro das vontades do que se entendia como nacional.

De 1889 a 1899, como parte da onda geral de expansão imperialista, as potências estrangeiras do mundo ocidental intensificaram suas pressões e abusos políticos e econômicos sobre uma China dinástica em franca decadência. A presença estrangeira, tão escassa e mesmo evitada nos séculos anteriores, fazia-se cada vez mais presente. Ingleses, alemães, russos, japoneses e estadunidenses esticavam suas esferas de influência para o País do Centro em busca de acordos comerciais e tratados militares. Um sentimento geral de retalhamento de seu território servindo a interesses de outros começava a dominar a elite pensante chinesa, criando uma crescente atmosfera de hostilidade e medo nos súditos da Dinastia Celeste Qing manchú¹⁸.

É exatamente esta atmosfera o berço do nacionalismo chinês. Nela se desenvolveram muitas faces de um nacionalismo pueril que:

“podem ser reunidas sob o nome de *nacionalismo*, o que, para os chineses, compreendia uma nova consciência de suas relações com as forças estrangeiras e os manchús. Supunha também a percepção correspondente do povo chinês como uma unidade que deveria ser mobilizada para sua própria sobrevivência.” (SPENCE, 2000, p.253).

¹⁸ Etnia vinda do norte da China, a Manchúria, e que firmou-se por guerra como governantes do Império do Centro 300 anos antes.

O questionamento se voltava à Dinastia Qing. Eles próprios eram estrangeiros que séculos antes, tomaram o poder vindos da Manchúria, mas que nos últimos anos, radicados em território Han (maior etnia oficial da RPC até hoje) incorporaram seus hábitos e costumes até mesmo para justificar seu governo. Posicionavam-se como filhos do céu, envolvendo-se nesta imagem sagrada em um país onde os sentimentos religiosos que as pessoas de outras partes do mundo têm para com um deus, seja no pensamento monoteísta ou politeísta, sempre foram dirigidos para o imperador, o Filho do Céu.

Mas como Lord Acton (1862) defende, um Estado que é incompetente em satisfazer raças diferentes acaba por condenar a si mesmo. O vigor e a complexidade crescente do novo nacionalismo chinês eram apenas um dos aspectos de uma nova busca de identidade que atravessou toda a sociedade chinesa no final da Dinastia Qing. As pressões econômicas, políticas, educacionais e sociais eram sentidas por praticamente todos, talvez com exceção dos que ainda viviam presos aos padrões rurais tradicionais longe das cidades, mas até este isolamento de uma população toda foi argumento para a revolução que estava por vir.

A nova geração educada da virada do século XX crescera sob referências distintas da anterior. O mundo exterior já não era tão distante e este contato causava tanto a atmosfera de desconfiança como também, esperança pelas novas idéias. Eles foram responsáveis pelo “Movimento de 4 de Maio”¹⁹, em 1919, que é considerado como um marco na história do nacionalismo chinês e englobou mais de 100 cidades em mais de 20 províncias, tendo assim, tido mais apoio popular que a Revolução de 1911 que derrubou a Dinastia Qing. Ele representa o ápice de um processo de afirmação autodeterminante nacionalista de cunho socialista contra a opressão que vinham sofrendo dos novos líderes de 1911. Estes haviam mantido os velhos acordos comerciais, práticas políticas e sociais das forças estrangeiras que

¹⁹ Expressão “movimento de 4 de maio” é usada para descrever as manifestações estudantis que ocorreram na praça Tiananmen em 4 de maio de 1919, em protesto contra os termos injustos do Tratado de Versalhes. Refere-se também ao período de fermentação intelectual iconoclasta que se seguiu aos protestos, que incluiu movimentos para adotar o uso do chinês popular na literatura e a exploração de diferentes modelos culturais e políticos ocidentais.

só se beneficiavam com o continuísmo.

A contribuição do “Movimento de 4 de Maio” foi acordar a consciência popular para os problemas do povo chinês, não de seus governantes, e assim preparou a fundação ideológica para o estabelecimento do Partido Comunista Chinês (PCC) poucos anos depois, já que foi responsável, em diversas formas, pela divulgação do pensamento marxista no território. Como diz Renato Ortiz (2001, p. 128) *“a luta contra o colonialismo é simultaneamente nacional e popular”*. Sentiam-se acuados e roubados pela presença estrangeira imperialista, traídos pelos novos líderes continuístas e financistas. O marxismo caía como uma luva em uma sociedade que já era em seu âmago coletivista e propensa à grandiosidade.

Muito antes da formação da República Popular, o marxismo já era estudado e defendido publicamente. E a simpatia popular com a jovem União Soviética somente aumentou quando esta revogou os tratados secretos do antigo Czar com os Qing, com as potências européias e com o Japão, sob a alegação de serem de cunho imperialista, devolvendo à jovem república chinesa territórios como a Manchúria e ferrovias de importante uso estratégico.

Os jovens intelectuais Chen Duxiu, Li Dazhao e Lu Xun foram os responsáveis iniciais pela adaptação da ideologia marxista à realidade chinesa e pela quebra de suas ligações com as tradições, abrindo espaço para uma nova identidade. Era um momento de iconoclastia.

Li Dazhao, bibliotecário-chefe e professor da Universidade de Pequim, a única que era mantida com um orçamento minimamente adequado e que nos 4 primeiros anos da Nova República Chinesa, proclamada em 1911, já se tornava o centro pensante da nova China, ocupou-se da tarefa de interpretar a ideologia marxista para a realidade chinesa; (lido e repetido por muitos) disse:

“A economia mundial contemporânea já está se movendo do capitalismo para o socialismo e, embora a China não tenha sofrido um processo de desenvolvimento econômico capitalista como o acontecido na Europa, América e Japão, o povo comum sofre indiretamente a opressão capitalista direta de uma forma ainda mais forte do que a opressão capitalista direta sofrida pelas classes trabalhadoras de várias nações.” (In: SPENCE, 2000, p. 304).

Ele incitava os jovens estudantes a irem ao campo investigar as reais condições de vida dos camponeses e afirmava:

“Nossa China é uma nação rural e a maioria da classe trabalhadora é composta de camponeses. Se eles não forem libertados, toda a nação não será libertada também; os sofrimentos deles são os de toda a nação; as vantagens e deficiências da vida deles são as vantagens e as deficiências de toda a nossa política. Saiam e devolvam-nos e façam-nos saber [que eles devem] exigir libertação, falem sobre os sofrimentos deles, acabem com a ignorância deles para que se tornem gente que irá planejar sua própria vida.” (In: SPENCE, 2000, p. 304).

Lu Xun, jovem educado e de família socialmente reconhecida, escolheu escrever em *Putonghua* em detrimento do tradicional chinês literário de seu tempo. Seus escritos tornaram-se extremamente populares e neles questionava a ordem vigente de opressão dos mais pobres em relação aos de classe social maior e ridicularizava os ritos da dinastia estrangeira manchú.

Neste processo podemos identificar os três elementos que Anderson (1989) acredita seriam indispensáveis na formação de uma comunidade imaginária nova. O Reino Dinástico sagrado entrava em decadência; houve com as incursões estrangeiras um “*alargamento abrupto do horizonte cultural e geográfico de um povo*” (p.24) e além disso, com todo este contato, a concepção de temporalidade mudava e agora gradualmente passavam a se sentir parte de um todo como classe trabalhadora oprimida. A Comunidade Imaginada do Chinês não era mais somente Han, Manchú, Hui, Yi, etc. O fator esquecimento do passado de diferenças, de guerras, desavenças, citado por Renan (1882) e Michelet (1846), aqui também teve sua devida importância. É a partir deste ponto que se forma uma noção de Nação Chinesa, multicultural, multiétnica, porém um só povo em um só território. Este pensamento também é a base das justificativas das atuais fronteiras chinesas, elas englobariam todas estas

etnias que fazem parte da identidade da Nação Chinesa milenar que compartilha o Caráter Nacional Chinês (BAUER, 1924), a comunhão do destino chinês por direito dentro de uma só fronteira.

Esta “*comunhão do destino*”, nos explica Bauer, abrange o complexo de características físicas e mentais que distinguem uma nação da outra em um determinado período de tempo e se expressa na experiência comum de seus participantes na idéia de um mesmo destino, em constante comunicação e integração contínua uns com os outros (1924, p. 57). E foi na ideologia socialista em expansão no território e nas mentes dos chineses que estes indivíduos do Delta do *Huang He* (berço da civilização Chinesa) encontraram sua comunhão do destino, que formaram sua comunidade imaginária: a nação chinesa (*Zhonghua Minzu*).

Estes são basicamente os fatores do caráter e histórico chinês que devemos levar em consideração ao analisarmos as perspectivas históricas do nacionalismo chinês. Estes aspectos permeiam a concepção atual da identidade chinesa, fazem parte da sua *Chineseness*, são datas comemorativas, são textos escolares, são cantos e contos tradicionais. São a base da Revolução Socialista Marxista que estava por estacionar em território chinês e que no decorrer dos próximos 30 anos lutariam entre si, em frentes distintas pelo poder, mas sob ideologias em vários pontos similares, culminando, em outubro de 1949, na formação da República Popular da China, sob o comando de Mao Zedong, Deng Xiaoping, Zhou Enlai e outros (todos ativistas do 4 de Maio quando jovens).

O Nacionalismo Chinês é, portanto, um conjunto de fatores, teorias políticas, e historiografias culturais representadas nos movimentos e crenças de sua gente. Justificam a idéia de uma cultura e povo coeso unificado sob o comando de um Estado primordialmente chinês. Isto estabeleceria um Estado mais forte, por ser multiétnico e de grandes medidas.

Esta forma de pensar vai ao encontro com o argumento de Lord Acton²⁰ sobre a superioridade dos Estados que englobam nacionalidades distintas, já que, segundo ele a diversidade preservaria a liberdade e a liberdade a diversidade, pelo menos na intenção inicial dos revolucionários chineses.

A manutenção do ideal de uma nação Chinesa forte e multiétnica também não está em desacordo com a própria tradição milenar chinesa que durante anos foi estendendo seu território na crença de que grandes seriam mais fortes, fora do território eram bárbaros²¹, *wài rén*, e aqueles dentro do Império do Meio seriam os civilizados.

“A etnia, por outro lado, seja ela qual for, não é programática e muito menos constitui um conceito político. Em certas circunstâncias, pode adquirir funções políticas e, por conseguinte, ver-se associada a projetos, inclusive nacionalistas e separatistas. (...) A etnia, seja qual for sua base, é um modo prontamente definível de expressar um sentimento real de identidade grupal que liga os membros do ‘nós’, por enfatizar suas diferenças em relação a ‘eles’.” (HOBSBAWN, 1990, p.124).

Hoje, oficialmente, a RPC identifica 55 minorias nacionais além da maioria de etnia Han. Porém, a palavra nação para definir estes povos culturalmente diferentes dentro da grande nação chinesa, talvez não seja a melhor, é apenas a tradução oficial do mandarim para as línguas ocidentais. A etnia Han comporta, nos dias atuais, cerca de 92% da população chinesa, algo em torno de 1.1 bilhão de pessoas que habitam em sua maioria a faixa litorânea²². O restante do vasto território chinês interior é ocupado pelas outras etnias em regiões denominadas autônomas que podem ter desde 16 milhões de integrantes (Zhuang) ou mesmo 2.300, como os Lhoba, que são a menor nacionalidade oficialmente reconhecida pela RPC.

No passado a identidade Han separava os chineses pertencentes do Reino Celestial do Centro dos bárbaros; foi apenas em 1911, na queda da Dinastia Manchú, que a definição

²⁰ “Nacionalidade” (1862) In: **Um mapa da questão nacional**. pp. 23-44.

²¹ Bárbaros: *wài rén* 外人, pessoas de fora que não merecem ser tratadas com a mesma deferência dos *nèi rén* 內人, pessoas de dentro, que pertencem à cultura chinesa ou são parte da família.

²² Mapa demográfico Anexo 2.

oficial de Chinês (*Zongguó rén*, pessoas do País do Centro), foi estendida para as outras etnias habitantes do território considerado chinês em um termo mais abrangente chamado *Zhonghua Minzu* (algo como: Nacionalidades das Línguas do Centro). Uma nova identidade cívica para os cidadãos que não lhes excluía de sua identidade étnica e criava um sentimento de lealdade com o todo *Zhong guó*, o País do Centro.

02.3. Nacionalismo e Identidade nacional

“The revival of nationalism in China can be attributed to among other things, its rapid domestic development and the consequent resurgence of Chinese power in the nation-state system. While the Soviet Union and other Eastern European communist powers collapsed, China has managed to achieve high economic growth for two decades [...]. **A strong sense of national pride comes to average Chinese citizens**, a sense probably as strong as, if not *stronger*, than what they felt when Mao Zedong declared the establishment of the People’s Republic of China in 1949. The Chinese leadership certainly welcomes this resurgence of nationalism because a new ideology is necessary as faith in Marxism and Maoism declines, and nationalism, if handled properly, can justify the political legitimacy of the leadership. **In other words, nationalism can become the ideological basis of a transitional regime that turns away from totalitarianism but not yet democratized.**”²³(grifo nosso)(ZHENG, 1999, p. 2).

Mesmo antes das incursões Europeias à Ásia, a China formara seu nacionalismo cultural através de contato freqüente com aqueles que tradicionalmente chamavam de *wài rén*. Como Nação Cultural, jamais havia sido profundamente desafiada. Os bárbaros para eles eram as minorias étnicas que hoje fazem parte da *Zhonghua Minzu* habitantes das áreas periféricas, especialmente as do Norte. Estes nunca os sucederam culturalmente em suas tentativas de dominar a China, pelo contrário, tiveram que abandonar seus modos e adotar o

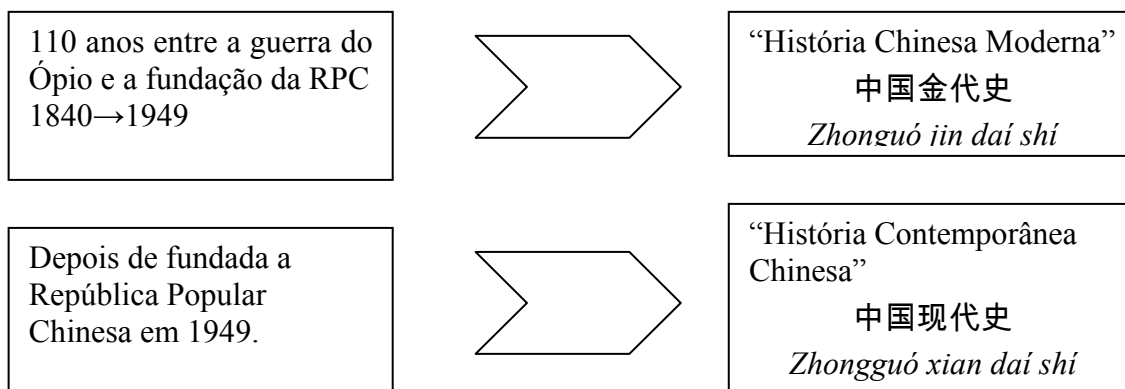
²³ “O ressurgimento do nacionalismo na China pode ser atribuído, entre outras coisas, ao seu rápido desenvolvimento econômico e a conseqüente resurgência de poder chinês no sistema de estados-nação. Enquanto a União Soviética e os países comunistas do Leste Europeu entraram em colapso, a China conseguiu alcançar alto crescimento econômico por duas décadas (...) Uma grande sensação de orgulho nacional toma os cidadãos comuns chineses, uma sensação que provavelmente é tão forte, senão mais forte, da que sentiram quando Mao Zedong declarou o estabelecimento da República Popular da China, em 1949. A liderança chinesa certamente acolhe esta resurgência do nacionalismo especialmente por que uma nova ideologia se faz necessária com o declínio da fé no Marxismo e no Maoísmo, e o nacionalismo, se lidado propriamente, pode justificar a legitimidade política da liderança. Em outras palavras, nacionalismo pode se tornar a base ideológica de um regime transicional que deixa o totalitarismo, mas ainda não é democrático.” (Tradução da autora).

chinês (como por exemplo durante o reinado da dinastia estrangeira Manchú, líderes provenientes da Manchúria no Norte, que adotaram os modos tradicionais da corte *Han* em seus anos de Império *Qing*). Por séculos, os chineses acreditavam que seu país era o Império do Meio, o Reino do Centro do mundo e, portanto, não tinha fronteiras. Seu sistema tributário refletia este caráter, cobrando de todos que desejassem fazer trocas com sua sociedade. Todos deveriam pagar tributo e reconhecer a superioridade da civilização chinesa.

A intrusão das potências ocidentais ao longo dos últimos 170 anos forçou os chineses a mudar sua percepção de Poder de Estado e Ordem Mundial. Eles passaram a sentir que sua nação cultural estava em ameaça. Este é o contexto em que Zheng (1999) e Zhao (2004) identificam como o precursor, onde os chineses buscaram na Modernização e no Nacionalismo proteção de sua identidade contra uma possível assimilação ou desfragmentação de sua unidade. O objetivo histórico do surgimento do Nacionalismo chinês e a proposta de modernização é constituir um Estado forte e a sobrevivência nacional²⁴. Durante a história Moderna e Contemporânea Chinesa constituir um Estado forte sempre permeou o sentimento de nacionalismo. Sempre que o Estado foi desafiado, ou que as pessoas tinham a impressão desse desafio, o sentimento de nacionalismo emergia.

Segundo o professor Zhao, (2004) a história da China Moderna começa com a Guerra do Ópio, em 1840. E a história da China contemporânea começa com a formação da República Popular, em 1949.

²⁴ Sun Yat-Sen (1866-1925), considerado o pai da revolução chinesa, médico, ativista Anti-Manchú, lutou contra os senhores guerreiros para tentar unificar a China durante a década de 1910 e início da década de 1920, propunha que a Sobrevivência Nacional era o tema maior do nacionalismo chinês. Só assim se manteriam unidos e encontrariam o desenvolvimento.



Apesar do Império Chinês ter mais de dois milênios de história, não era um Estado-Nação até o século XIX, e há um certo consenso que não havia nele o que conhecemos por nacionalismo. O culturalismo que permeava a sociedade tradicional chinesa era o foco de lealdade do povo. Antes da Guerra do Ópio o Império Chinês era mais uma entidade cultural do que uma entidade política. Com a nova relação com as potências estrangeiras também em pleno desenvolvimento das idéias nacionalistas, gradualmente a idéia Confuciana²⁵ de Estado foi substituída pelo conceito importado de nacionalismo. A nação chinesa não mais era definida por um quadro cultural amplo. E as idéias de nacionalismo lhes cabiam bem em um momento de transição. Durante o século XIX e começo do século XX, muitas guerras ocorreram em solo Chinês, e como supracitado, quando em ameaça, a busca por união da nação emerge.

A partir desta perspectiva, o ressurgimento do nacionalismo na era pós-Mao não é somente um resultado do alto crescimento econômico chinês. Mais importante ainda é compreender que ele é uma resposta aos novos problemas que afligem os chineses neste momento pós-maoísta. A percepção nacional de ameaça simbólica, de declínio do poder

²⁵ Valores universais que colocavam a China Cultural no centro do mundo e definia a lealdade de seus cidadãos por práticas culturais e subserviência ao líder Celeste. Há cinco tipos clássicos de conduta Confuciana, onde se deve observar subserviência: Líder – Liderado, Pai – Filho, Marido – Esposa, Mais velho – Mais novo, e Amigo – Amigo. Sendo que o amigo-amigo se refere a colegas de classe, co-habitantes de mesma geração, de vilas e províncias de mesma etnia, onde a relação seria de cooperação e não de subserviência, respeitando as regras anteriores.

central, enfraquecimento da identidade nacional e reações externas desfavoráveis a problemas internos chineses, traz à população uma atitude nacionalista em prol da preservação nacional. Uma atitude historicamente natural perante este tipo de arranjo.

A resposta dos líderes no poder, após 1978, a este anseio nacionalista foi transformar o Estado Chinês em um Estado economicamente forte para se adaptar a um mundo liberal globalizado. A visão de Deng Xiaoping era de que a China só encontraria o seu lugar de direito no mundo das Nações através do crescimento econômico doméstico. E a união nacional dependeria deste fator. Desta forma, um novo fator foi acrescentado na identidade nacional chinesa: a riqueza da nação perante as outras no sistema-mundo.

Gradualmente esta nova percepção tem balanceado a tradicional de Estado Forte para a manutenção da unidade. Desde a implantação das reformas, o estabelecimento de uma economia de mercado definitiva tem retirado do Estado o poder sobre algumas esferas tradicionais como câmbio, preços, investimentos e estratégias produtivas. Além disso, o Estado chinês delegou certa soberania no nível local aos seus habitantes e maior poder de participação política. Os preceitos da Modernidade, em sua grande parte baseados nas sociedades ocidentais, são transformados na aplicação do Estado e ao mesmo tempo causam grande impacto na organização social chinesa.

Em grande parte, este modelo modernizante adotado pelo Estado Chinês (descentralização em níveis mais baixos de decisão) trouxe um sentimento generalizado de enfraquecimento nacional no final da década de 80.

Contudo, na esfera econômica, o empreendedorismo é exaltado, a riqueza é vista como gloriosa, e o cidadão comum chinês – ser ativo na formação de sua nação – traz à nova identidade chinesa uma sensação de participação mais ativa do que a do servo da tradicional cultura chinesa que só repetia e seguia os ritos que lhes eram impostos. Os indivíduos

chineses estão em plena transformação do que é ser chinês. Sem radicalismos iconoclastas e também com resgate cultural.

Nesta linha do tempo do surgimento do nacionalismo Chinês, como a ação do Estado passou a ser muito diferente da ideologia, uma crise de identidade se formou. Mantinham-se os slogans comunistas de outrora durante os primeiros anos da reforma, mas ao criarem um mercado surgia visivelmente estratificação social em níveis de poder aquisitivo. A desigualdade social era implantada pelo próprio Estado. Esta crise ideológica é a grande responsável pelos eventos civis de 1989, que de muitas formas delineou o debate intelectual Chinês da década de 90.

No debate teórico sobre o nacionalismo Chinês, de um lado estão os estudiosos que vêem o sentimento nacionalista chinês como eterno e objetivo, refletindo a posição doméstica e internacional de se perseguir a modernização. De outro lado estão os estudiosos que defendem um método instrumental onde definem o nacionalismo chinês como uma expressão do interesse da elite no poder.

De acordo com a visão eternalista, como a emergência deste nacionalismo e o desenvolvimento do Estado Moderno chinês estão intrinsecamente ligados ao encontro com o Ocidente, um dos componentes mais fundamentais deste nacionalismo é a premissa de que a China deve encontrar seu próprio caminho para o desenvolvimento. Desta forma, o nacionalismo chinês deveria ajudar a China a reconstruir sua própria identidade nacional, mesclando os melhores elementos do tradicional e do moderno da China de nossos dias. O professor Zheng sumariza esta posição ideológica em três pontos básicos e eternos para do nacionalismo chinês:

“First, since identity affects behavior, the implications of the new nationalism need to be examined in the context of changing national and international identities of the State and other institutions. Second, changes in China’s domestic and international environments can lead to changes in the State’s and other institutions’ national and international identities. Thus, it is important to examine the rise of China’s new nationalism in the context of China’s internal and external developments. Moreover, with increasing interdependence between China

and the outside world, foreign countries' China policies and strategies tend to have an increasing impact on Chinese perceptions of national and international identities. Third, the State and other institutions can change their perception of national and international identities in order to adjust themselves to changing domestic and international environments. Reforms have changed the basis of Chinese nationalism.”²⁶ (ZHENG, 1999, p.14).

Segundo o professor Zheng, com a mudança da identidade em curso, a transformação de um anterior nacionalismo-comunista para um nacionalismo pós-comunista ocorreu, e o Estado e outros grupos-chave também transformaram sua percepção do lugar de direito da China no arranjo global.

Já num método instrumental, o argumento de Lucian Pye (1990) conecta o nacionalismo com o interesse comunista do Estado e defende que o nacionalismo chinês não possui uma forma inspirada como comunhão de idéias ou princípios, seu nacionalismo se manifesta na diferenciação do “eu” e do “outro”. Desta forma o nacionalismo Chinês sofreria de uma falta de conteúdo, um vazio de idéias culturais, pois desde 4 de maio de 1919 o legado histórico chinês foi fortemente atacado. Em particular, Pye sustenta que os quarenta anos de comunismo atacou o regime cultural tradicional chinês. O nacionalismo Chinês não seria mais que a expressão política do Partido e seus apoiadores intelectuais não são capazes de entender os reais problemas do país.

O professor Zhao (2004), seguindo a linha eternalista, mas com elementos instrumentais, dá bastante crédito ao cenário internacional em interação com o ambiente nacional em suas análises do processo histórico contemporâneo chinês e sustenta que a

²⁶ “Primeiro, já que a identidade afeta o comportamento, as implicações do novo nacionalismo precisam ser examinadas no contexto de mudanças de identidade nacionais e internacionais do Estado e de outras instituições. Segundo, mudanças no ambiente doméstico e internacional chineses podem levar a mudanças nas identidades nacionais e internacionais do Estado e de suas instituições. Portanto, é importante examinar o surgimento do novo nacionalismo na China no contexto dos desenvolvimentos internos e externos da China. Ademais, com a crescente interdependência entre a China e o mundo exterior, a política externa chinesa e suas estratégias internacionais tendem a ter grande impacto na percepção do país de sua identidade nacional e internacional. Terceiro, o Estado e outras instituições podem mudar sua percepção de identidade interna e externa para ajustar a ambientes domésticos e internacionais em transição. As reformas mudaram a base do nacionalismo chinês.” (Tradução da autora).

ressurgência do nacionalismo Chinês pode ser observada em três níveis sociais na China: no aparelho do Estado, no discurso intelectual e na esfera popular.

Com o declínio da fé no regime comunista, segundo ele, o Partido Comunista Chinês redescobriu a utilidade do nacionalismo para a lealdade do povo com o Estado. As sanções promovidas pelos países do Ocidente depois da repressão em *Tiananmen*, em 89, foram interpretadas pela propaganda oficial como anti-China (e não como contra o regime comunista). O Estado e seu regime posicionou-se como o representante do interesse nacional chinês e defensor do orgulho nacional. Logo após os eventos de Tiananmen, o Estado lançou uma campanha de patriotismo nacionalista e pedindo o apoio da população para resolver internamente seus problemas.

No discurso intelectual, com a crescente integração chinesa no sistema internacional, especialmente com o aumento do acesso às informações sobre o mundo ocidental, os intelectuais começaram a refletir sobre a Cultura do Ocidente. Nos primeiros anos da reforma, o Ocidente era tido como um modelo para a China. Mas gradualmente (com as teorias de ameaça chinesa que surgiam) muitos passaram a sentir que eles não queriam que seu país fosse forte e que as práticas ocidentais eram má influência à tradicional cultura milenar chinesa. O nacionalismo seria resultado deste momento de reflexão chinesa sobre a cultura e as idéias do Ocidente.

Na esfera popular, podemos reconhecer o sentimento nacionalista em emergência pelo sucesso de livros como “*China can say No*”²⁷ (“A China pode/sabe dizer Não”), lançado em meados da década de 90 e que falavam do risco de assimilação cultural e das pressões do poder hegemônico estadunidense com políticas que visavam desestabilizar a nação chinesa.

O nacionalismo popular também pode ser identificado na “Febre por Mao” dos anos 90, onde o líder comunista autoritário era elogiado em livros populares como “grande patriota

²⁷ZHANG Xiaobo et. *The China That Can Say No: Political and Emotional Choices in the post Cold-War era.* Beijing, 1996.

e herói nacional” por sua coragem de enfrentar o Imperialismo Ocidental (ZHAO, 2004, pp 8-11).

02.4. Tiananmen e o impasse ideológico

Durante a segunda metade da década de 1980 várias movimentações estudantis ocorreram na China continental, mas sempre em pequena escala e sem força de mobilização social. Tampouco tiveram exposição na mídia nacional como a atenção que a televisão chinesa dispôs durante o movimento de maio de 89 – num breve período de liberdade de imprensa sem precedentes na história chinesa.

O movimento entre 15 de abril até 4 de junho na Praça da Paz Celestial, *Tiananmen*, iniciado pelas inquietações e demandas estudantis, alcançou vários setores da sociedade chinesa. Debatedores e simpatizantes das classes trabalhadora, empresarial, quadros do governo, professores, intelectuais, e outros grupos, todos, colocaram em pauta as incertezas e questionamentos que o movimento representou. Em boa parte das cidades de grande e médio porte na China o movimento teve repercussões. As contradições internas de 10 anos de Reforma em direção a um mercado permeavam todo o território.

Estas reformas que eventualmente levaram à mobilização social ocorreram em duas etapas: a reforma agrícola de 1978 a 1984-85 e a reforma urbana que ocorreu posteriormente à primeira. A reforma rural visou diminuir, naquele momento, o hiato econômico entre a cidade e o campo. Boa parte das Comunas foram dispersadas e a terra distribuída entre seus antigos integrantes com um contrato de responsabilidade familiar. O preço das commodities agrícolas foi ajustado e políticas estatais passaram a encorajar diversidade econômica rural através de empresas rurais. Por causa destas ações este hiato na renda da cidade e do campo diminuiu gradualmente nesta primeira etapa. Relações de

mercado em baixas esferas sociais foram permitidas e passaram a fazer parte das atividades sociais. Pequenos empreendedores rurais surgiram. A moral do camponês ficou em alta.

“A reforma da estrutura econômica de nosso país já leva vários anos de preparação e de colocação em prática. A III Sessão Plenária do XI Comitê Central, ao decidir sobre a mudança de centro de gravidade do trabalho do Partido na construção econômica, exaltou a necessidade de reformar a estrutura econômica com o objetivo de fazer real a modernização socialista.(...) O XII Congresso Nacional do Partido, defendeu a tarefa de realizar uma reforma sistemática da estrutura econômica e sinalizou que tal reforma era uma importante garantia para persistir no caminho socialista e alcançar a modernização socialista. (...)

As zonas rurais foram as primeiras onde a reforma da estrutura econômica registrou grandes êxitos.(...) Isso se deve fundamentalmente por, rompendo com audácia as ataduras ideológicas de “esquerda”, termos modificado a estrutura econômica que não se ajustava ao desenvolvimento das forças produtivas da agricultura e termos implantando em toda a linha produtiva o sistema de responsabilidade por contrato com remuneração em função do rendimento. (...)

Entretanto só havemos dado os primeiros passos na reforma nas cidades e ainda nos falta muito por fazer para erradicar as deficiências da estrutura da economia urbana que constituem sérios estorvos para o desenvolvimento das forças produtivas.(...) Somente mediante uma reforma enfática e sistemática poderá a economia urbana florescer e prosperar, cobrir as demandas da agilização da economia no país e de abertura ao exterior, desempenhar efetivamente o papel reitor que lhe corresponde e imprimir à economia nacional em seu conjunto o mais rápido e melhor desenvolvimento.” (DECISION DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CHINA SOBRE LA REFORMA DE LA ESTRUCTURA ECONOMICA, 1984, PP. 3-6) (Tradução da autora).

Na cidade, após o crescimento das forças produtivas rurais, o foco das reformas foi as tradicionais empresas administradas pelo Estado. Gradualmente certa autonomia foi delegada para as administrações de cada empresa, inclusive correções de má gestão. Desemprego e descontentamento começaram rapidamente, enquanto se enxugava com métodos gerenciais pragmáticos a folha de pagamento inflada das pesadas estatais antigas. A autonomia dada nas reformas urbanas foi de natureza mais profunda que a rural, pois no campo a terra fora dividida baseada na responsabilidade familiar de produção, mas a terra continuou de posse do Estado enquanto que na cidade a redistribuição dos recursos industriais colocou na mão dos novos gestores/donos uma genuína privatização de meios de produção.

Quando o Estado passou para a mão do setor privado a alocação dos recursos industriais, ele criou um ambiente para desigualdades econômicas na cidade. A riqueza

chegou para uns e o desemprego para outros, uma situação muito contrária à da China pré-Reforma onde a igualdade social era a ordem-do-dia.

Entretanto, a despeito do discurso comunista oficial, as reformas foram de cunho liberal, num momento em que os intelectuais eram chamados pelo Estado a opinar sobre como alcançar a modernidade e o desenvolvimento. Durante a década de 80, a *intelligentsia* chinesa passou por um processo de redescobrimto das idéias do Ocidente²⁸. A imediata reação de rechaçar o radicalismo da recente Revolução Cultural trouxe o que muitos autores identificam como a busca pelas luzes²⁹. Debates pró-ocidente permeavam vários setores sociais do Estado da Academia. Humanismo, iluminismo, realismo, liberalismo e modo capitalista de produção nortearam muitas das políticas de reforma urbana. A transformação social foi profunda.

Em 1988 o Estado resolveu iniciar uma delicada reforma no sistema de precificação. Neste momento inicial do sistema de mercado a liberação dos preços foi um fator canalizador para o estabelecimento das relações de mercado na China. Os preços que eram estabelecidos por políticas de estado passaram a flutuar. O resultado foi uma corrida aos mercados e instabilidade social. A estrutura organizacional social deveria se acostumar em estabelecer e julgar os preços e não mais contar com o Estado para valorar os bens em oferta.

Assim, com o fim da estabilidade dos empregos, flutuação dos preços, ondas de demissões, e enriquecimento de um grupo social, a crescente desigualdade passou a freqüentar até as páginas de jornais. O sentimento de insegurança social se generalizava.

²⁸ Momento conhecido como Neoiluminismo chinês ou *Cultural Fever* (Febre Cultural) caracterizado por idéias progressivas otimistas com influência da síntese neo-neo da teoria de Relações Internacionais do Ocidente (neorealista/neoliberal).

²⁹ “The theoretical fountainhead of the Chinese New Enlightenment movement [in the 80’s] was not socialism but early French Enlightenment thinking and Anglo-American liberalism.” (WANG, 2003, pp 156-7).
“A fonte teórica do movimento chinês Neo-Iluminista [nos anos 80] não foi o socialismo, mas sim o Iluminismo francês e o liberalismo Anglo-americano.” (Tradução da autora).

“(…) it is worth noting that the 1989 social movement was essentially urban based, and it was intrinsically linked with the history of the market expansion that constituted the phase of what is called the ‘urban reform’ that begun in 1984.”³⁰ (WANG, 2003, p.55).

Com o crescimento urbano industrial proveniente destas reformas o hiato entre o campo e a cidade mais uma vez alargou-se nutrindo o descontentamento popular. São todos estes elementos em conjunto que explicam a crise de legitimidade. Questionou-se a alocação dos recursos da reforma e também foi colocado em questão os setores da economia que o Estado não desejava abrir mão neste momento. Questionou-se a capacidade do Estado em gerir a transformação de forma eficiente. A Reforma em si, passou a ser duvidada.

A movimentação gradual em direção a uma economia de mercado não foi acompanhada por uma transformação do discurso ideológico. O paradoxo de suas políticas e seu discurso ficou evidente. Como explicar sob a ótica da ideologia socialista políticas que sistematicamente desconstroem uma sociedade planejada? Como explicar o hiato entre o campo e a cidade, entre trabalhadores e a nova classe do modo capitalista de produção?

E ao mesmo tempo, em coro com as reformas políticas e econômicas em todas as outras repúblicas socialistas, como explicar um Estado que busca criar um mercado, se inserir no Sistema-Mundo, mas não sinaliza abertura política?

A movimentação social de 89, ápice da resposta social a estas grandes mudanças rápidas em seu cotidiano, representa esta situação contraditória ideológica chinesa:

“(…) the issue that must be faced squarely is this: the 1989 social mobilization was criticizing the traditional system, but what it encountered was not the old State, but rather a state that was promoting reform or a state that was moving gradually toward a market society, along with the results of this policy.”³¹ (WANG, 2003, p.57).

³⁰ “(…) é importante salientar que o movimento de 1989 era essencialmente urbano e que estava intrinsecamente ligado à história da expansão do mercado, parte da ‘reforma urbana’ que começou em 1984.” (Tradução da autora).

³¹ “(…) a questão que deve ser enfrentada detalhadamente é: a mobilização social de 1989 estava criticando o sistema tradicional, mas o que ela encontrou não foi o velho estado, mas sim um estado que estava promovendo reforma ou um estado que se movia gradualmente em direção a uma sociedade de mercado, juntamente com os resultados desta política.” (Tradução da autora).

O movimento não tinha coesão. Valores distintos como democracia e liberdade, assim como igualdade (conceito derivado da ideologia socialista) se transformaram em argumento para mobilização social generalizada. A insegurança social era debatida livremente.

A causa direta do fim fracassado do movimento pró-democracia foi a repressão violenta que o Estado decidiu realizar. Mas segundo o professor Wang Hui (2003)³², indiretamente, a causa do insucesso como movimento social foi a incapacidade de reunir suas demandas por democracia às demandas por estabilidade e igualdade social que havia mobilizado as pessoas. Não havia coesão e não havia liderança. O movimento tinha focos de liderança descentralizados e sem diálogo.

Partindo para a macroestrutura mundial, é possível relacionar o questionamento que levou as pessoas à Praça de *Tiananmen* às demandas e inseguranças de outros povos neste mesmo momento. Transformações globais com a clara aproximação do fim oficial da Guerra Fria implicavam novas formas de relações históricas assim como protestos e críticas à monopolização e a formas coercitivas de poder.

Após a violência de 1989, finalmente o governo foi capaz de dar cabo a estas reformas econômicas que criavam um mercado na China. Taxa de câmbio, juros, preços e outros elementos do livre-mercado foram colocados em prática.

Como que acordando e decidindo seguir em frente definitivamente com as reformas, o governo logrou terminar a estruturação do mercado. Adotou oficialmente um novo discurso ideológico, abandonando os restígios dos slogans comunistas que não tinham mais função social. A crise interna e internacional da repressão ao evento trouxe novamente a reação de união nacional chinesa em defesa de seus interesses. Acordando, também tomaram o rumo do mercado e as duas vertentes do movimento, ativas ou não, aceitaram a velocidade

³² Professor pesquisador da Tsinghua University, historiador de idéias e diretor chefe do periódico *Dushu* em Beijing.

do processo. O discurso do Estado passou a incentivar o consumo, a ideologia social entrou em uma nova fase de debate.

Sem ferramentas para explicar o fracasso de um movimento social grande como este, sem ferramentas até para compreender sua base e suas forças não coesas, os intelectuais chineses tiveram que partir para novas formas de análise. Durante estes 10 primeiros anos de Reforma a agenda da Academia havia restringido a estudar como modernizar um Estado-Nação. Faltava uma perspectiva internacional de seu processo e como conseqüência, assuntos como nacionalismo, caráter nacional e globalização não podiam ser conceitualizados e instrumentalizados para a questão da democracia. Este impasse intelectual explica porque ao final do movimento, ninguém conseguia encontrar material crítico para repensar o evento e suas razões de falha (WANG, 2003, ZHENG, 1999, ZHAO, 2004).

Este é o contexto que levou ao debate pós-*Tiananmen* durante a década de 90. Uma década de reflexão sobre Modernidade e repensamento do radicalismo ideológico na história contemporânea Chinesa.

02.5. Identidade Nacional e o Resto do Mundo

Como ligar a identidade nacional chinesa a seu comportamento internacional? Segundo o professor Yongnian Zheng (1999), a literatura recente de Relações Internacionais, especialmente a de segurança internacional, vai além do foco tradicional no poder e no interesse nacional e incluem considerações sociológicas de cultura e identidade. Mostra a importância de fatores culturais em influenciar o comportamento de um dado Estado nas esferas domésticas e internacional.

O papel do Estado e de outras instituições em dar forma ao nacionalismo tem sido enfatizado pelos trabalhos recentes da matéria. Ernest Gellner (1993) vê o nacionalismo em

termos da lógica do industrialismo³³. A forma segmentária das comunidades pré-industriais não era adequada para se criar uma força de trabalho homogênea e móvel como aquelas das sociedades industrializadas, o Estado acaba por tomar para si o papel de criar estas forças através do controle da educação. É através do poder do Estado-Nação que o nacionalismo acaba por suprir uma uniformidade cultural e lingüística nas sociedades industrializadas.

O Estado e suas instituições têm o poder de construir e reconstruir suas identidades culturais para se adaptarem às mudanças domésticas e internacionais. Mudanças na sua identidade interna ou externa são significativas nas Relações Internacionais da China. Mudanças no ambiente internacional Chinês também têm tido grande impacto na identidade chinesa.

Assim, sobre o novo nacionalismo na China e suas implicações para o mundo exterior são propostos três pontos a serem observados: primeiro, já que identidade afeta o comportamento, as implicações do novo nacionalismo devem ser examinadas no contexto de mudanças de identidade nacional e internacional do Estado e de outras instituições do país.

Em segundo lugar, as mudanças dos ambientes internos e externos da China podem levar a mudanças de identidade destes entes supracitados. Portanto, é importante examinar a emergência do novo nacionalismo na China no contexto do desenvolvimento Chinês interno e externo. A crescente interdependência entre o país e o Resto do Mundo, suas políticas exteriores e estratégias tendem a ter um impacto crescente na percepção chinesa de sua identidade nacional e internacional.

E em terceiro lugar, o Estado e outras instituições podem, ativamente, mudar sua percepção nacional e internacional para se adaptarem às mudanças domésticas e externas de

³³“(…) o nacionalismo está essencialmente ligado ao advento da industrialização.” (GELLNER, 1993, p. 144); “No mundo pré-industrial, padrões muito complexos de cultura e poder se entrelaçam, mas não convergiam de modo a formar fronteiras político-nacionais. No industrialismo, cultura e poder são padronizados, subscrevem um ao outro e podem convergir. As unidades políticas adquirem fronteiras nitidamente definidas, que são também as fronteiras das culturas. Cada cultura precisa de sua própria cobertura política, e os Estados se legitimam, primordialmente, como protetores da cultura (e fiadores do crescimento econômico).” (GELLNER, 1993, pp. 152-3).

arranjo. Reformas têm mudado a base chinesa de nacionalismo. Com as mudanças de identidade, a transformação do nacionalismo comunista para nacionalismo pós-comunista, o Estado e outros grupos-chaves da governança transformaram suas percepções sobre o lugar de direito da China no Sistema-Mundo (ZHENG, 1999). Desta forma fica claro que o nacionalismo chinês está intrinsecamente ligado ao seu posicionamento no arranjo global.

03. Modernidade e Globalização

“In human history, the growth and expansion of cultures can be explained by applying an evolutionary (or expansionary) model. Chinese culture began its development in a small area in North China; it expanded to include much of North China, China proper, and then all of China. Those peripheral cultures were one after another merged into and absorbed by the continuously expanding Chinese cultural sphere. The Western world has experienced a similar process; it started on a small peninsula of Greece, expanded to the Mediterranean, then to Atlantic, and now its gravitational forces are felt everywhere on the globe.”³⁴ (CHO-YUN, 1994, p.241).

Em face da pressão das possibilidades evolutivas da modernidade e da globalização, antagonismos e dilemas são criados também dentro da China. O debate das idéias, das conseqüências da modernidade, da participação de seus cidadãos e do projeto de China a ser seguido, confunde e impulsiona o questionamento dentro do país. Toda a China cultural participa deste processo, pois as fronteiras físicas do país não restringem os participantes deste debate.

Neste capítulo as implicações da crescente interdependência planetária, seus participantes, o discurso teórico e atitude internacional são abordados e analisados, pois:

“A new identity crises has appeared in National Cultures with the movement of the (Imperial) Western theory to the (Peripheral) Orient and Third world countries. In the face of all this, we Chinese intellectuals cannot but raise such a question: What strategy should we adopt toward such a like globalization? Or should we still stubbornly resist this irresistible trend at the beginning of the new century?”³⁵ (WANG N., 2004, p.3).

³⁴ “Na história humana, o crescimento e expansão das culturas podem ser explicados aplicando-se um modelo evolucionário (ou expansionário). A cultura chinesa começou seu desenvolvimento em uma pequena área no norte da China; expandiu para incluir boa parte do norte chinês, o território chinês propriamente [território da etnia *Han*], e finalmente o que hoje conhecemos por China. Estas culturas periféricas foram mescladas e absorvidas pela contínua crescente esfera cultural chinesa. O mundo Ocidental passou por um processo similar; começou numa pequena península da Grécia, expandiu para o Mediterrâneo, depois para o Atlântico e agora sua força gravitacional é sentida em todo o globo.” (Tradução da autora).

³⁵ “Uma nova crise de identidade apareceu nas culturas nacionais com o movimento da teoria (imperial) ocidental para o Oriente e terceiro mundo (periférico). Em face disso, nós intelectuais chineses não podemos deixar de levantar a seguinte questão: Qual estratégia devemos adotar em face de tamanha globalização? Ou deveríamos tacanhamente resistir a esta tendência irresistível no começo do novo século? (Tradução da autora).

03.1. O debate

“A historical and dialectical perspective must always be taken into the analysis and critique of China’s cultural scene today; for without this historical dialectic, the complex twists and turns of China’s revolutionary legacy, the popular sentiments, dilemmas, and paradoxes of the official discourse and intellectual debates, and so will not only become incomprehensible but also result in some conceptual flip-flops that verge on schizophrenia. [...] Analysis of China ought to be solidly based on specific, historical circumstances and contexts. Given that the revolutionary legacy is deeply ingrained in China’s social consciousness and is still being tapped by the official discourses and by popular culture for different purposes, and given that Chinese culture and society have irreversibly abandoned the socialist alternative and embraced global capitalism, a some and rational critique is needed to unravel the profound cultural contradictions and tensions in China today.”³⁶ (LIU, 2004, p. 77).

O movimento de 1989 foi uma grande crítica à vida contemporânea que a sociedade chinesa levava, mas que era desassociada da realidade ideológica em vigor. A busca por explicação das causas e principalmente a falha do movimento levou os intelectuais chineses a um grande questionamento interno.

Podemos identificar dois momentos distintos no debate intelectual que se seguiu de 1989 até 1997. num primeiro momento o legado de radicalismo na história contemporânea chinesa foi posto em reflexão. Posteriormente, a atenção se voltou ao estudo da ideologia do mercado, ao programa de privatização, ao conceito de modernidade e às questões da globalização e nacionalismo.

De 1989 a 1993, segundo o professor WANG (2003) a reflexão sobre o radicalismo tomou a atenção dos pensadores. Conclui-se que a Nação Chinesa havia escolhido o caminho da revolução com a revolução de 1911 que derrubou a dinastia Qing. Ele aponta que todas as manifestações sociais ideológicas de aí em diante continham a ideologia

³⁶ “Uma perspectiva dialética sempre deve ser levada em consideração na análise e na crítica da cena cultural chinesa de hoje; pois sem a dialética histórica, as complexas reviravoltas do legado revolucionário chinês, seus sentimentos populares, dilemas e paradoxos de discurso oficial e debates intelectuais não só se tornaram incompreensíveis, mas também resultarão num avesso conceitual que beirá a esquizofrenia (...) Uma análise da China deve ter uma base sólida em circunstâncias históricas específicas e seus contextos. Dado que o legado revolucionário está profundamente integrado à consciência social chinesa e ainda é endossada pelo discurso oficial e pela cultura popular por razões distintas, e levando em consideração que a cultura e sociedade chinesa irreversivelmente abandonou a alternativa socialista e abraçou o capitalismo, uma crítica racional é necessária para desvendar as profundas contradições culturais e tensões na China de hoje.” (Tradução da autora).

revolucionária, a idéia de progresso sistematizado e ordenado da Nação Chinesa, que sempre omitiam ideais de democracia e liberdade. Nas reformas implantadas pelos revolucionários, conforme tomavam o poder a “democracia direta” era sempre esquecida, mas a revolução sempre renomada em busca de um Estado forte e coeso. Porém, as reflexões sobre o radicalismo não se detiveram às raízes. Não só se refletiu a Revolução Cultural e outras propostas revolucionárias do período Maoísta como também a *Cultural Fever* dos anos 80 e seu neo-iluminismo foram colocados em questão. O questionamento ideológico dos anos 80 foi considerado radical como o da década de 1910 (que culminou com o movimento de 4 de maio de 1919): iconoclasta e pro-ocidente.

O radicalismo neoliberal do ocidente foi colocado em pauta; intelectuais chineses buscavam sair da esfera chinesa em suas análises e neste momento são observados os primeiros trabalhos que buscaram contextualizar as idéias e teorias à realidade chinesa num regime globalizado. Foi neste quadro de repensamento profundo que surgiu ao final do período o debate sobre o nacionalismo. Uma resposta radical aos eventos internos e externos, ou uma resposta natural a estas pressões instrumentalizadas pelo Estado? Devemos analisá-lo por uma visão eternalista ou instrumental?

Na economia, esse foi um período de profundo ajuste econômico. 1992 é o ano da viagem de Deng Xiaoping ao sul da China. Sua viagem a Guangdong (Cantão) e vizinhos trouxe a criação de mais zonas de produção especial (ZPEs) e um aquecimento à inclinação industrialista da região. O período de 1993 a 1997, como resultado da reorientação econômica da viagem de Deng (líder ideológico da Reforma) ao sul, observou uma mudança no debate (WANG, 2003, p. 85). Até 1997 e com a crise financeira asiática, a comunidade intelectual chinesa explorou vários temas, em sua grande parte na órbita de questões como modernidade e pós-modernidade, mercado, sociedade civil, nacionalismo, pós-colonialismo e globalização.

O conturbado ano de 1993³⁷ trouxe o internacional ao debate interno chinês. A crise da Reforma Russa e a publicação em chinês da teoria do “Choque das civilizações” de Samuel Huntington trouxe uma profunda reavaliação da situação chinesa no desenvolvimento internacional das idéias. Do repensamento interno sobre seu radicalismo, a partir de 1993, o debate interno chinês se volta para a China e o mundo. A relação das mudanças internas chinesas com as tendências internacionais e com a circulação de idéias entra em pauta. É neste cenário que o debate sobre modernidade, modernidade alternativa, globalização e nacionalismo toma corpo.

Quatro vertentes de pensamento não coesas são identificadas nesse momento no: 1- o debate sobre o mercado e a sociedade civil; 2- debate sobre a inovação institucional, inovação teórica e a questão das capacidades do Estado; 3- debate sobre o espírito do humanismo e o pós-modernismo; e 4- debate pós-colonialista, nacionalista e sobre a globalização.

1- o debate sobre o mercado e a sociedade civil foi fruto direto das reflexões sobre o radicalismo. A idéia principal era a de se encontrar reforma política, através do estabelecimento de um mercado genuíno. Com a criação de uma sociedade civil no país, formas de compartilhamento de poder surgiriam e levariam a um sistema político mais democrático.

“Social mobilization theory has been criticized as deterministic and has been buried again and again, but is still used in various forms by students of Chinese Politics. According to the theory, economic development increases the desire and capability of people to participate in decision-making processes, and this in turn facilitates democratic transition.(...) When people become more interested in politics, have more political knowledge, and feel more efficacious, they expect to have more input in the decision-making process in their society.”³⁸ (T.SHI, 2000, p. 234)³⁹.

³⁷ Dissolução da Tchecoslováquia; conflitos bélicos intensos na Guerra do Golfo; ataques terroristas ao *World Trade Center* com vans; ataques terroristas em Bombai, Índia; conflitos nacionalistas na África com intervenção militar de países desenvolvidos; crise na reforma constitucional Russa com levantes militares contra Yeltsin; o Tratado de Maastricht é assinado e estabelece formalmente a União Européia; os conflitos nos Balcãs esquentam; na África do Sul uma nova constituição é assinada; a Rodada do Uruguai chega ao seu fim sobre debates acerca do GATT, OMC e ordem econômica internacional; entre outros.

³⁸ “A teoria de mobilização social tem sido acusada de ser determinista por estudantes de política chinesa. De acordo com a teoria, o desenvolvimento econômico e a capacidade de as pessoas participarem no processo de tomada de decisão cresceriam e assim facilitaria a transição democrática. (...) quando as pessoas se tornarem mais interessadas em política, tiverem mais conhecimento político e se sentirem mais eficazes elas (continua)

Mas como nos alerta Wang Hui (2003) e T. Shi (2000), a discussão adotando os modelos ocidentais de mobilização social ignoram a aliança formada entre o Estado e os grupos privilegiados no país e também é falho em dar explicação teórica ao movimento social propriamente dito. Desassociando a sociedade do domínio do Estado no país, muitos que seguiram esta linha de pensamento não souberam conectar a explicação teórica de suas idéias com fatos reais na China. Um impasse ideológico se criou e no fim o que os estudos sobre mobilização social e reforma política alcançaram foi a prova de que no país havia alguma relação, mas que o modelo não se aplicava, especialmente quando se comparava níveis de poder econômico alto. Segundo o professor T. Shi (2000, p. 247):

“Rapid economic development may even delay the process of political development. Rather than simply freeing people from political control, economic development in some places may help to consolidate the power of incumbent leaders by (1) making people in those place more dependent on the village authority, (2) providing incumbent leaders with economic resources to co-opt peasants, and (3) providing incumbent leaders with economic resources to bribe their superiors into ignoring the decisions of the central government to introduce competitive elections into the Chinese villages.”⁴⁰

2- o debate sobre a inovação institucional, inovação teórica e a questão das capacidades do Estado teve fortes influências nos estudos das Reformas no Leste Europeu e na Rússia, onde se questionava principalmente a justiça social do processo. Este debate começa discutindo o Estado e sua capacidade de devolução de poder econômico e político à população no contexto das reformas em curso. O estudo do Estado e suas capacidades no contexto chinês e suas contradições econômico-políticas segue nesta linha de estudo até 1997 quando, devido à crise econômica e à decorrente percepção da fragilidade das economias

(continuação) esperam ter mais participação no processo de tomada de decisão em suas sociedades.” (Tradução da autora).

³⁹ O professor Tianjian Shi (T. SHI) é formado pela Beijing University e passou os últimos 20 anos como professor na Duke University, conhecida pelos incentivos ao estudo sobre a China. Seu foco de trabalho é reforma política chinesa, participação política e ciências políticas. Um dos grandes representantes do debate sobre mercado, sociedade civil e participação política na China desde seu início.

⁴⁰ “Crescimento econômico acelerado pode mesmo ter sido um atraso no processo de desenvolvimento político. Ao invés de simplesmente libertar as pessoas do controle político, o desenvolvimento econômico em alguns lugares pode ter consolidado o poder de líderes indicados e (1) feito às pessoas mais dependentes dos líderes indicados, (2) dado a estes líderes recursos econômicos para cooptar camponeses, e (3) dado aos líderes indicados recursos econômicos para subornar seus superiores para ignorar decisões do governo central de introduzir eleições competitivas nas vilas Chinesas.” (Tradução da autora).

perante o capital fluante internacional, trouxe os intelectuais chineses ao debate sobre o Estado no contexto da globalização. Ambas fases têm em comum o debate da segurança social e o paradoxo chinês de liberalização econômica sem reforma política.

“Intrinsic to the discussions was the assumptions that there was a diversity of economic systems and democratic experiences to be found in modern societies, thereby providing the theoretical possibility for choice and innovation within the context of particular historical requirements. (...) the discourse also provided a number of new directions for the participation by ordinary people in politics, for ways by which advanced and backward technologies could be allied, and for the reform of enterprises and political institutions”⁴¹. (WANG, 2003, p.92).

3- debate sobre o Espírito do Humanismo (*Renwen Jingshen*) e o Pós-modernismo.

Como resposta intuitiva à nova cultura do consumo e ao processo de marquetização chinesa em 1994, jovens intelectuais publicam no *Dushu*⁴² artigos sobre a perda do espírito humanista. Sua busca era por encontrar a face espiritual da modernização em curso.

Este debate foi atacado pelos pós-modernistas chineses que vieram para defender o comércio e o consumo como desconstrutivistas. Acusavam os humanistas de inocência como nos anos 80 e de serem uma narrativa elitista. Segundo Enrique Dussel (1998) o objetivo dos pós-modernos e pós-positivistas é deslocar nosso senso do que é normal e nos levar a repensar presunções que nem sabíamos serem presunções. No caso chinês, os pós-modernistas balanceavam o “Espírito Humanista” com uma boa dose de dúvida e de novas idéias. Este combate foi curto, de 94 a 95. o debate sobre nacionalismo, pós-colonialismo, modernidade e globalização o superou tanto ideologicamente como em número de adeptos, chegando mesmo a todos os níveis sociais.

⁴¹ “Intrínseco às discussões estava a presunção de que havia uma diversidade econômica de sistemas e de experiências democráticas a serem encontradas nas sociedades modernas, portanto provendo uma possibilidade teórica para opção e inovação dentro do contexto de requerimentos históricos particulares. (...) o discurso também proveu um número de novas direções para a participação de pessoas ordinárias na política, de maneira que tecnologias adiantadas e atrasadas pudessem ser aliadas, e para a reforma das empresas e instituições políticas.” (Tradução da autora).

⁴² O primeiro número do *Dushu* (读书) foi publicado em 1979, *Du* (读) significa ler e *Shu* (书) livro, encadernado. Traduz-se para o português como “Leituras”. Seu artigo de debute foi “Não há zonas proibidas para a leitura” e tem mantido este lema desde então. O periódico busca levantar questões que não foram tocadas anteriormente na sociedade chinesa e versa principalmente sobre sociedade, globalização e modernidade na China. Atualmente Wang Hui é seu editor.

4- debate pós-colonialista, nacionalista e sobre a globalização. Entre 1994 e 95 periódicos *Dushu* e *Tianya* (Fronteiras) publicaram vários artigos da obra *Orientalismo* de Edward Said. Além disso, muitos trabalhos sobre o pós-colonialismo crítico também tiveram espaço e trouxeram ataques profundos a visões Eurocêntricas e a um novo imperialismo cultural. O professor Wang Hui argumenta que (p.95) num contexto amplo, as discussões deste período tiveram uma importância positiva por ter extraído a *intelligentsia* chinesa da perspectiva histórica Eurocêntrica e por ter alcançado um entendimento crítico de seu nacionalismo. Além disso, trabalhos sistemáticos com críticas ao modelo ocidental neoliberal colocaram por terra qualquer inocência teórica por parte dos intelectuais sobre este modelo.

Um grande paradoxo identificado pelo professor Wang Ning⁴³ na relação dos teóricos pós-colonialistas é a divulgação de seus trabalhos que, para serem reconhecidos e para que suas idéias tenham voz precisam ser publicados em outras línguas, especialmente nas línguas dominantes do Oeste:

“Since China is a large country with a splendid cultural heritage, it ought to make greater contributions to world civilizations and the construction of world culture not only economically, but also culturally and intellectually. Chinese intellectuals should form a strong voice in the international forum and have equitable dialogue with the international scholarship. (...) On the one hand they [os teóricos pós-colonialistas] intend to decolonize Chinese culture and critical discourse so as to defend and preserve the Chinese national and cultural identity; on the other hand, in order to communicate more effectively with the international scholarship – or more exactly, with Western scholarship – they have to publish their research results in English, the truly international language of today’s scholars.”⁴⁴
(WANG N., 2004, pp 15-6).

⁴³ Professor de inglês e de literatura comparada pela Universidade de Pequim, é um dos mais proeminentes debatedores sobre teoria pós-colonialista na China e sobre pós-modernismo literário. Promove debates públicos e publica artigos com frequência em periódicos de alcance internacional. Sua sigla no trabalho será (WANG N.), já que o nome de família na China é o primeiro nome de uma pessoa e o segundo o seu nome próprio.

⁴⁴ “Já que a China é um extenso país com uma herança cultural esplêndida, ela deve fazer grandes contribuições às civilizações do mundo e também contribuir na construção de uma cultura mundial não somente econômica, mas também cultural e intelectual. Os intelectuais chineses deveriam formar uma voz forte nos fóruns internacionais e ter diálogo similar com a academia internacional (...) De um lado, eles [os teóricos pós-colonialistas] buscam descolonizar a cultura chinesa e o discurso crítico como para defender e preservar a identidade cultural nacional chinesa; d’outro lado, com o intuito de comunicar mais eficazmente com (continua) (continuação) a comunidade acadêmica internacional – ou mais exatamente com a comunidade acadêmica ocidental – eles têm que publicar os resultados de suas pesquisas em inglês, o verdadeiro idioma internacional dos acadêmicos de nossos dias.” (Tradução da autora).

A crítica ao Eurocentrismo da década de noventa teve um papel muito importante em libertar aos estudiosos e às pessoas comuns da teleologia histórica e de suas ilusões idílicas do ocidente. Curiosamente, a crise do capitalismo contemporâneo mundial que engoliu também a Ásia em 1997 foi denominada de crise asiática. Os anos de 1993 a 1997 foram o período em que a China alcançou maior expansão anual de sua economia, entretanto o Capitalismo tido como Confuciano Chinês e o Modelo do Leste Asiático (Taiwan, Coréia do Sul, Hong Kong, Malásia e Cingapura) foram incapazes de responder e compreender a crise. Segundo Wang Hui, a crítica ao Eurocentrismo, à questão da Modernidade e sua natureza e o debate sobre a inovação teórica e institucional teriam sido os debates de mais valia e contribuição intelectual do período. Apesar de não oferecerem respostas à crise de 97, foram a base teórica do debate seguinte sobre o neoliberalismo que se formou desde então e suas implicações na China.

A globalização neoliberal não acontece fora da China externa a sua sociedade, mas sim em todos os seus meios e pode ser ilustrada na desigualdade, pobreza, arranjos de mercado, nas conexões das redes de poder supranacionais e nacionais, na expansão dos mercados chineses, divisão do trabalho, na cultura, no consumo, enfim, em todas as esferas e isso leva a um repensar da História da China Moderna e Contemporânea. A agenda acadêmica dos Estudos Asiáticos, da Revolução Chinesa e do legado mundial das experiências socialistas é uma das vertentes da crítica ao neoliberalismo; um movimento não unificado que inclui liberalismo crítico, marxismo tradicional, internacionalismo, nacionalismo, pós-modernismo e estudos sobre cultura.

03.2. Modernidade, nacionalismo e experiência Socialista

“Since its inception, modern socialism was and remained the counter-culture of modernity.

Like all counter-cultures, modern socialism performed a triple function in relation to the society it opposed and serviced: it exposed the deceit of representing the achieved state of society as the fulfilment of its promise; it resisted the suppression or concealment of the possibility to implement the promise better; and it pressed the society toward such better implementation of its potential. In the loyalty with which it performed this triple function lies the secret of both its glory and its misery”⁴⁵. (BAUMAN, 1991, pp. 262-3).

Durante os primeiros cinqüenta anos do século XX os chineses lutaram por seu território, sua soberania era ameaçada por outros povos, como descrito na perspectiva histórica deste trabalho (capítulo 02.2). Superada a ânsia de unificação de seu território pelo medo da fragmentação de um império milenar, a República Popular abraçou todos os ideais socialistas da época. Naquele momento histórico, pós-Segunda Guerra Mundial, o socialismo representado pela imagem da forte União das Repúblicas Soviéticas, se punha grandemente como contraproposta aos modos de produção capitalista. Transformar o mundo a sua volta de forma pragmática e efetiva em prol do desenvolvimento econômico da nação, em prol da modernização, era o objetivo de seus líderes. O ideal socialista propunha alcançar mais rapidamente, mais eficientemente, mais produtivamente e mais organizadamente os elementos de modernidade mais avançados do capitalismo.

“With the intrusion of Western forces, China became increasingly semi-peripheralized or semi-colonized. Semi-colonization weakened state power domestically and made China’s sovereignty problematic internationally. Meanwhile, it forced China to modernize in order to survive. Modern Western institutions and concepts flowed into China and began to influence the path of China’s development.”⁴⁶ (ZHENG, 1999, p.15).

⁴⁵ “Desde sua criação o socialismo moderno foi e continua sendo a contra-cultura da modernidade. Assim como outras contra-culturas, o moderno socialismo executou a função tripla em relação a sociedade à qual opõe e serve: Expunha a falsidade de se representar a sociedade alcançada como o cumprimento da promessa; resistiu à supressão e à ocultação da possibilidade de implementar a promessa melhor; e pressionou a sociedade em direção a uma melhor implementação do seu potencial. Nessa lealdade com a qual executou a sua função tripla está o segredo de sua glória e sua miséria.” (Tradução da autora).

⁴⁶ “Com a intrusão das forças Ocidentais, a China se tornou gradualmente semiperiférica e semicolonizada. A semicolonização enfraqueceu o poder do estado domesticamente e fez a soberania chinesa problemática internacionalmente. Concomitantemente, forçou a China a se modernizar para sobreviver. As instituições ocidentais modernas e seus conceitos invadiram a China e começou a influenciar o caminho de desenvolvimento chinês.” (Tradução da autora).

O sentimento de nacionalismo pegou carona neste ideal modernizante socialista. Uma China forte e inserida no moderno mundo produtivo uniu seus habitantes durante o período de privações que passavam enquanto os planos quinquenais aplicados por seus dirigentes não obteriam o resultado imaginado e ondas de fome e desalento se sucediam nos primeiros 30 anos da RPC⁴⁷. Mas como diz Bauer (1924, p. 68): *“Há uma outra força motriz do sentimento nacional: ela provém do entusiasmo que, como escreve Goethe, a história desperta. Na narração da história, à idéia de nação liga-se a idéia de seu destino, à memória de lutas heróicas, de esforços incansáveis pelo saber e pela arte, de vitórias e derrotas”*. E neste emaranhado de políticas nacionais de mobilização da gigantesca nação, seus habitantes se uniram e passaram a reconhecerem-se como corpo unido, sob a doutrina socialista em busca de uma China Moderna. Lutaram por isso. Por estas idéias derreteram seus utensílios caseiros num esforço nacional de metalurgia e passaram a comer todos em cantinas. Seus filhos foram pro campo aprender com camponeses, seus pais transferidos e trabalhando sem folga. Suas tradições, seu confucionismo, abandonados em detrimento de um socialismo modernizante que os deixariam fortes e não mais susceptíveis aos interesses dos imperialistas ocidentais ou japoneses. Eram invenções de tradições novas, de ritos novos que lhes ajudaram a se afirmar como povo, reconhecerem uns aos outros, diferenciarem do que foram, do que não queriam mais ser e dos outros.

“Naturalmente, muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos – inclusive o nacionalismo – sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica, por exemplo, através da criação de um passado antigo que extrapole a continuidade histórica real, seja pela lenda ou pela invenção. Também é óbvio que símbolos e acessórios inteiramente novos foram criados como parte de movimentos e Estados nacionais, tais como o hino nacional, a bandeira nacional, ou a personificação da Nação por meio de símbolos ou imagens oficiais.” (HOBSBAWN, 1997 p. 15).

E assim o industrialismo socialista chinês foi dando forma a esta nova nação. Desde os primórdios do 4 de Maio de 1919, esta busca da modernidade marca o sentimento do que é

⁴⁷ Em referência aos fracassados planos econômicos “Grande Salto Adiante” e “Revolução Cultural”.

ser pertencente ao País do Centro (ser *Zonggiúo rén*). E é esta interação, nacionalismo chinês, ideologia socialista e modernidade que empurra a RPC para o processo de reforma econômica colocado em prática por Deng Xiaoping a partir de 1979 com a morte de Mao Zedong, em 1976.

Anteriormente, no tempo dinástico, na grande parte da população não urbana, pouco ou nada instruída (vivendo no mundo da monótona e repetitiva vida rural) seus laços eram apenas étnicos e sua devoção – sagrada – por seus governantes; pertenciam ao império e se ligavam por suas etnias que funcionavam também como castas, classes. Divididos assim, como povo, permaneceram por dois milênios, isolados no extremo oriente que para eles era o centro do mundo. Quem poderia questioná-los?

Numa alegoria, com certa liberdade poética, seria como se o mundo fosse realmente chato, de um lado vivíamos nós e nossa sociedade greco-romana e do outro lado desta folha de papel estava o Império do Meio, centro cultural e econômico do lado de lá, com o qual mantínhamos contato periférico.

A modernidade do século XIX ocidental os arrancou da letargia das vidas em estações. Colocou-lhes um desafio, modernizar-se, equiparar-se ou ser dominado. A contraproposta corrente (o socialismo) foi-lhes uma luva e o sentimento de nacionalismo diante deste processo de modernização crescente – industrialização, educação padronizada estatal e urbanização – é apenas uma consequência natural da ligação dos indivíduos com este organismo maior que é o Estado; representa sua ligação com a proposta Estado forte e de *liaison* entre seus membros como nos demonstra Gellner, em seu artigo onde versa sobre estas transformações sociais que levaram à disseminação do nacionalismo pelos quatro cantos do mundo. Para Gellner “o nacionalismo está essencialmente ligado ao advento da industrialização” (1993, p.144). Mas este não é pressupostamente o único argumento para a transição da sociedade pré-industrial que era a China para a moderna (como ele, Gellner,

crítica ser este o pensamento de Hroch, 1993, ao relegar ao industrialismo e ao capitalismo toda esta responsabilidade). Foi mais do que isso.

É a relação desse novo caráter chinês, dessa nova comunidade imaginária que surgia em interação com a contra-cultura moderna do modo de produção capitalista, criando um desejo forte de seus integrantes de manterem-se unidos dentro de suas fronteiras tradicionais e sob seu regulamento e não o do estrangeiro. Um processo complexo e difícil de traçar. É nesse contexto que se insere a política chinesa de manutenção de suas etnias nacionais, elas pertencem a sua nação, dão corpo e forma a sua nação. Como Stuart Hall (2000) defende, estaríamos indo em direção a um pós-modernismo global, em direção a um fim de nacionalismo, portanto seria válido o emprego de políticas governamentais para a proteção de culturas nacionais visando a manutenção da própria identidade nacional maior.

E é esta identidade nacional, de nação já moderna inserida pragmaticamente no cenário mundial (o chinês sendo legitimamente um cidadão do mundo), que mora o novo nacionalismo chinês do início do século XIX. Um nacionalismo responsável por legitimar os governantes atuais e seu programa de mudança, de transição econômica de um socialismo (que um dia já foi tudo em sua imagem como país) para o mundo pós-moderno, já que a modernidade já foi alcançada.

“A China assusta por sua grandeza e atrai por seu sincretismo. Lá convivem raças e religiões, liberdade e ditadura, capitalismo e comunismo, formando uma colcha de retalhos pós-moderna, onde as transformações supervelozes não surgem de modo anarquista, como entre nós, mas que correspondem a um plano compartilhado pela maioria da população, que dele se orgulha e o respeita, reforçada em seu orgulho pelo sucesso e admiração universal.

Muitos que não conhecem a China pensam que ela é, ainda uma potência em via de desenvolvimento, uma potência futura. Na verdade, porém, no Império do Meio, já hoje o número de ricos equivale a toda a população da Alemanha e, em poucos anos, dobrará. É uma potência onde as mudanças são muito rápidas, mas estão sob controle, onde os jovens amam a vida, sentem orgulho de seu país e se mostram abertos à pós-modernidade. Uma potência que vive tudo isso sem angústia, com extremo refinamento, encarnando no Oriente o que Heráclito formulou para o Ocidente: ‘Somente na mudança as coisas se assentam’.” (DE MASI, 2007, p. 82)⁴⁸.

⁴⁸ O pensador Domenico De Masi é sociólogo pela Universidade de Sapienza, em Roma. Autor de livros como “Ócio criativo”, “Desenvolvimento sem trabalho”, entre outros, explora a Teoria do Trabalho e a distribuição internacional do trabalho. É um dos mais polêmicos e inovadores pensadores da era pós-industrial.

03.3. China e o Resto do Mundo

“Obviously, ‘voice’ implies something between ‘loyalty’ and ‘exit’. China will not totally accept the existing international system. Nor will it reject the world system. A ‘voice’ strategy is in accordance with the theme of Chinese nationalism; that is, national sovereignty and independence.”⁴⁹ (ZHENG, 1999, p. 154)

O processo de globalização, da crescente integração das economias e das sociedades acontece em várias domínios do nosso cotidiano. A produção de mercadorias e serviços, os mercados financeiros, a difusão da informação e o intercâmbio cultural são áreas onde podemos mais claramente identificá-lo.

Como ator ativo das relações internacionais, a China não está excluída desta transformação. Ao contrário, nos anos conhecidos como Reforma, buscou-se pragmaticamente a inserção do país no mundo globalizado como jogador atuante e decisivo. O Estado Chinês, forte e conhecedor de seu peso nas relações internacionais, busca sua voz. Escolhe este caminho por vários motivos. Discorda do rumo que o processo de interdependência tem tomado. Discorda das relações de dependência que se cria entre Nações ricas e pobres. Discorda da manutenção de práticas comerciais que trazem ainda mais vantagens econômicas aos mais desenvolvidos. Concorda com vozes marginais por maior atenção a propostas que busquem contrabalancear o poder das teorias do centro-hegemônico de cunho neoliberal, neorealista⁵⁰. Entende que muitas destas vozes marginais não têm platéia e, portanto, consciente de sua posição no cenário mundial, escolhe dar e ter voz para que seu ponto de vista seja ouvido e debatido.

⁴⁹ “Obviamente, ‘voz’ implica algo entre ‘lealdade’ e ‘saída’. A China não vai aceitar totalmente o sistema internacional existente. E nem vai rejeitar o sistema mundial. Uma estratégia de ‘voz’ está de acordo com o tema do nacionalismo chinês, ou seja, soberania nacional e independência.” (Tradução da autora).

⁵⁰ Idéias normalmente designadas *mainstream* (corrente central) do pensamento. Conceitos racionalistas, estruturalistas, positivistas, construtivistas, neorealistas ou neoliberais que predominam no programa de pesquisa dominante na teorização das Relações Internacionais.

“Todos os países, desenvolvidos ou em desenvolvimento, têm o direito a participar dos assuntos internacionais em pé de igualdade. (...) Devemos estabelecer um novo tipo de relações econômicas internacionais caracterizadas por benéfico recíproco, a complementação mútua e o desenvolvimento comum. À medida que os países se aproximam uns dos outros, sua interdependência econômica e complementaridade mútua de vantagens comparativas se fazem mais e mais claras. Nenhum país pode estar afastado da comunidade internacional ou isolar-se do mercado mundial. A internacionalização da vida econômica requer que todos os países realizem amplos intercâmbios e cooperação nos terrenos da economia, da ciência, da tecnologia, das finanças, no comércio e outros, aplicando a política de abertura e descartando o protecionismo e as políticas comerciais discriminatórias. O prolongado domínio colonial e a injusta e irracional ordem econômica internacional causaram pobreza e atraso em muitos países do Terceiro Mundo. A luta para eliminar a pobreza é uma importante meta no mundo de hoje. Os países desenvolvidos devem ajudar os países em desenvolvimento, proporcionando-lhes capital, reduzindo ou perdando suas dívidas, transferindo tecnologia e realizando intercâmbios comerciais em termos equitativos, para ajudá-los a revitalizar suas economias e melhorar as condições de vida do povo. Isso também deve corresponder aos interesses de longo prazo dos países desenvolvidos. O crescimento econômico comum e a prosperidade de todos os países são as metas a que deveria dedicar-se toda a humanidade.” (JIANG, 2002, p. 175)⁵¹.

Voz é uma escolha estratégica dos chineses na era pós-Guerra Fria⁵². Uma estratégia que busca posicionar o país como uma potência mundial. Tradicionalmente, os líderes chineses questionam a ordem mundial centrada nos princípios do Ocidente. Não é recente este posicionamento. Situar-se além do Sistema-Mundo capitalista é uma opção abandonada, não só pela China mas por todos os outros países que anteriormente buscaram criar uma ordem alternativa comunista. Abandonar o debate nas mãos das outras potências portanto não é uma opção. Assim como lealdade a suas idéias e ao caminho antevisto para o mundo por estes representantes, tampouco. Voz é a forma chinesa de reformar o sistema existente e fazê-lo propício para acomodar a China e seus interesses nacionais. Voz é a opção pelo diálogo, pelo debate, para que seus objetivos também sejam representados no mundo em formação e para aceitar as implicações da globalização em seu domínio.

Os chineses acreditam ser capazes de administrar um grande número de pessoas, recursos naturais e financeiros pragmaticamente e eficazmente. Acreditam fielmente que são

⁵¹ “Trabalhemos por um mundo melhor”, 24 de outubro de 1995. Discurso de Jiang Zemin na reunião comemorativa das Nações Unidas por ocasião do 50º aniversário da Organização.

⁵² Uma analogia ao conceito de Albert Hirschman (“*Exit, Voice, and Loyalty: responses to decline in firms, organization, and States*”. Cambridge: Harvard, 1973) utilizado pelo professor Youngnian Zheng (1999) para compreender a posição e estratégia da RPC no cenário mundial (pp.139-59).

um exemplo a ser seguido, um exemplo híbrido de preocupações socialistas em um modo de produção capitalista industrial. Adotando a posição de voz, trazem à agenda internacional seu peso econômico-político. Buscam uma “Nova Ordem Internacional”, ao invés de uma “Nova Ordem Mundial” (ZHENG, 1999, 155). Uma “Nova Ordem Mundial” implica um sistema onde há o domínio de um poder hegemônico. Já o que defendem por “Nova Ordem Internacional” tem por base o Estado Soberano como unidades desta nova ordem; um reflexo do objetivo primordial chinês de preservar a soberania e independência dos Estados, principalmente o seu próprio⁵³.

Esta posição no cenário mundial é certamente um reflexo do momento científico acadêmico de repensamento e reflexão do curso das idéias ocidentais no seu território. Aqui vemos a sua influência na política externa. A modernização orientada por modelos do ocidente já em meados da década de 90 mostrava várias falhas. É por isso que em 92 há uma reorientação econômica da reforma, onde frases como: “socialismo de mercado do tipo chinês”, “desenvolvimento com características chinesas” passam a aparecer recorrentemente (ver anexo 3)⁵⁴, sempre ressaltando a *chineseness* do processo e o legado socialista.

“Also, with the rapid economic development, the Chinese have revived their confidence in their traditional civilization. Confucianism is no longer regarded as a barrier to China’s modernization. Westernization-oriented modernization has brought in numerous ‘diseases’ to the Chinese nation-state, and it is Confucianism that can be used to cure these diseases. In order to revive Confucianism, an anti-Western civilization movement seemed important. From these perspectives China tends to be nationalistic.”⁵⁵ (ZHENG, 1999, p. 157).

⁵³ “Devemos criar uma situação de harmonia internacional que permita que cada país decida seu futuro independentemente, e devemos buscar os terrenos comuns deixando de lado as diferenças. No mundo existem cerca de 200 países diferentes entre si em termos de sistema social, concepção de valores, nível de desenvolvimento, história, religião e cultura. É da soberania de cada nação decidir, considerando suas condições nacionais e a vontade de seu povo, que sistema social terá e que caminho escolherá para seu desenvolvimento. Ninguém tem o direito de intervir nesta decisão. Cada país e cada povo tem características especiais e pontos fortes. (...) Sem diversidade, não poderia existir o mundo tal como o conhecemos. Sem diversidade, não poderia existir sequer as Nações Unidas. Quem se negue a reconhecer ou respeitar a diversidade do mundo e pretenda impor a uniformidade, inevitavelmente se estralhará em um muro de pedras.” (JIANG, 2002, p. 175) em: “Trabalhemos por um mundo melhor” 24 de outubro de 1995. Discurso de Jiang Zemin na reunião comemorativa das Nações Unidas por ocasião do 50º aniversário da Organização.

⁵⁴ Discurso do presidente chinês Jiang Zemin de 12 de outubro de 1992 por ocasião do 14º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês (PCC).

⁵⁵ “Além disso, com o veloz desenvolvimento econômico, os chineses têm reanimado sua confiança em sua civilização tradicional. O confucionismo não é mais observado como uma barreira à modernização da (continua)

03.4. Modernidade e Globalização;

“Born in and of the West some centuries ago under relatively specific sociohistorical conditions, modernity is now everywhere. It has arrived not suddenly but slowly, bit by bit, over the *longue durée*-awakened by contact; transported through commerce; administered by empires, beating colonial inscriptions; propelled by nationalism; and now increasingly steered by global media, migration and capital. And it continues to ‘arrive and emerge’, as always in opportunistic fragments accompanied by utopist rhetoric, but no longer from the West alone.”⁵⁶ (GAONKAR, 2001, p. 1)⁵⁷.

Segundo Anthony Giddens (1991), o conceito de Modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram da Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Progresso, industrialismo, modo de produção capitalista, manejo da natureza em prol do desenvolvimento humano e novas formas de relacionamento social são características da Modernidade. Segundo Giddens, nunca antes a comunidade humana passara por uma descontinuidade histórica como com o advento dos modos da Modernidade; seria sem precedentes a mudança de nossa ordem social⁵⁸.

(continuação) China. A modernização orientada para a Ocidentalização trouxe numerosas 'enfermidades' para o estado-nação da china, e é o confucionismo que pode ser usado para curar essas enfermidades. Para que se reanime o confucionismo, um movimento anti-ocidentalista pareceu importante. Nessas perspectivas, a China tende a ser nacionalista.” (Tradução da autora).

⁵⁶ “Nascida no e do Oeste [Ocidente] alguns séculos atrás sob condições sócio-históricas relativamente específicas, a modernidade está agora em todo lugar. Ela chegou não de repente mas paulatinamente, pouco a pouco, durante o despertar 'longuee dureé' acordada por toque; transportada pelo comércio, administrada por impérios, conquistando inscrições coloniais; impulsionada pelo nacionalismo; e agora cada vez mais guiada pela mídia global, migração de capital. E continua a 'chegar e emergir', como sempre em fragmentos oportunistas acompanhados por retórica utópica, contudo não mais unicamente do Oeste.” (Tradução da autora).

⁵⁷ Dilip Parameshwar Gaonkar é diretor do Centro de Estudos Transculturais (Chicago), professor de Retórica e Cultura Pública na Northwestern University. É também diretor do *Center of Global Culture and Communication* (também na Northwestern University) e editor associado da revista *Public Culture* (Duke University Press). Áreas de pesquisa: retórica e ciências humanas; a relação entre a retórica e a teoria literária/cultural e a globalização da cultura e da comunicação.

⁵⁸ “Algumas formas sociais modernas simplesmente não se encontram em períodos históricos precedentes – tais como o sistema político do estado-nação, a dependência por atacado da produção de fontes de energia inanimadas, ou a completa transformação em mercadoria de produtos e trabalho assalariado. Outras têm apenas uma continuidade especiosa com ordens sociais pré-existentes. Um exemplo é a cidade. Os modernos assentamentos urbanos freqüentemente incorporam os locais das cidades tradicionais, e isto faz parecer que meramente expandiram-se a partir delas. Na verdade, o urbanismo moderno é ordenado segundo princípios completamente diferentes dos que estabeleceram a cidade pré-moderna em relação ao campo em períodos anteriores.” (GIDDENS, 1991, p. 16).

As instituições modernas têm um grande dinamismo, têm visão de mundo global, pois separa o tempo do espaço, desencaixando sistemas sociais e normatizando modos. O tempo não mais é ligado ao lugar; como Benedict Anderson (1989) afirma, a temporalidade moderna coloca-nos como pertencentes do mesmo evento, dos mesmos acontecimentos. O alargamento do mundo nos trouxe a informação. Não há mais espaços vazios. O mapeamento progressivo do globo levou à criação de mapas universais e estabeleceu o espaço como independente de qualquer lugar, região ou sociedade em particular.

Giddens (1991) nos explica que a separação do tempo e espaço é crucial para este extremo dinamismo da modernidade. Primeiro porque permite criar instituições padronizadas, “desencaixadas” de seu contexto social e que existem (ou buscam instituir) em todas as sociedades modernas. Em segundo lugar, estas organizações (inclusive os estados modernos) seriam capazes de conectar o local e o global de formas que seriam impensáveis em sociedades mais tradicionais, e, assim fazendo, afetam rotineiramente a vida de milhões de pessoas. Por fim, em terceiro lugar, a modernidade trouxe o uso sistemático e científico da historicidade propiciando desta maneira unidade a estes mecanismos modernos na apropriação do passado para interpretações que ajudam a modelar o futuro. Dado o mapeamento geral do globo que é hoje tomado como certo, o passado unitário é um passado mundial; tempo e espaço são recombinações para formar uma estrutura histórico-mundial genuína de ação e experiência.

A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada⁵⁹ a cada nova geração conforme esta assume a herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separadas, poucas referências temporais e espaciais onde se pode identificar o significado da transformação. Com o advento da modernidade, a reflexividade assume um caráter diferente. Ela é introduzida na própria

⁵⁹ Giddens (1991) e Hobsbawn (1997).

base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si. A rotinização da vida cotidiana não tem nenhuma conexão intrínseca com o passado, exceto na medida que o que “foi feito antes” por acaso coincida com o renovado costume do presente.

Em face das práticas modernas, do que é tido como desenvolvido, atual e esperado dos governos para sua população, a RPC repensa estes conceitos. Sem dúvida pertence ao grupo das nações modernas. Seu modo de produção industrial cumpre os desejos de eficiência de qualquer administrador. Seu governo trabalha pela manutenção de um mercado integrado e forte ao sistema mundial de trocas econômicas e de bens. Seus cidadãos conhecem a história unitária mundial e reconhecem sua participação. Sua sociedade tradicional deu lugar a uma nova forma híbrida que mescla diversos referências chineses, socialistas e capitalistas. Seus cidadãos contribuem cada dia mais na sua renovação, não só na análise científica, mas moldando-a na tentativa de direcioná-la para seus objetivos.

O professor Argemiro Procópio da UnB⁶⁰ ilustra esta característica chinesa moderna e ao mesmo tempo atitude de voz na formação da Modernidade global:

“Ser desenvolvido não é ter um carro para cada membro da família, nem uma piscina por casa. O modelo estadunidense, extremamente desperdiçador e anti-ecológico, não tem serventia para os chineses. Isso porque ser parte do mundo desenvolvido significa buscar novos paradigmas e elevar a novos patamares o usufruto da prosperidade. Dá-se, então, à qualidade de vida, conotação diferente da imposta pelo consumismo hedonista. Tudo isso, amparado pela coerência da tradição confucionista que privilegia o coletivismo e encara respeitosamente o mundo e a natureza como bens de todos e para todos.” (PROCÓPIO, 2003, p. 428).

Quando falamos de modernidade normalmente estamos nos referindo a transformações institucionais que têm suas origens no Ocidente. Em que medida é a modernidade unicamente ocidental? Uma das conseqüências fundamentais da modernidade é a globalização, um processo de desenvolvimento desigual que tanto fragmenta quanto

⁶⁰ Professor titular do Departamento de Relações Internacionais da UnB (Universidade de Brasília), Mestre em Estudo dos Países em Desenvolvimento na Bélgica e Doutor em Sociologia pela Universidade de Berlim, Alemanha.

coordena. Ela introduz novas formas de interdependência mundial. A Modernidade e a Globalização podem ter sido um projeto iniciado no Iluminismo do Ocidente, mas suas implicações são planetárias, e no estágio que se encontra é alimentada por todos os Estados e culturas membros desta interdependência mundial e consciência planetária.

“Nevertheless, other scholars too, and not least ‘postcolonial Chinese intellectuals’, have asserted that in the melting pot of East Asian culture Confucianism has syncretically mixed other religions and traditional value systems such as Buddhism, Taoism, Shintoism, folk religions and even Christianity, creating a unique system of ethics characterized by diligence, respect for authority, familism and a positive attitude to the affairs of the world.”⁶¹ (HOOGVELT, 1997, p. 209)⁶².

A interdependência regional é uma ferramenta para a manutenção da identidade milenar dos povos do Extremo Oriente. Não mais calcada simplesmente na superioridade do Culturalismo *Han*, os povos do Leste Asiático passam a incorporar o Sistema de Nações trazendo suas características à modernidade. Obrigam o Ocidente a repensar se as tendências da modernidade globalizante seriam somente ocidentais. Segundo Giddens, a Modernidade seria “*inerentemente orientada para o futuro, de modo que o ‘futuro’ tem o status de modelador*” (1991, p.176). A modernidade assim teria seus olhos bem voltados às tendências de desenvolvimento e modo organizacional chinês. Num momento em que o mundo se volta a este ator impressionado por suas cifras e resultados, a modernidade teria muito por incorporar em seus planos do amanhã da Humanidade.

“Modernity is global and multiple and no longer has a Western ‘governing center’ to accompany it.” (GAONKAR, 2001, p. 20)⁶³.

“What made Shanghai into a cosmopolitan metropolis in cultural terms is difficult to define, for it has to do with both ‘substance’ and ‘appearance’ – with a whole fabric of life and style that serves to define its ‘modern’ quality. While

⁶¹ “Entretanto, também outros letrados, e não somente os intelectuais chineses pós-colonialistas defendem que na panela escaldante [mistura] da cultura asiática oriental o confucionismo misturou sincreticamente outras religiões e sistemas de valores tradicionais como o budismo, o taoísmo, o xintoísmo, religiões populares e mesmo o cristianismo, criando um sistema incomparável de ética caracterizado pela diligência, respeito à autoridade, família e uma atitude positiva em relação aos assuntos mundiais.” (Tradução da autora).

⁶² Ankie Hoogvelt é professora na Sheffield University, Reino Unido, onde desenvolve pesquisa sobre Estudos de Desenvolvimento, Pós-colonialismo, Sociologia e Globalização a partir de novos métodos de pesquisa social.

⁶³ “A modernidade é global e múltipla e não tem mais um ‘centro governante’ no ocidente para acompanhá-la.” (Tradução da autora).

obviously determined by economic forces, urban culture is itself the result of a process of both productions and consumption. In Shanghai's case, the process involves the growth of both socioeconomic institutions and the new forms of cultural activity and expression made possible by the appearance of new public structures and spaces for urban cultural production and consumption.” (LEE, 2001, p. 89)⁶⁴.

03.5. Os chineses da Diáspora

“Estima-se que 60 milhões deles [chineses de ultramar] espalham-se pela Malásia, Coréia do Sul, Indonésia, Vietnã, Filipinas, Estados Unidos da América e Peru.

Fortes vínculos culturais atrelados a uma bem arraigada tradição unem os chineses distantes da pátria ao berço de origem em busca de sentimentos comuns, inclusive de segurança. Tal fato leva os chineses ricos da comunidade no exterior a aplicar, na terra de seus antepassados, parte de seus investimentos. Ao contrário de Portugal e de países anteriormente citados [Grécia, ex-Iugoslávia, Brasil e Turquia], cujos cidadãos que partem em busca de trabalho e melhorias de vida no exterior são pobres, os ‘chineses de ultramar’ constituem a elite econômica em várias partes da Ásia. Suas empresas, estruturadas em vínculos familiares e étnicos, comportam-se dentro da tradição gerencial da China, não poucas dispõem de fundos bilionários e parte substantiva dos mesmos aplicam-se na RPC. Até críticos confessos do modelo de desenvolvimento chinês, como Gerald Segal, diretor do Instituto de Estudos Estratégicos em Londres, e Barry Buzan mencionam que ‘cerca de 80% dos USD 45 bilhões que entraram no país, foram enviados por chineses residentes no exterior’⁶⁵, principalmente dos países chamados de Tigre da Ásia.” (PROCÓPIO, 2003, pp 410-11).

O debate acadêmico do nosso objeto de estudo foi muito influenciado pelos intelectuais Chineses de Além-mar. Sua interação com instituições de ensino em outros países é crescente desde o início do processo de *gaige kaifang* (abertura e reforma)⁶⁶. Trabalham ativamente na manutenção do Conceito de China Cultural nas suas instituições de ensino fora da Terra-Mãe. Interpretando o conhecimento adquirido, trazem para o debate interno o resultado de suas pesquisas e interação com o “outro”. São parte da comunidade chinesa da diáspora. São chineses de Além-Mar que não renegam sua ligação com a terra em que

⁶⁴ “O que fez de Xangai uma metrópole cosmopolitana em termos culturais é difícil de definir, uma vez que tem a ver com ambos 'substância' e 'aparência' – com todo um tecido de vida e estilo que serve para definir sua qualidade 'moderna'. Enquanto, obviamente determinado por forças econômicas, a cultura urbana é em si mesma o resultado de um processo de produções e consumo, ambos. No caso de Xangai, o processo envolve o crescimento de ambas instituições socioeconômicas e novas formas de atividade e expressão cultural tornadas possíveis pelo aparecimento de novas estruturas públicas e espaços para produção e consumo cultural urbano.” In: GAONKAR, Dilip P. **Alternative modernities**. Londres: Duke, 2001. (Tradução da autora).

⁶⁵ *Foreign Affairs*. Edição brasileira, publicação na Gazeta Mercantil, 10.9.1999.

⁶⁶ Denominação em chinês (nome dado pelo próprio Deng Xiaoping) para o processo de abertura e reforma econômica iniciado em 1979.

nasceram e preferem ser reconhecidos como “diáspora chinesa”, pois mantêm pacto de lealdade com a Nação. Recentemente tal pacto foi renovado, a ligação com seu local de origem reafirmada. O *gaige kaifang* é um convite para o investimento na terra de seus ancestrais.

Este investimento não é apenas no domínio da academia. Chineses que obtiveram sucesso econômico na terra que adotaram se sentem atraídos a investir na China. Este investimento (seja de envio de dinheiro a familiares ou mesmo o estabelecimento de fábricas e negócios) tem sido responsável por fomentar um empreendedorismo marcante.

Ser *zhong guó rén* e compreender sua identidade dentro desta China em mutação, é por si só uma tarefa complexa. Ser Chinês, e buscar compreender e redescobrir sua *Chineseness* fora da Terra-Mãe traz complicações adicionais. *Huaqiao* (chineses de Além-mar) ou *huayi* (descendentes de chineses) vivendo entre estrangeiros têm a tarefa de repassar para seus descendentes, ainda que imperfeitamente, sua percepção do que é ser chinês. Segundo o professor Wang Gungwu⁶⁷, seria impossível não se questionar sobre as implicações de se viver entre não-chineses. A aparência física diferente, a fala distinta, e ser considerado Chinês pelos outros, leva a uma natural compreensão do que é ou não é chinês (ainda que superficialmente). Para a maioria dos chineses no exterior é o ambiente não-chinês à sua volta que mais lhes influencia. Sua *Chineseness*, sua identidade sofre, é contagiado por trabalharem, negociarem, estudarem e viver entre *wairén* (não pertencentes ao Império do Centro).

A maior parte dos *huayi* são descendentes dos imigrantes chineses que deixaram seu país no século XIX e início do século XX. Na terra adotada eram em grande parte comerciantes (voltados principalmente para suas comunidades étnicas) ou contratados para trabalhos pesados em fazendas, construção de ferrovias e mineração (neste caso haviam

⁶⁷ Acadêmico dedicado a estudar a Diáspora Chinesa. Nascido na Indonésia de etnia chinesa, o professor Wang Gungwu, já lecionou em Hong Kong, Malásia e atualmente é professor na Universidade da Cingapura. Em 2007 completou 77 anos de vida dedicados ao estudo da China e de sua transformação no século XX.

emigrado sem família e quase nenhum sistema de segurança). A vida destes trabalhadores mais conhecidos como *coolies* era dura e muitos pereceram nas más condições de trabalho que encontraram, ou retornaram aliviados a sua terra. A sorte dos comerciantes foi maior. Incluídos nos guetos de suas comunidades étnicas, mantinham sua língua mãe como código principal, especialmente quando sua atividade comercial era intermediar o comércio de sua terra de adoção com a terra de origem, principalmente nos países do Sudeste asiático como Malásia, Cingapura, Indonésia e Tailândia (países que possuíam acordos com o governo chinês para a manutenção de trocas comerciais; o governo Chinês requeria que estas trocas fossem intermediadas por chineses, portanto, enviava cidadãos para se estabelecer em outras terras). Casamentos eram feitos com moças vindas da Terra-Mãe, festivais e práticas religiosas eram mantidos e pequenos enclaves chineses foram sendo estabelecidos; mesmo escolas chinesas foram criadas para a educação dos pequenos. O sucesso financeiro dos comerciantes não passou despercebido e títulos honorários de mandarins eram creditados pela Dinastia Qing no final do século XIX. Já no começo do século XX, todos os *huayi* haviam sido oficialmente declarados *huaqiao*⁶⁸ (*sojourners*) numa tentativa da Nova República de exaltar o sentimento patriótico contra o domínio Manchú e apoio à revolução.

Passada a Segunda Guerra Mundial, uma nova grande leva de chineses partiu em busca da sorte em outros Estados. Nesta nova etapa, a constituição de pequenas comunidades lingüísticas ainda era constante, mas muitos passaram a ter cada vez mais contato com os não chineses e com a realidade local, principalmente nos países da Australásia e nas Américas. Suas atividades profissionais se adaptaram ao novo mundo moderno. Muitos eram profissionais liberais (por vezes educados na Europa e EUA durante programas de envio de jovens da Nova República em busca do conhecimento ocidental, ou instruídos nos países para onde imigraram). Sua terra estava em conflito, e buscavam uma vida de mais tranquilidade

⁶⁸ Segundo L. Ling-chi Wang (1994, p. 186), os *huaqiao* eram tradicionalmente considerados uma força modernizante exemplar e um elemento político significativo na legitimação do poder do Estado chinês. (Tal visão foi iniciada no Governo do KMT, Guomindong, e se reflete até hoje nas diretrizes do Partido Comunista).

nos países que notoriamente eram destino de imigrantes do mundo todo no período. Outros emigravam de suas comunidades lingüísticas no sudeste asiático (por preconceito e perseguição crescente como na Tailândia e Malásia, ou por ambição econômica) e se restabeleciam no Novo Mundo ou na Austrália trazendo consigo o conhecimento de décadas de trocas comerciais modernas, sofisticadas habilidades lingüísticas e rede de relacionamento com a terra-mãe. A maioria das *Chinatown*s⁶⁹ que temos conhecimento hoje foram estabelecidas a partir deste fluxo migratório.

“Today, trade with non-Chinese in these cities and dozens of lesser towns is an experience that reinforces Chinese values and institutions in ways unknown anywhere else. It seems not only to have helped the Chinese stay Chinese, but also to have aroused a keen interest in redefining the modern, free, and cosmopolitan Chinese men and women who can confidently trade among non-Chinese as equals.” (WANG G. 1994, p. 133)⁷⁰

A identidade chinesa que os *huayi* e *huaqiao* carregam pode se refletir de duas maneiras no conceito de *gen* (raízes). Estes chineses de além-mar podem se ver como *luoye guigen* (folhas caídas que eventualmente e inevitavelmente retornarão ao solo chinês) ou como *luodi shenggen* (sementes em solo estrangeiro, criando raízes onde quer que imigrem). Apresento estas imagens para ilustrar a poesia no próprio questionamento íntimo destes indivíduos da diáspora. São duas interpretações diferentes de propósito fora da pátria, duas estratégias de sobrevivência distintas, mas ainda assim um pacto de lealdade a sua *Chineseness* e à China Cultural.

Nos últimos 25 anos de crescimento e desenvolvimento a galopes da Terra-Mãe, *luoye guigen*, *luodi shenggen*, enfim, todos os *Huayi* e os nacionais chineses buscam vantagens comparativas para o desenvolvimento de sua nação. Os *huayi* lançam mão de suas habilidades de transitarem pelo mundo chinês e o mundo exterior que o adotou em prol de

⁶⁹ São Francisco, Vancouver, Toronto, Nova York, Los Angeles e Sidney.

⁷⁰ "Hoje, negócios com não-chineses nessas grandes cidades e dúzias de outras pequenas não são importantes é uma experiência que reforça os valores e instituições chinesas de maneiras desconhecidas em qualquer outro lugar. E parece ter não somente ajudado os chineses a permanecerem chineses, mas também ter despertado um agudo interesse em redefinir o moderno, livre e cosmopolitano homem chinês (e mulher), os quais podem negociar entre não-chineses como iguais." (Tradução da autora).

ganhos, prestígio e fortuna. Os nacionais chineses, quando possível mandam seus filhos para uma jornada educacional como *huaqiao* em terras estrangeiras para enfim, retornarem a pátria com habilidades essenciais para uma vida de sucesso e trabalho, o sentimento de *luoye guigen* segue com eles onde quer que vão.

04. Nova Revolução Cultural e Discurso Oficial

A modernidade e a interação com o mundo trazem transformações profundas à identidade chinesa. Uma nova revolução cultural modifica as relações humanas e suas atitudes. O Estado observa a transformação e busca evitar perder sua legitimidade. Age ativamente na orientação dela, mas existem esferas onde pode somente observar e aprender como se ajustar ao novo mundo informacional que escapa a sua regulação. Internet, cultura, comportamento e discurso oficial são os temas deste capítulo que procura analisar os resultados de tais modificações na sociedade e no aparato do Estado.

04.1. Internet e a tecnologia da informação

“The Internet has become a dynamic force in China’s cultural landscape today. It is an important aspect of globalization, and it plays an active role in China’s transformation from its Maoist past to a postrevolutionary, postsocialist society. Globalization not only brings China closer to the capitalist world economic system and market but also generates new forms of culture and social interaction. The internet has provided a new impetus to this process of transformation.” (LIU, 2004, p.127)⁷¹.

O fenômeno mundial da Internet alcança a China em meio a grandes transformações políticas e ideológicas. Desde meados da década de 90, um incontável número de *Websites* em língua chinesa são publicados e participam na transformação cultural e na comunicação nacional. Tecnologia e desenvolvimento econômico são prioridades do Governo. Entretanto é na área de coesão social e manifestação de identidade que a Internet e a tecnologia informacional⁷² mais se destacam. A Internet tem sido para os chineses arena de debate cultural, ideológico e político.

⁷¹ “A Internet se tornou uma força dinâmica no campo cultural da China hoje. Ela é um aspecto importante da globalização, e tem um papel ativo na transformação da China de seu passado maoísta para sua sociedade pós-revolucionária e pós-socialista. A globalização não só põe a China mais perto do sistema e mercado econômico mundial capitalista mas também gera novas formas de cultura e interação social. A Internet tem provido um novo ímpeto para esse processo de transformação.” (Tradução da autora).

⁷² Comunicação e informação aliados à informática.

Funciona como uma nova imprensa conectada à rede internacional de comunicação, trazendo à população informações sobre o que acontece no mundo e dentro de seu próprio país. *Blogs*, a forma pós-moderna de fazer pública a opinião e informação, se multiplicam e nova geração nascida a partir da década de 70 é a responsável por esta expressão. Websites de motivos diversos e programas de comunicação instantânea⁷³ (como o QQ⁷⁴) ultrapassam as fronteiras da imprensa governamental que até então centralizava a informação e orientava sua distribuição. Observamos um processo de mudança no controle da informação dentro da China e, segundo o professor Liu Kang (2004), esta mudança acarreta em transformação dentro do próprio aparato ideológico do Estado (ISAs – *Ideological State Apparatuses*) em busca de legitimação já que a quase duas décadas há uma incomensurabilidade entre a ideologia socialista e o capitalismo de mercado.

“The Internet has dramatically accelerated the pluralization of the media in China since the mid-1990s. China began to develop the Internet in 1994, as the U.S. federal government announced its agenda of constructing an information superhighway. On 20 December 1995, *China Trade Daily* became the first Chinese news medium to have an online version on the Internet. By the end of 1995 only seven Chinese media had an online service. Beginning in 1996, however, China’s Internet development soared. By the end of that year, there were only 100,000 Internet users, but by the end of 1998 the number of Internet users reached 2.1 million. One year later, that figure doubled, reaching more than 4 million in December 1999, and by the end of 2000, 20 million, a phenomenal growth by any standard.” (LIU, 2004, pp 130-1)⁷⁵.

⁷³ Mais conhecido por IM (Instant Messenger).

⁷⁴ OICQ (*Open ICQ*), hoje conhecido por QQ é um serviço doméstico de comunicação instantânea entre usuários na China. O fundador do QQ é Pony Ma, que em 1993 se formou em engenharia de softwares pela Universidade de Shenzhen e já em 1995 apostou no estabelecimento de um provedor de Internet na província de Guangdong (Cantão), a mais populosa e definitivamente a mais industrializada, e pólo tecnológico. Em 1998 usou todos seus fundos na criação do QQ, inspirado no ICQ (famoso IM do final da década de 90, “*I seek you*” que atualmente passa por um certo ostracismo entre os internautas do ocidente). O QQ foi oferecido gratuitamente e rapidamente alcançou um número extraordinário de usuários. Ações conjuntas com empresas de comunicação, como a Nokia, e de tendência, como a Nike, reforçaram a imagem de inovadora da empresa de Pony Ma e já em 2005 o QQ contava com 160 milhões de usuários ativos, 70 milhões de usuários simultâneos e 7.3 milhões de usuários que contrataram algum tipo de serviço extra oferecido pelo QQ. Em 2005, sete anos depois de seu lançamento, o QQ da *Tencent* (empresa de Pony Ma) é o terceiro IM mundial em popularidade e o primeiro na Ásia. (dados de: **China Today**. Pequim: Foreign Languages Press, março de 2005, pp 56-9).

⁷⁵ “A Internet tem acelerado dramaticamente a pluralização da mídia na China desde meados de 1990. A China começou a desenvolver a Internet em 1994, enquanto o governo federal dos EUA anunciava sua intenção de construir uma “supervia” de informação. Em vinte de dezembro de 1995, a *China Trade Daily* se tornou a primeira mediadora de notícias da China a ter uma versão on-line na Internet. Já no fim de 1995 somente sete mídias chinesas tinham serviço on-line. Começando em 1996, entretanto, o desenvolvimento da Internet chinesa ascendeu. No final daquele ano, haviam somente 100.000 usuários de Internet, mas pelo final de 1998, o número alcançou 2.1 milhões. Um ano mais tarde esse número dobrou, alcançando mais de 4 milhões em dezembro de 1999, e no final de 2000, 20 milhões, um crescimento fenomenal em qualquer parâmetro.” (Tradução da autora).

Este número crescente de internautas continua usando a Internet para buscar notícias e debatê-las. Com os blogs e outros meios pessoais de expressão virtual a *Web* (Internet) é uma esfera pública de debate intelectual, político e cultural. Gradualmente esta liberdade de discutir até mesmo feridas nacionais (como a reforma do sistema político unipartidário, ou as falácias do Estado no passado e no presente, e até mesmo a burocracia comunista) toma corpo e afeta significativamente o futuro político do país.

A Internet em chinês é ampla e quase inacessível para nós do ocidente que desconhecemos sua escrita e o método de *input* (inserção de dados) de seus caracteres no computador. Também por desconhecermos sua leitura, caso naveguemos despreziosamente por um *website* em chinês logo perdemos interesse e o abandonamos. Entretanto ela existe e é ampla. Influencia a muitos e continua se multiplicando assim como o conteúdo em português também tem multiplicado enormemente nesta Internet originalmente da língua inglesa. A *web* é um espaço democrático e há acomodação para todos nesta Babel. Para atrair internautas de outras línguas, os desenvolvedores chineses têm oferecido, quando possível, versões em inglês de seu conteúdo, principalmente agências de notícias, periódicos e *websites* de empresas ou instituições de ensino superior. Em contrapartida, oferecer o conteúdo de um *website* em chinês também tem se mostrado importante. Chineses de além-mar, principalmente dentro dos Estados Unidos, colocam no ar conteúdo na língua de seus ancestrais. É mais uma forma de expressão de sua *chineseness* mesmo longe da Terra-Mãe nesse veículo de informação que não conhece fronteiras.

Segundo professor Liu Kang⁷⁶, a Internet sofre pouca e ineficaz censura por parte do Estado. É um raro espaço para a voz e a opinião pública dentro do país. Entretanto, ao contrário do que sugere a mídia ocidental, o governo chinês mantém uma atitude ambígua em

⁷⁶ Entusiasta nacionalista eternalista e crítico da ocidentalização da cultura chinesa, o professor Liu Kang é bacharel pela Universidade de Nanjing, China, Phd. pela Universidade de Wisconsin em Literatura Comparada em 1989. Atualmente é professor de Estudos Chineses na Duke University e professor pesquisador visitante sênior no departamento de Humanidades e Ciências Sociais da Tsinghua University, China.

relação à expressão das idéias na *web*, especialmente nos fóruns de discussão dos sítios mais populares. Tolerava a sua existência e crescimento contanto que não defendam publicamente a queda do regime do PCC. Mas esta vigilância do “Grande Irmão” ocorre somente nos fóruns inseridos em *websites* hospedados nos provedores dentro da China, não há forma prática de regular o conteúdo de páginas pessoais como *blogs* ou mesmo os incontáveis fóruns em páginas hospedadas em outros países. Definitivamente a Internet é um desafio à censura.⁷⁷

Um outro aspecto da influência da Internet na expressão da identidade chinesa é usá-la como espaço literário servindo como uma representação estética da jovem população urbana. A cada ano, 20 milhões de chineses atingem a puberdade, em 2005 duzentos milhões de chineses tinham entre 15 e 24 anos⁷⁸. Jovens urbanos foram criados moldados pelo entretenimento rápido da televisão e acesso à Internet desde meados da década de noventa, ou seja, muito cedo nas suas vidas. Computadores são acessíveis à população por preços razoáveis e também objetos de desejo pelos quais trabalham para adquirir. Estão no ambiente de trabalho e nas escolas, integrados ao dia-a-dia urbano e educacional. Na Internet lêem novelas e romances em busca deste entretenimento puro e rápido rejeitando os livros como um meio de compreender a natureza humana e a sociedade, nota-se um declínio no interesse na literatura tradicional na faixa etária em questão (LIU, 2004 e ZHANG, 2005). Confiam nos meios rápidos de informação para tal, criam grupos de discussão, fóruns e *websites*.

⁷⁷ Na prática, em minha estada de sete meses (novembro-2006 a junho-2007) na China continental, em Hong Kong e em Macau, todo o conteúdo da *web* estava disponível para o usuário, basta saber como acessá-lo. Hong Kong e Macau não sofrem vigilância alguma, não há restrições e o serviço de Internet é impecável, na vanguarda da banda larga e com *gadgets* (aparelhos eletrônicos) de mão que lhe permitem estar na Internet em qualquer lugar (até o final do ano de 2007, Hong Kong se tornará a primeira cidade na Ásia com conexão de alta velocidade sem fio, *WiFi*, provida pela PCCW, o conglomerado de informação desta Região Autônoma Especial). Na China continental experimentei alguns problemas para acessar conteúdo em periódicos estadunidenses como o *New York Times*, mas não tive problemas para ler o *Le Monde Diplomatique* francês. Entretanto, usuários da Internet interessados (e os chineses o são), há muito tempo conhecem serviços *web-based* (que são oferecidos na Internet, sem ser necessária a instalação de programas) que permitem acessar qualquer conteúdo sem que seja rastreado de onde o usuário está conectado. Programas como o *MetaProxi* me permitiram ver inclusive o Wikipédia que ainda não foi liberado para a China continental. O *MetaProxi*, por ser um programa *web-based* poderia ser censurado como as páginas supracitadas, mas ele e outros de mesma natureza têm uso livre, ou seja, basta o usuário chinês conhecê-lo para navegar livremente e anonimamente pela *World Wide Web* (WWW - Grande Teia Mundial).

⁷⁸ ZHANG Xueying. “Be cool, be cute, be different”. In: **China Today**. Pequim: Foreign Languages Press, junho de 2005, pp 10-7.

Numa economia de mercado que oferece a todos as últimas novidades, os jovens chineses constantemente se vêem como espelhos dos outros, seja por que se vestem da mesma maneira, ou por causa das bugigangas eletrônicas do momento que todos já possuem. A febre pelos eletrônicos acomete a todos, principalmente nas cidades. O tempo de um jovem é gasto com estudo intenso por aprimoramento profissional⁷⁹ e jogos eletrônicos⁸⁰.

Em contrapartida, surgiu um novo tipo de atividade extra-escolar primária nos últimos 20 anos, apoiada especialmente pela geração educada durante a “Revolução Cultural” (e que alegam ter tido sonhos e crenças destruídos pelos acontecimentos). Desejam ver seus filhos únicos com uma base moral e ética melhor e as encaminham para aulas de Clássicos Chineses. Este movimento começou através de estudos do professor Wang Caigui, da Universidade Normal de Taizhong em Taiwan, onde defende que o estudo dos clássicos e recitar poesias (“Os Quatro Livros e os Cinco Clássicos”) capacita às crianças perceber as nuances da língua chinesa e estarem mais bem equipadas a apreciar trabalhos literários. A educação massificada, focada nas ciências exatas como em qualquer outro lugar no globo, tem retirado dos pupilos o interesse na literatura por gerações⁸¹.

É importante ressaltar que estes elementos descritos refletem em grande parte os acontecimentos na esfera urbana e principalmente no grupo de pessoas com uma escolaridade maior. Sendo a Internet um fenômeno recente, esta análise descritiva de sua influência na

⁷⁹ Em 1977, com o fim da Revolução Cultural em 1976, o Teste de Admissão Nacional à Universidade foi restabelecido. Ele é conhecido por *gaokao* e os alunos do último ano do ensino médio na China passam meses estudando até 14 horas por dia. A pressão é similar à relatada nos países desenvolvidos do Leste asiático como Coréia do Sul e Japão, onde o índice de suicídio em jovens é alarmante devido a este peso. A expectativa dos pais é ainda maior na formação do seu filho único que lhes proverá na velhice. O *gaokao* é o teste de admissão às universidades públicas de excelência que normalmente estão localizadas nos grandes centros urbanos onde se encontram as melhores possibilidades de emprego.

⁸⁰ O mundo virtual de WarCraft é o jogo on-line de mais sucesso em 2007. *World of WarCraft*, ou WoW, lançado pela Blizzard Entertainment em 2004, tem 8.5 milhões de usuários que desembolsam cerca de 15 dólares estadunidenses por mês para poder explorar este mundo. Segundo a Blizzard Entertainment, a maioria de seus jogadores são chineses.

⁸¹ Os clássicos, assim como Confúcio, desde 1919 têm sido alvo de políticas iconoclastas que já chegaram mesmo a queimá-los em público, quando não obrigavam as próprias crianças a fazê-lo. Os Quatro Livros são: “O grande aprendizado”, “A doutrina do significado”, “Os analíticos de Confúcio” e “Mencius”; enquanto os Cinco Clássicos são: “O livro da História”, “O livro das Mudanças”, “O Livro dos Ritos”, “O Livro das Músicas” e “Os Anais da Primavera e do Outono”.

identidade ultrapassa a delimitação temporal do trabalho, mas de muitas maneiras as transformações acontecidas e os temas em debate na Internet são resultado do debate teórico ideológico dos primeiros 7 anos da década de noventa. Portanto, estudar de que forma a Internet manifesta nos nossos dias esta herança, ilustra as transformações por que passaram a geração de adultos de hoje e também dos próximos 30 anos. Em 2004 na China, 80 por cento dos usuários de Internet estavam na zona urbana e tinham no mínimo ensino médio completo. Uma parte significativa, cerca de 45 por cento, destes internautas urbanos tinha entre vinte e trinta anos, ou seja haviam nascido nos anos 70 ou depois (LIU, 2004. p. 149). Esta geração é beneficiária da Reforma em termos de prosperidade material e econômica, mas ao mesmo tempo carrega a marca da transição conforme tratada no capítulo 2 deste trabalho: perda de valores e de referenciais enquanto o idealismo revolucionário da Era Mao é rapidamente substituído por consumo e culto ao ego.

04.2. Comportamento, Cultura e Cinema

“The beginning of the twenty-first century marks the coming of age of the new generation. A distinct urban youth culture is taking shape, nurtured largely by an electronically based consumer culture. As such, this youth culture is the embodiment of globalization: it draws its icons, styles, images, and values mainly from the “global” (read: Western) consumer cultural production and entertainment industry. In the meantime, the young generation has a much stronger desire for a distinct cultural identity, making their individual differences, when compared with their parents, who were ‘Mao’s children’ born in the 1950s.” (LIU, 2004, pp 149-50)⁸².

O surgimento de uma nova forma de comunicação e mídia, em particular a Internet, na virada do século XIX, mudou a dinâmica da produção cultural na China e também o padrão do consumo. Jovens chineses vêem o que compram como símbolo de sua prosperidade

⁸² "O começo do século XXI marcou a chegada à maioria da nova geração. Uma distinta cultura urbana jovem está se formando, fartamente alimentada por uma cultura consumista baseada nos eletrônicos. Como tal, essa cultura jovem é a incorporada na globalização: ela suga seus ícones, estilos, imagens e valores principalmente da produção cultural consumista global (lê-se ocidental) e da indústria do entretenimento. Enquanto isso, a geração jovem tem um desejo bem maior por uma identidade cultural distinta, salientando sua diferença individual, quando comparados com seus pais, que eram as 'crianças de Mao' nascidas nos anos 50." (Tradução da autora).

crescente e engajamento a uma forma moderna de vida; marcas, celebridades, tendências lhes parecem a maneira correta de se expressar ante a imensa população jovem de seu país.

Esta nova geração dos últimos 15 anos é denominada pelos chineses de “tribos neo-neo” ou “nova nova humanidade/geração” (*xin xin rénlei*- 新新人类). Este rótulo descreve os jovens adultos cujo estilo de vida inclui possuir roupas de *designers* famosos, as últimas bugigangas tecnológicas, carros envenenados, freqüentar *spas* e possuir outros bens de luxo transnacionais. Não são mais regulados pelas opções genéricas oferecidas anteriormente nas grandes lojas de departamento estatais. Além de contarem com todas as grandes lojas japonesas, coreanas, européias e estadunidenses em suas grandes metrópoles, já podem viajar e comprar nos países de origem, seja de férias ou enquanto completam seus estudos em instituições de ensino superior fora da Terra-mãe. São comparativamente, uma porção pequena da sociedade chinesa, consumidores finais de alto nível, porém muito visíveis, incitando tendências e multiplicando na mídia sua forma *xin xin rénlei* de viver, pois em grande parte são artistas, jovens executivos bem-sucedidos e formadores de opinião. São a imagem chinesa da mesma tendência japonesa e sul-coreana que o Ocidente observa desde a década de 80. Todos os anos mais chineses alcançam esta posição social.

Na linguagem, o código vernáculo sofre adições constantes. Enquanto se reforma, a China nota uma mudança dramática na forma em que as pessoas se expressam, cerca de 1000 palavras surgem por ano numa mistura de neologismos e estrangeirismos pop, muitos influenciados pelo uso crescente da Internet e de seus termos técnicos. Uma terceira revolução da linguagem na China moderna⁸³.

⁸³ A primeira ocorreu com o movimento de 4 de maio em 1919, onde o chinês clássico foi abandonado, principalmente na produção literária, e a segunda ocorreu com a formação da RPC e a reforma orientada pelo Estado que determinou e executou a simplificação dos caracteres à forma que os conhecemos hoje e romanizou a língua chinesa criando um código de pronúncia, o *pin yin*. Até então havia diversos códigos em uso, todos desenvolvidos por outros povos para aprender o chinês.

Ademais, conforme observamos, com a adição de novas palavras à língua corrente do país observa-se um crescente distanciamento para com o discurso e com o vocabulário do período maoísta e da ideologia da revolução. O professor Han Ji Ti, colaborador do Moderno Dicionário da Língua Chinesa, explica que desde a época da libertação (1949) até o início da Reforma (*gaige kaifang*, em 1979) a maioria das novas palavras eram de viés político. Atualmente as novas aquisições têm caráter social, econômico e legal.⁸⁴

No cinema, a quinta e sexta geração de cineastas chineses alcançaram grande popularidade em audiências internacionais e nacionais. Inclusive financiamento internacional para trabalhos dos diretores chineses passou a ser mais comum.

A 5ª geração de cineastas chegou aos holofotes em meados dos anos 80 e experimentou grande popularidade de seus filmes fora do país. Em grande parte eram graduados pela Academia de Cinema de Beijing, em 1982, a primeira leva de diretores formados depois da Revolução Cultural. Entre eles está Zhang Yimou e Chen Kaige que buscaram métodos pouco ortodoxos e liberdade narrativa em suas obras. Seu objetivo era estabelecer um estilo contemporâneo de se fazer cinema no país. “O Rei das Crianças” (1987), “Adeus minha concubina” (1993) e “Lanternas Vermelhas” (1991), são filmes que tiveram uma exposição internacional e cativaram platéias, principalmente aqui no ocidente. Na China, por períodos curtos foram até banidos, mas depois reabilitados. A 4ª geração (treinada antes de 1966) também encontrou espaço no crescimento da indústria cinematográfica, não só como diretores mas também na produção e no financiamento dos novos talentos, como fez o cineasta Wu Tianming, formado antes da revolução cultural.

O movimento cinematográfico da 5ª geração acabou efetivamente em 1989, quando uma transformação social e ideológica profunda ocorreu na sociedade chinesa, como

⁸⁴ Até mesmo palavras de ordem como revolução: *ge ming* (literalmente: matar para mudar) são hoje usadas para propósitos muito distantes da ideologia dual do período da Guerra Fria. É comum encontrá-las em domínios diversos da atualidade como a *ge ming* da Tecnologia da Informação, ou a era *ge ming* do consumidor e mesmo aprendizado *ge ming*.

discutimos previamente neste trabalho. Seus cineastas, entretanto, continuaram produzindo. Atualmente Zhang Yimou é o representante mais conhecido do cinema chinês, especialmente do grande cinema voltado para platéias internacionais a fim de competir com produções hollywoodianas e por vezes com orçamento estatal. Sucessos recentes, lançados inclusive aqui no Brasil são: “Nenhum a menos” (1999), “o Longo caminho de casa” (1999), “Happy times” (2000), “Herói” (2002) e “A casa das adagas voadoras” (2004).

A sexta geração é conhecida pelo uso de métodos que buscam retorno à forma amadora de se fazer cinema, um estilo documentário, com câmera na mão, longas tomadas, som ambiente e baixo orçamento, ao modo “cinema-verdade”. Wang Xiaoshuai, Zhang Yuan, Jia Zhangke e Lou Ye são os mais conhecidos representantes deste cinema auto-intitulado pós-moderno. Eles buscam uma visão mais individualista, não romântica da vida em um cenário urbano contemporâneo especialmente onde estão localizados os maiores paradigmas e contradições da moderna sociedade chinesa capitalista.

Em 2005, quatorze mil estudantes se inscreveram para o exame de admissão na Academia de Cinema de Beijing. Quase metade, 6 mil jovens, se inscreveram para os cursos de interpretação e artes cênicas que só disponibiliza 180 vagas, conseqüentemente somente 3 por cento dos alunos serão aprovados fazendo com que a Academia de Cinema de Beijing seja a universidade mais concorrida do país⁸⁵.

04.3. O Estado e a nova ideologia

“O patriotismo socialista tem três níveis. No primeiro nível, os indivíduos subordinam seus interesses pessoais aos interesses do Estado. No segundo nível, os indivíduos devem subordinar seu destino pessoal (*geren mingyu*) ao destino do sistema socialista. E no terceiro nível, os indivíduos devem subordinar seu futuro pessoal ao futuro da causa comunista.” (Propaganda do PCC, In: Zhao, 2004, p.28)⁸⁶

⁸⁵ Dados de: **China Today**. Pequim: Foreign Languages Press, maio de 2005, p. 9.

⁸⁶ Propaganda nacionalista do PCC, Partido Comunista Chinês, ainda no período de Mao Zedong. Data desconhecida. Citado em ZHAO, 2004. (Tradução da autora).

Nacionalismo de Estado define uma nação como uma unidade política e territorial em um sistema organizacional que agrupa cidadãos em um determinado território – voluntariamente ou não – em prol de produzir bens públicos para seus membros e tomar decisões soberanas. Este nacionalismo de estado é promovido pela elite estatal que fala em nome da nação incitando as pessoas comuns a se identificarem com a superestrutura nacional e subordinar seus interesses ao interesse do Estado. Na China a elite governamental incita a criação de uma coletividade povo/estado com uma imagem multi-étnica e centralizada. O estado chinês assume o papel de defesa da integridade da identidade chinesa (incluindo a integridade física, cultural e moral) restabelecendo o orgulho nacional.

A estratégia do estado chinês para alcançar este fim é lançar mão de uma atitude pragmática, de um nacionalismo pragmático (em detrimento ao nacionalismo liberal ou étnico). Ele instrumentaliza o sentimento de nacionalismo para incentivar e criar legitimidade política de seu regime e manter estabilidade e unidade nacional. Estabelece objetivos econômicos e de desenvolvimento que satisfaçam a vontade dos diversos grupos sociais.

O caos ideológico trazido pelo insucesso da *Perestroika* e dissolução da União Soviética serviu como exemplo ao Estado Chinês de que reforçar o seu poder e legitimidade nacional era necessário. O apoio a seu projeto-nação pelas bases e pelos jovens é essencial e o movimento de questionamento ao governo de 1989 endossou esta necessidade.

Em mandarim a palavra nacionalismo tem uma conotação negativa, opressiva e reacionária. O estado e a população (por consequência) utilizam *aiguó* (爱国), literalmente “amar o país”, “amar a pátria”. Encubado nesta expressão está a idéia de amar e apoiar a China, sem distinção de Estado chinês ou partido; lealdade à nação chinesa (e suas 56 nacionalidades étnicas). O nacionalismo pragmático tem por objetivo ressaltar a lealdade do povo chinês para promover o interesse do Estado Comunista (ZHAO, 2004, p.31). Definitivamente uma resposta ao declínio da ideologia comunista entre as pessoas no país.

Como sabemos, o nacionalismo elícita o senso de unidade e lealdade entre o estado soberano e a população subordinada. No caso chinês, este patriotismo pragmático busca a união do povo com o Estado em prol da construção de um Estado-Nação moderno e desenvolvido.

Para tal objetivo de coesão nacional o Estado lançou posteriormente aos eventos da praça da Paz Celestial a “Campanha de Educação Patriótica” para aplacar o descontentamento doméstico que o declínio da crença popular na ideologia comunista causava. As campanhas de incentivo para que alguns fiquem ricos antes de outros nos anos 80 trouxeram antagonismos sociais e ideológicos ao ideal comunista. A imagem marxista que o Estado sustentou nos primeiros 10 anos da Reforma não tinha mais apelo social e ameaça o tradicional objetivo de Estado forte que todos os governantes chineses sempre buscaram.

Segundo a visão do PCC, tanto reformistas (representados por Deng Xiaoping) como conservadores (representados por Chen Yun⁸⁷) concordavam que:

- A estabilidade política era necessária e não deveria haver ameaças à liderança política do Partido Comunista;
- O regime deveria gozar de autoridade normativa para evitar mal social e desordem moral;
- A juventude precisava de uma nova doutrina;
- Nada no arsenal comunista poderia agregar apoio popular (constatação de que chegara ao fim o dogma comunista).

⁸⁷ Deng Xiaoping e Chen Yun sempre foram aliados históricos, inclusive no período de Mao e juntos trabalharam para tirar do poder o sucessor escolhido pelo Timoneiro, Hua Guofeng, em 1978. Porém, durante a década seguinte passaram a discordar um do outro sobre como orientar a economia e também em questões de autoritarismo do Estado. Com os eventos de 89 na praça da Paz Celestial, os conservadores ganharam força e muito da repressão que se seguiu foi resultado da volta desta linha dura. Deng astutamente trabalhou para retomar total liderança política, Pequim era uma fortaleza conservadora e sua mobilidade política era cerceada neste meio. Em 1992, com sua viagem ao sul do país ganhou notoriedade pública, apoio das lideranças Costeiras e, finalmente, apoio dos conservadores para seguir sua reforma e campanha patriótica que exaltava a reforma como salvação ao atraso econômico chinês. A viagem começou em 17 de janeiro de 1992 e terminou em 20 de fevereiro, depois de passar por importantes cidades industriais e centros econômicos: Shenzhen e Zhuhai no delta do Rio da Pérola, Zhongshan, Shunde e Xangai (Shanghai). “O propósito da viagem de Deng ao Sul do país, como foi anunciado posteriormente pela imprensa oficial de Pequim, foi acabar com o debate ideológico sobre se a reforma deveria ser nomeada capitalista ou socialista” (ZHAO, 2004, p.217) (Tradução da autora).

A solução acordada foi um processo nacional de redescobrimto do sentimento patriótico nacionalista que seria compartilhado entre o Estado e a população. Um novo pacto social a ser forjado entre governante e governados onde o Estado se comprometia ser o guardião da força e do orgulho nacional.

Segundo o professor Zhao (2004, p. 214) neste pacto estava subentendido que os chineses usariam todos os meios e esforços para enriquecerem e seus líderes adotariam qualquer sistema de valores que lhes ajudassem em sua jornada por poder, prosperidade e fortuna. Este pragmatismo defendido por Deng Xiaoping pode ser ilustrado em sua teoria de que “não importa se o gato é branco ou preto, o importante é que pegue ratos”. Desta forma fica a mensagem de que os chineses não devem temer usar mecanismos do sistema capitalista enquanto lhes trazer desenvolvimento econômico e social.

O foco da campanha educativa patriótica foi pátria, cultura tradicional e reforma orientada pelo mercado. “Posicionar a construção econômica no centro, continuar a reforma e abertura e melhorar o padrão de vida das pessoas”, este é o lema da revolução pacífica⁸⁸ como Deng denominou.

Em janeiro de 1993 a Comissão de Educação do Estado publicou um importante documento: “Programa para a Reforma da Educação Chinesa e Desenvolvimento” onde o patriotismo era o guia principal nesta transformação. Uma circular importante já era pública desde 1991: “Usando Eficazmente as Relíquias Culturais para Conduzir a Educação em Patriotismo e Tradições Revolucionárias”. E em novembro de 1993 o Departamento de Propaganda Central do PCC, juntamente com a Comissão de Educação do Estado, o Ministério de Radiodifusão, Televisão e Filmes, e o Ministério da Cultura decidiram que todas as escolas primárias e secundárias do país participariam de um projeto de educação

⁸⁸ Revolução Pacífica: o caminho para o desenvolvimento chinês. Termo também cunhado por Deng Xiaoping.

patriótica através de filmes e televisão. A adesão foi grande e em maio de 1994 dados das escolas de Pequim mostram que 95 por cento dos estudantes se organizaram para assistir os filmes recomendados pela Comissão de Educação do Estado⁸⁹. Filmes foram exibidos em canais abertos e times foram recrutados para projeções públicas em áreas montanhosas, distantes e menos desenvolvidas.

Nas universidades e ensino médio, cursos de educação patriótica foram incluídos ao currículo oficial. Além disso um antigo ponto de tensão juvenil com a política educacional era a avaliação sobre o pensamento marxista no *gaokao* (teste de admissão à universidade) que foi suprimido e substituído por outros modos de formação ideológica orientada pelo Estado como programas de exaltação da *chineseness*. “Eu sou Chinês” (*wo shi Zhongguo rén*) foi um projeto obrigatório aos universitários, onde ter orgulho de ser chinês e as grandes realizações chinesas eram exaltados.

O ponto alto da campanha governamental aconteceu em setembro de 1994 com a circulação das “Diretrizes para a Condução da Educação Patriótica”. Ela estipulava que o objetivo do projeto era: 1- inflar o espírito nacional; 2- aumentar a coesão; 3- criar auto-estima e senso de orgulho nacional; 4- consolidar e desenvolver amplamente uma frente patriótica unida; e 5- direcionar e impulsionar paixão da massa patriótica à grande causa da construção socialista com características chinesas ajudando a Terra-Mãe a se tornar unificada, próspera e forte.

Universidades promoveram cursos eletivos em história, literatura, arte, caligrafia, ciência e tecnologia chinesas, além de outros cursos baseados em tradições culturais e a reabilitação de Confúcio como código moral e ético histórico da nação. O currículo oficial buscou mostrar aos estudantes onde a China era forte e suficiente e onde ainda precisava se desenvolver, criando um senso de missão histórica de cada indivíduo nesta tarefa.

⁸⁹ Dados de ZHAO, 2004, pp 218-25.

Soldados, oficiais e o funcionalismo foram envolvidos nesta educação patriótica sendo chamados a subordinar suas ambições às necessidades da nação e à causa socialista. Além das escolas, das repartições e das unidades militares, em todas as esferas da vida cotidiana, os cidadãos se sentiram mobilizados a participar da campanha. Fórum e debates foram organizados em empresas, institutos de pesquisa, comitês regionais, associações de moradores e vilas.

100 filmes, 100 livros, 100 pontos turísticos, 100 personalidades da RPC foram definidos pelo governo como patrióticos e distribuídos ou divulgados em todo o país. Foram criados novos heróis, novas relíquias culturais e reconstruídos sítios históricos e templos tradicionais. Nas comunidades das minorias étnicas, campanhas específicas forjaram a união com toda a nação e detonavam o papel multi-étnico do Povo Chinês (*Zhongguo minzui*)⁹⁰.

Em comparação às campanhas propagandistas anteriores do período maoísta, a educação patriótica foi executada de uma maneira muito mais eficiente e sofisticada. O resultado mais importante dela foi a derradeira substituição da doutrina do pensamento marxista por temas patrióticos no imaginário da coletividade chinesa.

Um dos mais importantes resultados do projeto foi trazer alinhamento entre discurso oficial e a maior parte da população, inclusive aos intelectuais que haviam duramente criticado o governo e demandado democracia durante as demonstrações em Tiananmen em 1989. Devido à “Febre Cultural” dos anos 80 pró-ocidente, boa parte da *Intelligentsia* acreditava que um modelo vindo do Oeste seria mais adequado para sanar o hiato econômico chinês com as outras nações e evitar desigualdade social. Mas como Zhao ressalta:

⁹⁰ “Desta forma, a educação patriótica enfatizava que a nação chinesa incluía todos os seus cidadãos da RPC, independentemente de sua etnia. Buscava eliminar focos de nacionalismo étnico enquanto repudiava a idéia de que a história chinesa era meramente *Han*. A educação patriótica reconhecia as diferenças étnicas entre a população chinesa ao mesmo tempo que insistia em todas as nacionalidades serem membros de uma nação maior conectada pelo estado comunista”. (ZHAO, 2004, p. 238) (Tradução da autora).

“However, many of these people began to concur with the communist state that economic development and political stability rather than liberal democracy were most pressing for China. Democracy remained a long-term objective, but many Chinese intellectuals emphasized that they were patriots first and democrats second. (...) Many Chinese youths became concerned more for China as nation facing the possibility of disintegration like the former Soviet Union than for the prospect of democracy. (...) they feared the argument that sudden democratization in China would result in rapid disintegration, as witnessed in the former socialist countries of Eastern Europe.”⁹¹ (2004, p. 242).

⁹¹ “Contudo, muitas dessas pessoas começaram a concordar com o estado comunista sobre o fato de que o desenvolvimento econômico e estabilidade política estavam exigindo atenção imediata na China e não a democracia liberal. A democracia permaneceu um objetivo a longo-prazo, apesar de muitos intelectuais chineses enfatizarem o fato de serem primeiramente patriotas e só então democratas (...) Muitos jovens chineses passaram a se preocupar mais com a China como uma nação enfrentando a possibilidade de desintegração, como a falecida União Soviética, do que com o prospecto de uma democracia (...) eles temiam o argumento de que a democratização repentina na China poderia resultar em uma rápida desintegração, como havia sido testemunhado nos precedentes países socialistas da Europa Oriental.” (Tradução da autora).

05. O Extremo Oriente (China) o Extremo Ocidente (Brasil)

A identidade das nações modernas é por definição “cultural”⁹². Esta identidade nos é inculcada no decorrer de nossas vidas pelos processos de educação formal que passamos e outros elementos simbólicos compartilhados aos quais somos repetidamente apresentados e quase inconscientemente incorporados. A imagem de identidade cultural que adquirimos nos dá as ferramentas necessárias para nos reconhecermos entre nós como um só povo, uma etnia, uma só nação; mas de uma forma também sublime nos dá as ferramentas para identificar quem é o outro, nos diferenciando deles, criando um tapume invisível, mas presente, que nos separa daquele que não somos nós, do diferente.

No relacionamento entre diferentes identidades nacionais, estes elementos de reconhecimento próprio ou de diferenciação do outro podem facilitar este relacionamento ou impor constrangimentos ao desenvolvimento da cooperação. Antagonismos históricos são muito bem arraigados em certas identidades podendo prejudicar relacionamentos mais profundos nos âmbitos culturais, comerciais, científicos ou político. Em contrapartida, simpatias tradicionalmente existentes entre dois povos tendem a facilitar relacionamento e, assim, um aprofundamento neste conhecimento mútuo tende a estreitar os laços entre dois entes, independentemente da distância física.

No caso do atual celebrado relacionamento entre a República Federativa do Brasil e a República Popular da China (RPC) um crescente conhecimento mútuo tem papel protagonista no desenvolvimento de cooperação benéfica para ambas as partes. Wladimir Pomar, em seu artigo “Brasil China: uma parceria estratégica”, ressalta como o desconhecimento mútuo entre estes dois gigantes ainda impõe constrangimentos a um relacionamento mais efetivo. Ele afirma que a partir de um esforço de melhor entendimento

⁹² RESZLER, A. et BROWNING, A. 1980.

da identidade um do outro, as perspectivas de trocas comerciais, culturais e políticas se tornariam mais factíveis beneficiando a estratégia de desenvolvimento de ambos.

Neste capítulo buscarei esclarecer as afinidades culturais entre estas duas nações que neste momento fazem discursos oficiais de cooperação em prol do almejado desenvolvimento. É este desconhecimento que causa entraves e por vezes crises diplomáticas, mas são esforços no sentido de melhor entender nossas afinidades e curiosidades mútuas que nos ajudarão a desenvolver uma parceria que levará a um posicionamento ainda mais independente no atual cenário mundial.

O processo de reforma econômica chinês, iniciado em 1979, é um dos mais importantes eventos da China contemporânea. Com profundo impacto social e econômico (como descrito anteriormente neste trabalho) essa reforma dá largada a um novo capítulo na história chinesa e suas influências têm sido sentidas mundo afora. Durante as últimas décadas muito tem sido discutido sobre este processo de modernização econômica buscando entender o sistema híbrido que os chineses buscam estabelecer: o socialismo de mercado.

Para entender a realidade chinesa é preciso lembrar que por mais de dois mil anos a China teve uma figura imperial traduzida no poder do Estado e que era, ao mesmo tempo autoridade espiritual. O sentimento religioso que as pessoas de outras partes do mundo têm para com um deus, seja no pensamento monoteísta ou politeísta, na China sempre foi dirigido para o imperador. O Confucionismo regula a filosofia das relações humanas chinesas. Em seu âmago está a subserviência dos governados ao governante. De algumas formas isso explica porque tradicionalmente a iniciativa Estatal é tão importante ao desenvolvimento chinês. E assim como em toda a história do País do Centro, na Reforma chinesa o Estado e sua máquina executora têm um papel protagonista na economia, na política e na cultura.

É esta cosmologia⁹³ característica da filosofia de vida chinesa que muito nos intriga no ocidente. Tipicamente teológicos, nossa identidade euro-cristã tem o traço marcante da religião monoteísta em nossa formação (da escolha Única, da resposta Única), ainda que pessoalmente escolhamos não observar religião alguma, ou algum sincretismo, intimamente somos influenciados por este fator. Sinólogos constantemente buscam em seus trabalhos ajudar nessa compreensão do caráter cosmológico da identidade chinesa. Normalmente lançamos mão de uma visão orientalista idílico-pitoresca por não saber como identificar o que é diferente. É necessário contextualizar na realidade deles e contextualizar temporalmente: a RPC também está no século XXI e é bombardeada pelos mesmos elementos da mundialização em curso que nos assombra e, como nós, busca o mesmo desenvolvimento tecnológico, uma melhor inserção internacional, conforto para sua população e melhores oportunidades.

05.1 Brasil: elementos trazidos pela colonização portuguesa

No nosso dia-a-dia lidamos com o que a cultura chinesa nos ofereceu através dos colonos portugueses e missões jesuítas, mas damos por dado tais elementos. O resgate desta história é essencial para o fim do desconhecimento mútuo.

De início, nosso cereal mais comumente consumido é o cereal mais celebrado e importante na cultura chinesa: o arroz. Trazido pelos colonizadores e muito bem aclimatado

⁹³ “O pensamento chinês tradicional é sutil e desconcertante. Sutil porque perpetua uma atitude dos chineses em compreender a realidade natural sem querer sistematicamente reduzi-la à dimensão da razão pensante. Desconcertante porque a filosofia ocidental teve grande dificuldade em não reconhecer nas abordagens da vida individual e social do pensamento chinês, uma autêntica filosofia, mesmo se ela não se exprime sempre segundo os modos habituais das academias advindas da Grécia antiga. Mas o que revolucionou no pensamento chinês é a orientação deste para uma cosmologia e uma ausência de teologia. Confúcio não falava de prodígios ou de manifestações paranormais. (...) O sobrenatural é transformado em *qi* (matéria-energia cósmica), em *yin* e *yang*, em *wuxing* (cinco elementos), ou seja, em forças que atuam no mais profundo da natureza, dificilmente imagináveis, mas compreensíveis pela reflexão aplicada à razão das coisas. No sobrenatural convertido, a dimensão da transcendência torna-se uma dimensão de profundidade na imanência. Mas os chineses diriam ainda de ‘elevação’ até os níveis mais essenciais da distribuição cósmica do que é feito. O sábio mantém o discurso cosmológico, não religioso, e não elabora o conceito de transcendência, como o do divino. (...) Trata-se mais de uma individualização do sobrenatural, do cosmológico, ao nível dos ‘dez mil entes’, ou seja, da manifestação.” (BARBIER, 2003, pp. 189-90).

em nosso território, é essencial na refeição brasileira. Costumes, crenças e saberes oriundos da Ásia (China e Índia) foram introduzidos nas estruturas sociais e culturais do Brasil em formação e ajudaram a promover o nascimento do ser nacional brasileiro diferente daquele do colonizador (CABRAL, 2004, p. 299)⁹⁴.

Escritor, sociólogo, historiador e filósofo social, Gilberto Freyre dedicou muito tempo à questão da influência destes valores orientais na formação brasileira e suas considerações sobre o tema estão presentes em quase toda sua obra. Em uma passagem de *Casa-grande & Senzala* (1933) o autor diz:

“Resta-nos salientar o fato de grande significação na história social da família brasileira, de ter sido o Brasil descoberto e colonizado – do fim do século XVI em diante o Brasil autocolonizou-se, defendendo-se por si mesmo das agressões estrangeiras – na época em que os portugueses, senhores de numerosas terras na Ásia e na África, se haviam apoderado de uma rica variedade de valores tropicais. Alguns inadaptáveis à Europa. Mas todos produtos de finas, opulentas e velhas civilizações asiáticas e africanas. Desses produtos, o Brasil foi talvez a parte do império lusitano que, graças às suas condições sociais e de clima, mais largamente se aproveitou: o chapéu-de-sol, o palanquim, o leque, a bengala, a colcha de seda, a telha à moda sino-japonesa, o telhado de casas caído para os lados e recurvado nas pontas em cornos de lua, a porcelana da China e a louça da Índia. Plantas, especiarias, animais, quitutes. O coqueiro, a jaqueira, a mangueira, a canela, a fruta-pão, o cuscuz. Móveis da Índia e da China.”⁹⁵

Cresce o desejo de conhecimento nosso da China. O processo de Reforma e abertura empreendido pela liderança chinesa acelerou a aproximação entre Brasil e China. O Sinólogo e pesquisador social Severino Cabral identifica uma proliferação dos centros de cultura chinesa, apoiados nas comunidades formadas de chineses de Além-Mar e seus descendentes; em todos os níveis se ampliou a cooperação científico tecnológica entre os dois países, além do empenho governamental de aproximação e harmonização.

⁹⁴ Severino Cabral se refere à influência das missões Jesuítas tanto na Ásia como nas Américas e o intercâmbio de conhecimentos e costumes proporcionado por isso, e também ressalta que: “a evolução do mundo europeu, da Renascença até a época da Ilustração, foi fortemente marcada pelo serviço de tradução [pelos jesuítas] dos clássicos chineses nas línguas européias (latim, francês, italiano, português, espanhol e outras). Nomes da cultura e da civilização européia como Leibnitz e Voltaire, refletiram essa influência e importância, ao reintroduzir em suas concepções as ideias dos filósofos chineses sobre o Estado e a sociedade” (CABRAL, 2004, p. 301).

⁹⁵ In: FONSECA, Edson N. (org). *Gilberto Freyre: China Tropical*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2003, pp.11-2.

E este desejo é compartilhado pelos chineses que têm como princípio confuciano básico de “ser harmônico sem ser idêntico”. Ou seja, uma parceria onde nos reconhecemos, nos entendemos e nos aceitamos.

05.2 Pontos em comum no cenário mundial

“A China é um grande país com uma longa história. As doutrinas propostas pelo antigo sábio Confúcio constituem o mundo ideal chinês: ‘Um mundo de grande harmonia’ e ‘Tudo o que existe sob o céu constitui uma única família’. A China espera se juntar a povos do mundo para promover a causa da paz mundial e o desenvolvimento compartilhado entre nações. Isto é do maior interesse para todas as nações do mundo e dela própria. [...] Defendemos a democratização das Relações Internacionais e a diversidade dos modelos de desenvolvimento.[...] Todas as questões internacionais deverão ser decididas pelo povo da própria nação envolvida, e todas as questões internacionais resolvidas através de negociação entre as nações envolvidas num igual patamar. A China se opõe fortemente à política de hegemonia e de força. Ela declarou repetidamente que jamais buscará a hegemonia e quererá ser uma superpotência. Estes são os princípios diretores que estão por trás da atitude chinesa em relação à cooperação regional e internacional.” (GAO: 2004, p 317)⁹⁶.

O trecho acima é uma ilustração da postura chinesa quanto ao desenvolvimento de sua relação com o Resto do Mundo e seu posicionamento geopolítico. Pessimistas de plantão e teóricos da conspiração não podem conceber que um ator do peso da China defenda uma ordem não hegemônica, alegando ser apenas retórica ou uma estratégia de dominação. Todavia a postura chinesa pacifista, contra-hegemônica, de autodeterminação e de desenvolvimento independente é similar a tradicional posição do Brasil e verdadeiramente uma estratégia de proteção contra a dominação de outrem. Defendendo estes pontos e pleiteando uma ordem mundial mais justa, ambos países defendem a si próprios, sua autodeterminação, seu próprio desenvolvimento, a paz para seus cidadãos. Relendo o parágrafo acima, fazendo adaptações filosóficas históricas e mudando o nome do país em questão para Brasil temos uma imagem espelhada da posição brasileira defendida

⁹⁶ O professor Gao Xian é Secretário-geral do Centro Chinês para Estudos do Terceiro Mundo, e membro da Academia Chinesa de Ciências Sociais. Autor de *Third World agricultural development and China's agricultural reform* (1988), *Political structural reform: process of democratisation in China* (1989), *Exploring theories for Third World development* (1992), entre outros.

repetidamente em fóruns internacionais desde Barão do Rio Branco, “timoneiro” de nossa diplomacia e referência na formulação da Política Externa Brasileira.

Constatamos convergência teórica no cenário mundial, e para alcançarmos nossos objetivos é essencial a parceria estratégica entre “o maior país em desenvolvimento do hemisfério oriental com o maior país em desenvolvimento do hemisfério ocidental”. O embaixador brasileiro Edmundo Sussumu Fujita, diretor geral do Departamento de Ásia e Oceania do Itamaraty, considera essa parceria estratégica “um modelo de cooperação entre dois países em desenvolvimento, uma tentativa de se estabelecer uma mais igual e democrática ordem internacional no novo século”(2003, p. 64).

Para o embaixador Fujita, três vertentes teriam papel principal nesta cooperação: política, econômica e científico-tecnológica. A agenda internacional de ambos países é muito convergente, na política, as lideranças dos dois países têm se visitado e criado mecanismos de consulta e diálogo para aproximar-se ainda mais. Gradualmente, mas de forma crescente, as trocas comerciais entre os dois países aumentaram seu valor agregado, incluindo bens cada vez mais elaborados e também encontrando mais pontos de complementaridade entre as duas economias. Agricultura, aviões, minério, *hardware*, *software*, construção civil, transporte e outros nichos evoluíram para modalidades cada vez mais sofisticadas de parcerias. Ambos governos buscam resolver questões legais que constroem este relacionamento econômico e na questão científico tecnológica encontramos “um exemplo ímpar de parceria Sul-Sul numa área estratégica que é a de alta tecnologia”. A cooperação econômico-política, vem combinada com transferência e desenvolvimento conjunto de tecnologia. Brasil e China, os melhores representantes do projeto de cooperação Sul-Sul⁹⁷.

⁹⁷ Em dezembro de 2003, o grupo dos 77 em Marrakesh, assinou um compromisso de ajuda mútua entre os signatários. A Cooperação Sul-Sul não seria uma opção, mas mandatária para complementar a relação Norte-Sul para que todos os países atinjam as Metas de Desenvolvimento do Milênio, acordadas pelos 189 estados membros na Declaração do Milênio, na ONU, em 8 de setembro de 2000.

05.3 A intimidade com o outro

Nós, brasileiros, somos um país continente que de tantas identidades que temos somos uma só grande identidade mista, híbrida e colorida. Vivemos em paz com nós mesmos e com nossos vizinhos. Somos o Extremo Ocidente⁹⁸ também idealizados pelo velho mundo, caracterizado tantas vezes de forma lírica ou pitoresca, mas poucas vezes julgados de forma merecida por nosso esforço e capacidade. Todos os dias batalhamos por uma igualdade social mais justa. Um desejo otimista talvez, mas normalmente um traço da identidade do brasileiro, da brasilidade onde de certa forma nos reconhecemos por este jeito de olhar a vida vivo e fraterno.

Diante de nós, vem o Extremo Oriente, a China, com um discurso convergente e propostas reais para diminuir a pressão que o relacionamento vertical das últimas décadas do século XX impõem aos países em desenvolvimento. Sua proposta é de parceria, uma ação conjunta que arriscaríamos desperdiçar por alegações de incompatibilidades ideológicas, ou desconhecimento mútuo.

Conhecendo melhor o outro, aprofundaremos o relacionamento e ultrapassaremos as barreiras que nos separam. A esperança do relacionamento Sul-Sul se renova e encontra apoiadores sedentos por uma efetivação destes ideais já em voga desde Bandung, em 1955.

Preocupar-se em encontrar as afinidades entre os dois países continentais como Brasil e China e melhorar o entendimento geral entre ambos é só mais um passo no caminho escolhido por ambos de, a despeito da distância, estabelecer-se resultados, e não mais perspectivas para um frutífero relacionamento Brasil-China.

⁹⁸ Termo cunhado por Gilberto Freyre.

06. Considerações finais.

“It is conceivable that the West and the East will again trade places in the global economy and in the world society in the not too distant and already dimly foreseeable future. (...) These contemporary developments and future prospects demand new and better social theory to comprehend and to offer at least some modest guide to social policy and action.”⁹⁹ (ANDRE GUNDER FRANK, **Reorient**, 1998, p. 320).

No decorrer deste trabalho, uma análise descritiva da atual sociedade chinesa buscou identificar sua identidade nacional e transformações internas impulsionadas pela globalização e pelo processo de modernização econômica e social. O sentimento de amor à pátria (*ai guó*), a nova revolução cultural, o discurso oficial e o debate interno chinês foram abordados para trazer ao leitor um entendimento endógeno da RPC. Autores chineses trouxeram sua visão da problemática em diálogo com sinólogos. Desta maneira a comprovação das hipóteses do trabalho é endossada por atores pertencentes ao objeto analisado.

Cinquenta anos de aplicação sistemática dos fundamentos modernos trouxeram transformações profundas à identidade chinesa; eles se reinventaram e repensaram sua história, sua coesão como povo que hoje tem bases distintas do culturalismo anterior e é retro-alimentada pelo Estado. Nesta mudança, modernidade e globalização foram protagonistas no processo de amadurecimento de sua sociedade e na sua visão de mundo. O Estado, juntamente com a sociedade civil em formação na China, trabalham por uma agenda internacional onde possam existir prosperamente. Seu crescente sentimento nacionalista só reafirma o pacto social com seu Estado e com sua nova doutrina.

O objetivo geral da dissertação foi alcançado. A análise descritiva feita procurou atender aos objetivos específicos de identificar as atuais características sociais chinesas contrapondo-as aos modos tradicionais com a intenção de demonstrar transformação social. O

⁹⁹ "É sensato que o Leste e o Oeste venham uma vez mais trocar de lugar na economia global e na sociedade mundial em um não muito distante e já provável futuro (...) Esses desenvolvimentos contemporâneos e prospectos futuros demandam novas e melhores teorias sociais a fim de compreender e oferecer ao menos um guia modesto para ação e políticas sociais." (Tradução da autora).

novo pacto social forjado entre governantes e governados foi identificado, justifica o otimismo social e explica a atitude do Estado chinês de posicionar-se como guardião da força e do orgulho nacional.

Por fim, o trabalho trouxe ao leitor o posicionamento internacional da RPC e também características favoráveis de sua parceria com nosso país, Brasil. Identificar aos pontos existentes de afinidade cultural e política impulsiona o relacionamento e diminui as incertezas. Na esperança de contribuir para o estreitamento de nosso povo com o povo chinês em um mundo futuro menos desigual e orientado por políticas coletivistas, a mensagem final está em concordância com o atual presidente chinês Hu Jintao quando de sua visita ao Brasil, em 2004. Falando ao Congresso brasileiro em 12 de novembro daquele ano, disse:

“30 anos atrás, o estabelecimento das relações diplomáticas entre a China e o Brasil deu lugar a uma aproximação histórica entre os maiores países em via de desenvolvimento localizados nos hemisférios oriental e ocidental respectivamente. 30 anos depois, estamos desenvolvendo uma associação estratégica de crescente teor substancial. Nos assuntos internacionais cooperamos estreitamente e nos apoiamos mutuamente para promover a implantação de uma nova ordem política e econômica internacional que seja justa e razoável; e com nossa pujante e próspera cooperação econômica, China e Brasil se converteram nos sócios comerciais mais importantes de uma região para a outra. Nossa fecunda colaboração nos projetos de satélites e aviões de vôo regional merece ser qualificada como um excelente exemplo para a cooperação Sul-Sul de alta tecnologia. A cultura chinesa e a brasileira competem em beleza e esplendor e se realçam reciprocamente. Graças aos nossos esforços, a amizade tradicional que une os dois povos vem crescendo dia-a-dia. (...)”

Coincidimos que o estreitamento da associação estratégica entre a China e o Brasil não somente resultará em benefício à prosperidade e ao progresso dos dois países, além de contribuir também à salvaguarda da paz mundial e à promoção do desenvolvimento comum. Tenho profunda convicção que com esforço mútuo, as relações sino-brasileiras têm assegurado um futuro promissor”.¹⁰⁰

Ter uma visão otimista e realística do mundo à frente é essencial para moldá-lo ao propósito de paz e justiça social. Assumir nossa posição de país em desenvolvimento industrializado e identificar nossas potencialidades e parceiros ao nosso projeto de mundo é essencial para fazermos uso das ferramentas que temos disponíveis.

¹⁰⁰ “Acreditemos em uma nova perspectiva para a amizade entre a China e a América Latina e Caribe.” Discurso do presidente da República Popular da China, Hu Jintao ante ao Congresso Nacional Brasileiro, em 12 de novembro de 2004.

A academia brasileira abre caminho apoiando trabalhos como este de pesquisa científica histórico-política sobre a vedete das relações internacionais na atualidade, a China. Há muito por ser debatido e analisado para oferecermos, em português, trabalhos acadêmicos sobre as várias nuances do desenvolvimento sócio-cultural-político chinês. O legado ideológico que a experiência política e social chinesa do século XX nós deixará, agrega importância a qualquer projeto de pesquisa sobre o desenvolvimento das idéias humanas.

Desta forma, a mensagem final do trabalho é que ele sirva como mais uma pedra fundamental no nosso entendimento das possibilidades distintas de desenvolvimento que uma civilização pode seguir. Caminhos são tortuosos, mas consistência ideológica nos planos de futuro para o povo governado é essencial. Que fique de exemplo para cada um de nós a necessidade de ideologia e estrutura social coesa e coerente para qualquer projeto-nação que seja consistente e viável.

07. ANEXOS.

07.1 ANEXO 1.

China: Administration



801668 (541790) 1-91

Province-Level Names

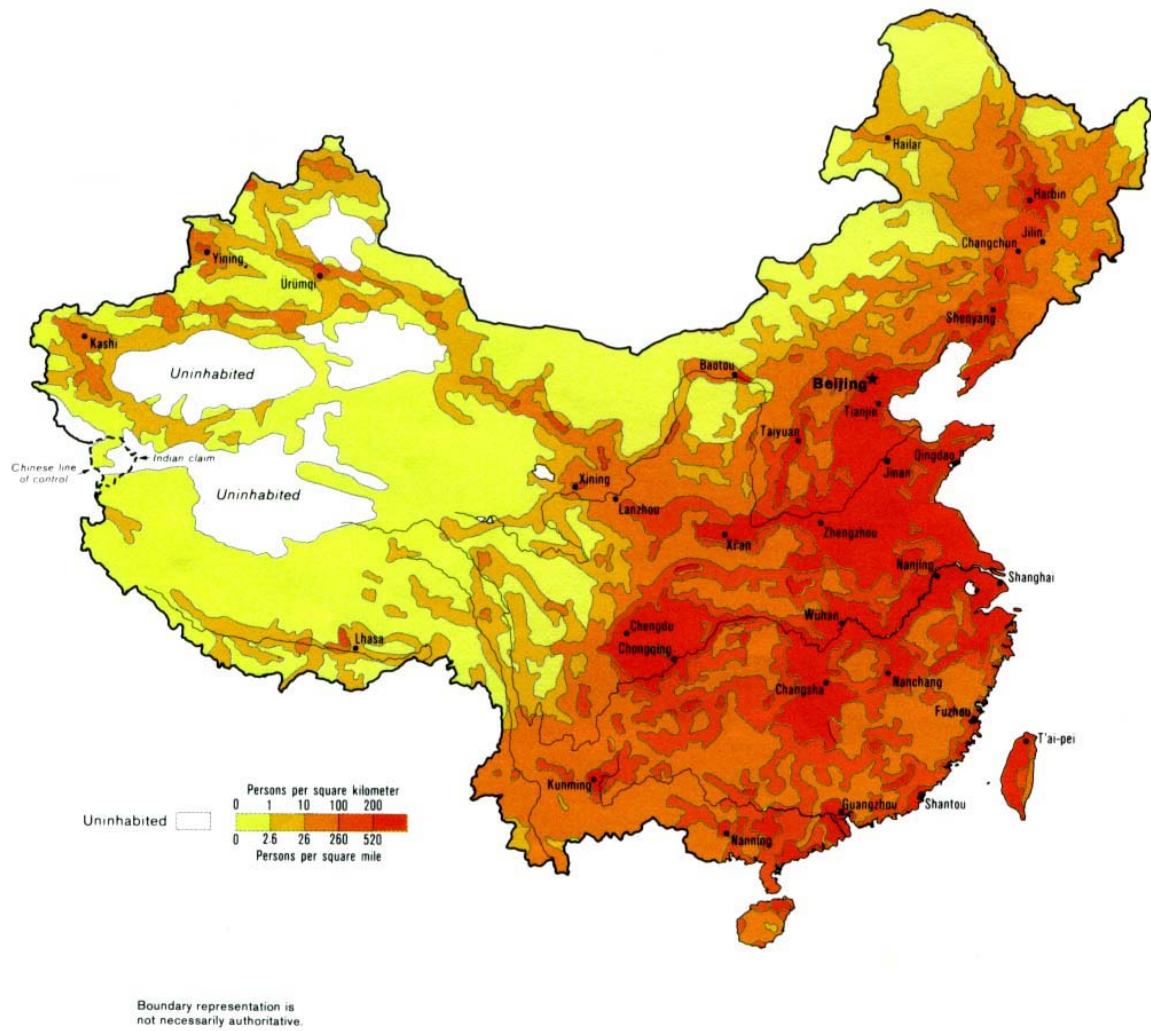
Characters	Pinyin	Pronunciation	Characters	Pinyin	Pronunciation
安徽	Anhui	ahn-way	辽宁	Liaoning	lee_ow-ning
北京	Beijing	bay-jing	内蒙古	Nei Mongol	nay-mung-goo
福建	Fujian	foo-jee_en	宁夏	Ningxia	ning-she_ah
甘肃	Gansu	gahn-soo	青海	Qinghai	ching-hi
广东	Guangdong	g_wong-doong	陕西	Shaanxi	shun-she
广西	Guangxi	g_wong-she	山东	Shandong	shahn-doong
贵州	Guizhou	g_way-joe	上海	Shanghai	shong-hi
海南	Hainan	hi-nan	山西	Shanxi	shahn-she
河北	Hebei	huh-bay	四川	Sichuan	ssu-ch_wan
黑龙江	Heilongjiang	hay-loong-jee_ong	天津	Tianjin	te_en-jin
河南	Henan	huh-nan	新疆	Xinjiang	shin-jee_ong
湖北	Hubei	hoo-bay	西藏	Xizang	she-dzong
湖南	Hunan	hoo-nan	云南	Yunnan	yu_oon-nan
江苏	Jiangsu	jee_ong-su	浙江	Zhejiang	juh-jee_ong
江西	Jiangxi	jee_ong-she			
吉林	Jilin	jee-lynn	台湾	Taiwan	tie-wan

fonte: Biblioteca de mapas digital Perry-Castañeda

07.02 ANEXO 2

Mapa demográfico

China: Population Density



fonte: Biblioteca de mapas digital Perry-Castañeda

07.03 ANEXO 3

Discurso do presidente chinês Jiang Zemin, de 12 de outubro de 1992, por ocasião do 14º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês (PCC)¹⁰¹:

“Camaradas:

O 14º Congresso Nacional do Partido Comunista da China se realiza em uma nova situação, caracterizada pela aceleração da reforma e abertura e da modernização do país. Agora, em nome do 13º Comitê Central, venho apresentar um informe frente ao congresso.

Este congresso tem a seu encargo uma missão histórica de grande transcendência. Nele depositam as esperanças os camaradas de todo o Partido e o povo das diversas etnias do país, e a este acontecimento estão atentos os amigos de outros países do mundo que se interessam pela situação da China. Estamos convencidos de que, graças ao esforço comum de todos os delegados, nosso congresso será, sem dúvida alguma, de unidade e de vitória. (...)

As importantes observações do camarada Deng Xiaoping, feitas no começo deste ano em seu giro pela inspeção pelo sul do País, encorajaram muito as diversas etnias. Tem se emancipado ainda mais a mente dos quadros e das massas populares e se revigorado ainda mais seu moral; todos estão unidos como um só homem e apresentam-se com maior nitidez num panorama grandioso e animador para a materialização das grandes idéias da Nação Chinesa.(...)

Na história do nosso Partido, sob o comando da primeira geração de direção coletiva central, com o camarada Mao Tsé-tung como núcleo, todo o Partido e o povo das diversas etnias conquistaram, após uma luta prolongada, a vitória da revolução da nova democracia, e estabeleceram, depois de um tempo, o sistema básico do socialismo, emancipando e desenvolvendo as forças produtivas, o que transformou a velha China – país semicolonial e semifeudal que durante mais de cem anos foi vítima de agressões e humilhações por parte de países estrangeiros – em uma nova China, independente e socialista, em que o povo é o dono de seu próprio destino. Esta revolução, a maior já ocorrida na China, abriu uma nova era nos anais da nossa história. **Sob o comando da segunda geração de direção coletiva central, tendo o camarada Deng Xiaoping como núcleo, todo o Partido e o povo das diversas etnias do país iniciaram outra revolução, que tem como objetivo emancipar e desenvolver ainda mais as forças produtivas e, mediante esforços prolongados, transformar a China, socialista mas subdesenvolvida, em um país socialista moderno, próspero, poderoso, democrático e civilizado, fazendo valer assim plenamente a superioridade do socialismo na China.** Esta nova revolução é conduzida sobre a base do triunfo

¹⁰¹ In: JIANG Zemin (2002).

alcançado na revolução anterior e dos grandes êxitos já alcançados na construção socialista, e se realiza de forma bem ordenada e metódica, sob a direção do nosso Partido. Não está chamada a alterar a natureza do nosso sistema socialista, mas representa seu auto-aperfeiçoamento e o autodesenvolvimento; tampouco consiste em remendar os detalhes secundários da estrutura econômica existente, mas introduzir nela uma mudança de forma radical. A estrutura econômica existente, que teve uma origem histórica, desempenhou um importante papel positivo em seu tempo, mas, à medida que mudam às condições, adaptam-se cada vez menos as exigências da modernização do País. A mudança mais profunda trazida pela reforma dos últimos 14 anos consiste em que se tem desatado numerosas amarras que prendiam o pensamento das pessoas e da estrutura institucional, colocando em jogo o entusiasmo das grande massas populares, e na China, país com 1,1 bilhão de habitantes, está se construindo um socialismo cheio de vitalidade.(...)

Vendo retrospectivamente o trajeto percorrido nos últimos 14 anos, tivemos em nosso trabalho também desacertos e desvios, e agora continuamos enfrentando numerosas dificuldades e problemas, as massas populares ainda expressam queixas que não são poucas e sentem-se descontentes em alguns pontos. **No entanto, em termos gerais, e um fato reconhecido por todo o Partido e todo o povo, que estes 14 anos foram um período em que realmente concentramos esforços em levar a cabo a modernização socialista e foi o período em que mais se elevou o nível de vida do povo,** o que nos permitiu criar uma nova situação na história, obter êxitos dignos de atenção de todo o mundo a granjear ao Partido o apoio das amplas massas populares.

O fato de que nosso Partido pode obter tais êxitos se devia, essencialmente, a que nestes 14 anos de grandiosa prática empenhava-se em integrar os princípios básicos do marxismo com a realidade específica da China, configurando e desenvolvendo gradualmente a teoria sobre a construção do socialismo tipo chinês.

Nos pouco mais de cem anos transcorridos desde a publicação do “Manifesto do Partido Comunista”, o triunfo da Revolução de Outubro, na Rússia, a vitória da revolução chinesa e a de outros países demonstraram que, dirigindo o povo, o proletariado pode ter êxito na conquista do poder. E quanto a como construir o socialismo, também foram conquistados imensos sucessos e experiências valiosas; mas, de modo geral, ainda se necessita realizar profundas pesquisas a esse respeito. As drásticas mudanças observadas nos últimos anos no nível internacional nos convidam a refletir ainda mais sobre a questão. O Partido Comunista da China tem persistido em atuar com independência e autonomia na revolução e na construção, e tem sustentado que o destino do socialismo na China depende, em última análise; de nós mesmos; da teoria e da linha do Partido; e da unidade e da luta deste junto ao povo. Nos últimos 14 anos, a nova situação criada pelo socialismo e os novos resultados obtidos por este na China nos fazem notar ainda mais, mediante a comparação com o sucedido na história e uma observação dos acontecimentos internacionais, que a teoria do nosso Partido sobre a construção do socialismo do tipo chinês é acertada e corresponde aos interesses e às demandas da imensa maioria do povo. Pela primeira vez esta teoria, tomando como base o marxismo e

desenvolvendo-o com novos conceitos e perspectivas, deu uma resposta preliminar e relativamente sistemática a uma série de questões básicas sobre como construir um socialismo e consolidá-lo em uma país comparativamente atrasado nos aspectos econômico e cultural como a China.

O conteúdo principal da teoria sobre a construção do socialismo do tipo chinês consiste no seguinte:

Em relação ao caminho de desenvolvimento do socialismo, optamos por seguir nossa própria trilha, em vez de tomar como dogmas o que foi escrito nos livros ou copiar ao pé da letra modelos estrangeiros e, orientando-nos pelo marxismo, tomando a prática como único critério para comprovar a verdade, emancipando a mente, buscando a verdade nos fatos e respeitando a iniciativa das massas, vamos construindo o socialismo tipo chinês.

Em relação à etapa atual do desenvolvimento do socialismo, formulamos a conclusão científica de que nosso país se encontra ainda na fase inicial do socialismo, e **enfatizamos que se trata de uma etapa histórica muito longa que durará pelo menos cem anos** e que, para a elaboração de toda a orientação política, devemos fundar-nos na dita realidade básica nacional, e não apartar-nos dela, saltando estas etapas.

Em relação à tarefa fundamental do socialismo, assinalamos que a essência dele consiste em emancipar as forças produtivas, desenvolvê-las, eliminar a exploração e a polarização e alcançar, finalmente, a prosperidade comum. Acentuamos que na etapa atual, a contradição principal da sociedade chinesa é a existente entre as crescentes necessidades materiais e culturais do povo e o atraso na produção social, com o que é necessário atribuir importância primordial ao desenvolvimento das forças produtivas e impulsionar o progresso social em todos os seus fundamentos, concentrando-se na construção econômica. Em nosso trabalho de diversos domínios, o critério para julgar se algo é correto ou errado, proveitoso ou desvantajoso, consiste, em última análise, em saber se favorece ou não ao desenvolvimento das forças produtivas da sociedade socialista, o fortalecimento do poderio integral do nosso país socialista e a elevação do nível de vida do povo. A ciência e a tecnologia são a primeira força produtiva, e a construção econômica deve sustentar-se no progresso científico e na elevação da qualidade dos trabalhadores.

Com relação à força motriz do desenvolvimento do socialismo, frisamos que a reforma é também uma revolução, também significa emancipar as forças produtivas e parte do caminho necessário à modernização da China, e que o retardamento ou estancamento não nos levarão a lugar algum. A reforma da estrutura econômica tem como objetivo criar e aperfeiçoar a estrutura de uma economia de mercado socialista, mantendo com firmeza principalmente a propriedade pública e o princípio de “cada um de acordo com seu trabalho”, e tomando como complemento outros elementos da economia e outras modalidades de distribuição. A reforma da estrutura política, por sua vez, tem como objetivo desenvolver a democracia política socialista, concentrando-se no aperfeiçoamento do sistema de assembléia popular e no sistema de cooperação multipartidária e de consulta política dirigidas pelo Partido Comunista. **E, em concordância com a reforma e o desenvolvimento político**

e econômico, há que se fomentar espiritualmente a civilização socialista tendo como meta a formação de pessoas “dotadas de elevados ideais, integridade moral, ampla cultura e profundo sentido de disciplina”.

Em relação às condições externas da construção socialista, assinalamos que a paz e o desenvolvimento constituem os dois temas principais que o mundo enfrenta hoje. É necessário persistir em uma política exterior de paz, independência e autonomia, a fim de conseguir um ambiente internacional favorável à modernização do nosso país. Acentuamos que a abertura ao exterior é indispensável para a reforma e a construção, e que é preciso assimilar e utilizar todos os frutos alcançados procedentes das civilizações dos diversos países do mundo, incluídos os capitalistas desenvolvidos, para desenvolver o socialismo, pois se manter isolado só pode levar ao atraso.

Com relação à garantia política para a construção socialista, mencionamos a necessidade de persistir no caminho socialista, na ditadura democrática popular, na direção do Partido Comunista da China e no marxismo-leninismo e no pensamento de Mao Tsé-tung. Esses quatro princípios fundamentais, ao mesmo tempo em que constituem a base para a existência do nosso Estado e a garantia para o desenvolvimento saudável da reforma e abertura da modernização, adquirem destas últimas um novo conteúdo característico da época.

Com relação aos passos estrategicamente necessários à construção socialista, planejamos três passos sucessivos para concretizar, fundamentalmente, a modernização. É necessário aproveitar oportunamente o momento propício para que, ao longo do processo da modernização, haja várias etapas em que o ritmo de crescimento seja mais ou menos acelerado e que se obtenha uma rentabilidade relativamente boa, de modo que em cada quinquênio e de tempos em tempos nos situemos em um nível superior. Pobreza não é socialismo; é impossível, por outro lado, que todos alcancem a prosperidade ao mesmo tempo, é necessário permitir e estimular algumas regiões e pessoas a alcançarem antes das outras; de maneira que, com seu exemplo, possam impulsionar ainda mais outras áreas e indivíduos a atingirem progressivamente a prosperidade comum.(...)

A teoria sobre a construção do socialismo do tipo chinês se formou e se desenvolveu como resultado de um processo gradual transcorrido em condições históricas em que a paz e o desenvolvimento chegaram a ser os temas principais da época, no processo da reforma e abertura e da modernização socialista no nosso país e, com base na sintetização das experiências históricas dos êxitos e reveses do socialismo do nosso país e na observação da prosperidade e decadência ou dos êxitos e fracassos em outros países socialistas. É o produto da integração dos princípios básicos do marxismo-leninismo com a realidade e as características da época da China atual, a continuação e o desenvolvimento do pensamento de Mao Tse-tung, a cristalização da sabedoria coletiva de todo o Partido e do povo de todo o país, e o patrimônio espiritual mais valioso do Partido Comunista da China e do povo chinês. O camarada Deng Xiaoping é o arquiteto geral da reforma e abertura e da nossa modernização socialista. Ele respeita a prática e as massas populares, em todo o momento segue de perto os interesses e as aspirações das mais amplas massas populares, sabe resumir as experiências

e criações destas, mantém-se perspicaz à corrente das exigências da época em seu desenvolvimento e nos momentos cruciais, e não somente sabe herdar o legado dos antepassados, mas também rompe os preconceitos antiquados, mostrando uma enorme audácia política ao desdobrar novos caminhos para a construção socialista e uma imensa coragem teórica ao abrir novos horizontes ao marxismo, o que lhe permitiu fazer importantes contribuições históricas para a criação da teoria sobre a construção do socialismo tipo chinês. (...)”

08. Referência Bibliográfica

ALVES, Leonardo Pace. **Análise da literatura estadunidense sobre a política externa chinesa na década de 1980**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Rio de Janeiro: Instituto de Relações Internacionais/PUC-Rio, 2000.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly J. **Caos e governabilidade no moderno sistema mundial**. Rio de Janeiro: Contraponto/editora UFRJ, 2001.

BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BAUER, Otto. “A nação” (1924). In: **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. pp. 45-84.

BARBIER, René. “Do pensamento Chinês” In: **Ásia, América Latina e Brasil: a construção de parcerias**. Brasília: UNB/NEÁSIA/CEAM, 2003, pp. 189-214.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernity and ambivalence**. Nova York: Cornell University Press, 1991.

BECKER, Jean-Jacques. “Marxismo e comunismo na história recente”. In: **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999, pp. 61-72.

BELLUCCI, Beluce (org.). **Abrindo os olhos para China**. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2004.

BID. **Globalization, growth and poverty**. Research Report. New York: 2002.

CABRAL, Severino. “O diálogo Brasil-China: perspectivas para o século XXI”. In: **Abrindo os olhos para a China**. Rio de Janeiro: UCAM, 2004, pp 297-316.

CHO-YUN Hsu. “Reflections on Marginality”. In: **The living tree: the changing meaning of being Chinese today**. Stanford: Stanford, 1994. pp. 239-41.

CHUN Lin. “Situating China”. In: **El mundo actual: situación y alternativas**. México: Centro de Investigaciones interdisciplinares en humanidades/UNAM, 1994.

CUI Zhiyuan. “O papel do Estado na economia: um exame teórico sobre o caso chinês”. In: **Brasil, México, África do Sul, Índia e China: diálogo entre os que chegaram depois**. São Paulo: Unesp, 2002, pp 251-274.

DE MASI, Domenico. “O que a China tem?” In: **Revista Época**. São Paulo: Globo, 9 de abril de 2007.

DECISION del comité central del partido comunista de China sobre la reforma de la estructura económica. Documentos de China. Pequim: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1984.

CHEN Duqing. “Os cinquenta anos da República Popular da China”. In: **Network**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos das Américas/ CEAs, Outubro / novembro / dezembro 1999, pp. 1-2.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1999, 15ª edição.

EL SISTEMA de elecciones a la Asamblea Popular China. In: **China hoy**, Pequim: março 2003, pp 12-13.

ENCICLOPÉDIA do mundo contemporâneo. 3ª edição revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Terceiro Milênio, 2002.

FU, Feng-cheng. **La reforma económica de los comunistas chinos vista de la experiencia de reforma económica de otros países comunistas**. China: La liga Mundial Anticomunista, 1987.

FMI. **Economic Reform in China: a new phase**. Washington, novembro 1994.

FONSECA, Edson N. (org). **Gilberto Freyre: China Tropical**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.

FUJITA, Edmundo. “O Brasil e a China: uma parceria estratégica modelar”. In: **Política Externa**. São Paulo: Paz e Terra, Março/Abril/Maio 2003, vol.11, nº 4, pp 59-70.

FRANK, Andre G. **Reorient: global economy in the Asian age**. Berkeley: UCLA, 1998.

FREYRE, Gilberto. **China tropical**. Brasília: UnB, 2003.

GAO XIAN. “A recentralização asiática e o papel da China”. In: **Globalização e regionalização: hegemonia e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2004

GAONKAR, Dilip P. **Alternative modernities**. Londres: Duke, 2001.

GELLNER, Ernest. “o advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe” (1993). In: **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. pp. 107-154.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GRANET, Marcel. **O pensamento chinês**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 .

HAESBAERT, Rogério. **China: entre o oriente e o ocidente**. São Paulo: Ática, 1994.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP e A, 2000.

HOBSBAWN, Eric et RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e Nacionalismos desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOOVELT, Ankie. **Globalization and the Postcolonial world: the new political economy of development**. Macmillan Press: 1997.

HROCH, Miroslav. “Do movimento nacional à nação plenamente formada: o processo de construção nacional na Europa” (1993). In: **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. pp. 85-106.

HUI Huang. “Overseas studies and the rise of foreign cultural capital in modern China”. In: **International Sociology**. London: SAGE, Março 2002, pp. 35-55.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

CHEN Jinhua. “Introduction: basic experience of China’s economic transition over the past 20 years”. In: **China’s economic transformation over 20 years**. Pequim: FLP, 2000, pp. 5-64.

LENIN, Vladimir. “Sobre o direito das Nações a auto-determinação”. In: **Obras escolhidas**. Volume 1. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. pp 509-553.

LIN, Justin Y. “Rural reforms and Agricultural growth in China”. In: **The american economic review**. Whashington: Março 1992, vol.82, pp 34-51.

LIU Kang. **Globalization and cultural trends in China**. Honolulu: University of Hawai’I Press, 2004.

LIU Rong Chang. **Zhong guó: zuo xing 21 shì jì de gong gong zhèng cè xuan zé**. Pequim: SSDPH, 1999. Volumes 1 e 2.

LORD Acton. “Nacionalidade” (1862). In: **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. pp. 23-44.

MADDISON, Angus. **Chinese economic performance in the long run**. Paris: OCDE, 1998.

MADDISON, Angus. **The world economy: a millennial perspective**. Paris: OECD, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Reimpressão. Porto Alegre: L&PM, 2002.

MEDEIROS, Carlos Aguiar. “Economia e política do desenvolvimento recente na China”. In: **Revista de Economia Política**. Vol. 19, no 3. São Paulo: julho-setembro 1999, pp. 92-112.

MEZZETI, Fernando. **De Mao a Deng: a transformação da China**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

- MICHELET, Jules. **Le peuple** (1846). Paris: Grands Ecrivains, 1987.
- ORTIZ, Renato. **Cultura e Identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- LI Peilin. “Economic transition, social transformation and social policy option”. In: **Zhong gúo**: zuo xing 21 shì jì de gong gong zhèng cè xuan zé. Pequim: SSDPH, 1999, volume 1, pp 19-45.
- PINTO, Paulo Antonio P. **A China e o sudeste asiático**. Porto Alegre: UFRGS. 2000.
- POMAR, Wladimir. “China: alguns problemas teóricos e práticos”. In: **Network**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos das Américas/CEAs, outubro/novembro/dezembro 1999, pp 4- 5.
- POMAR, Wladimir. **A revolução chinesa**. São Paulo: UNESP, 2003.
- POMAR, Wladimir. “Brasil-China: uma parceria estratégica”. In: **Abrindo os olhos para a China**. Rio de Janeiro: UCAM, 2004, pp 9-24.
- PROCÓPIO, Argemiro. “China em tempos de mudança”. In: **Relações Internacionais: visões do Brasil e da América Latina**. Brasília: IBRI, 2003.
- PRYBYLA, Jan S. “China’s economic experiment: from mao to market”. In: **Problems of comunism**. Washington: janeiro-fevereiro 1986, pp. 21-38.
- PYE, Lucian W. “China: erratic State, Frustrated Society”. In: **Foreign Affairs**. Washington: outono 1990, volume 69, número 4.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **A construção do socialismo na China**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- RÉMOND, René. “Uma história presente”. In: **Por uma história presente**. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2003, pp. 13-36.
- RENAN, Ernest. “O que é uma nação?” (1882). In: **Nacionalidade em questão**. Rio de Janeiro: UERJ, Cadernos da Pós/Letras, 1997. pp. 12-43.
- RENOUVIN, Pierre, DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Introduction à l’histoire des relations internationales**, Paris: Armand Colin, 1964.
- RESZLER, André et BROWNING, Alison. “Identité culturelle et relations internationales: Libres propôs sur un grand thème”. In: **Relations Internationales**. Paris: IHRIC, Inverno 1980, n. 24, pp. 381-99.
- RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1985.
- SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SHAOZHI, Su. “Develop marxism under contemporary conditions”. In: **Selected writings on studies of Marxism**. Pequim: Institute of Marxism-Leninism-Mao Zedong Thought/CASS, 1983.

SHAOZHI, Su. “Prospect for socialism as viewed from China’s experience and lessons”. In: **Selected writings on studies of Marxism**. Pequim: Institute of Marxism-Leninism-Mao Zedong Thought/CASS, 1985.

SHI, Qin. **China**. Pequim: Nova Estrela, 1997.

SOLINGER, Dorothy J. “Capitalist mesuares with chinese characteristics”. In: **Problems of communism**. Washington: janeiro-fevereiro 1989, pp 19-33.

SPANO, Andrew J. “Four modernizations that China needs”. In: **Problems of communism**. Washington: setembro-outubro 1990, pp 66-74.

SPENCE, Jonathan D. **Em busca da China moderna**: quatro séculos de história. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

T. SHI. “Economic development and village elections in rural China”. In: **China and democracy**: reconsidering the prospects for a Democratic China. Nova York: Routledge, 2000, pp. 233-52.

TREVISAN, Cláudia. **China**: o renascimento do império. São Paulo: Planeta, 2006.

TU Wei-ming. **The living tree**: the changing meaning of being Chinese today. Stanford: Stanford, 1994.

WANG, Gungwu. “Among non-Chinese”. In: **The living tree**: the changing meaning of being Chinese today. Stanford: Stanford, 1994, pp 127-46.

WANG Hui. **China’s new order**: society, politics, and economy in transition. Massachusetts: Harvard, 2003.

WANG L. Ling-chi. “Roots and changing identity”. In: **The living tree**: the changing meaning of being Chinese today. Stanford: Stanford, 1994, pp 185-212.

WANG Ning, **Globalization and cultural translation**. Cingapura: Marshall Cavendish, 2004.

WEIMIN, Mo. “Modernization: China and the west”. In: **Philosophy and modernization in China**. Washington: RPV, 1997. Volume 13, pp 2-12.

WORLD Development Indicators CD-ROM. Banco Mundial, fevereiro 1997.

DENG Xiaoping. **Construir un socialismo con peculiaridades chinas**. Pequim: Ediciones en lenguas extranjeras, 1985.

DENG Xiaoping. **Les questions fondamentales de la Chine aujourd’hui**. Pequim: Editions en langues étrangères, 1987.

YAN, Wu. “20 años de economía china no estatal”. In: **China hoy**, Pequim: agosto 2002, pp 10-13.

YUSUF, Shahid; CARDOSO, Eliana. “Capitalismo vermelho: crescimento e inflação na China”. In: **Política Externa**. Vol. 3. São Paulo: junho 1994, pp 34-47.

JIANG Zemin. **Reforma e construção da China**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ZHANG Xueying. “Be cool, be cute, be different”. In: **China Today**. Pequim: Foreign Languages Press, junho de 2005, pp 10-7.

ZHAO Suisheng (org.). **China and democracy: reconsidering the prospects for a democratic China**. Nova York: Routledge, 2000.

ZHAO Suisheng. **A Nation-State by construction: dynamics of modern Chinese nationalism**. California: Stanford University Press, 2004.

ZHENG, Yongnian. **Discovering Chinese Nationalism in China: Modernization, Identity, and International Relations**. Reino Unido: Cambridge University Press, 1999.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)